

UGO VOLLI

A LINGUAGEM DA ASTROLOGIA



O
PONTO
LIVROS

20
ANOS

Joaquim Nabuco,
150
Brooklin - S. Paulo

Fone: 241-5744

**A LINGUAGEM
DA ASTROLOGIA**

UGO VOLLI

**A LINGUAGEM
DA ASTROLOGIA**

EDITORIAL  PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *Il Linguaggio deli' Astrologia*

Autor. *Ligo Volli*

O Gruppo Editoriale Fabbri, Bompiani, Sonzogno, Etas S.p.A., Milano, 1988

Tradução C *Editorial Presença, Lisboa, 1990*

Tradução de: *Maria Helena Fernandes*

Capa: *Homem do Zodíaco do século XV, das «Três Biches Haures», do Duque de Berry*
(*Museu Condé, Chantilly*). Arranjo gráfico de *Teresa Cria Pinho*

Composição: *Laser Estúdio — Laça da Palmeira*

Impressão e acabamento: *Imprensa Portuguesa — Porto*

1.ª edição, Lisboa, 1990

Depósito legal n.º 30 349/89

Reservados os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Rua Augusto Gil, 35-A 1000 Lisboa

ÍNDICE

Capa - Contracapa

INTRODUÇÃO À SEGUNDA EDIÇÃO ITALIANA	7
INTRODUÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO ITALIANA	15
1. A DIVINHAÇÃO, PENSAMENTO MÁGICO, ASTROLOGIA	25
Profecia, adivinhação, ciência	25
O êxito da astrologia	27
Astrologia e pensamento mágico	30
O estudo da astrologia	33
2. OS ASTROS DA ASTROLOGIA	34
Astronomia e astrologia	34
O relógio cósmico	38
Realidade das constelações	41
Os nomes dos signos	43
As casas	44
Complicações	44
A construção do horóscopo	45
3. A SINTAXE	48
Os enunciados	48
Como nasce o horóscopo	50
Expressão e conteúdo	51
A estrutura dos repertórios	52
Os planetas	54
As relações entre os planetas	58
Os signos	59
A análise dos signos	63
As casas	64
Os aspectos	65
Planetas e signos	67
As relações planetas signos	71
Os domicílios	73
4. SEMÂNTICA	76
Confusão semântica	76
A analogia	82
Identidade dos opostos	86
Contágio do sentido	87
As partes do discurso	88
Substância do conteúdo	91
Planetas	92
Signos	96
Qualificações	97
Casas	101
5. A ASTROLOGIA É RETÓRICA	103
Astrologia, prática e repertório	103
A persuasão	108
Retórica e probabilidade	112
Retórica e primado do significante	114
Uma retórica cognitiva?	115
DICIONÁRIO DOS SÍMBOLOS ASTROLÓGICOS	119
BIBLIOGRAFIA	121

INTRODUÇÃO À SEGUNDA EDIÇÃO ITALIANA

A astrologia não é uma ciência; pelo menos não o é certamente no sentido determinado e preciso que a palavra tem na nossa cultura há cerca de três séculos. O astrólogo não recolhe dados em condições controladas, não condiciona a verificação as próprias «leis» obtidas com esses dados, não constrói pacientemente novas asserções gerais susceptíveis de controlo público. Os seus princípios gerais não são empíricos, no sentido em que não existe hipótese de os falsificar. A sua ética profissional não exige a capacidade de reprodução nem a publicidade de cada simples aplicação experimental, o seu *corpus* teórico não cresce numa espécie de competição darwiniana, em que são muito mais as «verdades» que morrem do que as que sobrevivem; assim, de fato não cresce, porque a sua estrutura não é cumulativa mas sim «tradicional». Não existe uma comunidade científica bem definida, depositária de um corpo de conhecimentos precisos e capaz de avaliar coletivamente, segundo critérios objetivos, os novos atributos que o enriquecem ou eventualmente põem em crise; só existem mestres e discípulos automeados. A quem se ocupa do assunto nunca é pois dado saber o que é verdadeiramente o conhecimento astrológico, e o que são, por outro lado, a divulgação, a aproximação, a comercialização e a falsificação. Para qualquer astrólogo, os «não cientistas» são sempre os outros; todos os desmentidos, todas as previsões falsas, todas as encenações grotescas nada têm a ver com a disciplina porque «essa não é a verdadeira astrologia; pelo contrário, a minha...».

Aqueles que praticam esta antiga «arte» ficam irados ao ouvi-lo, mas são evidentes e impossíveis de colmatar as diferenças citadas em relação a uma ciência. Não bastam alguns inquéritos estatísticos, sempre controversos e discutíveis, para superar uma diferença que é fundamental, de princípio. A ciência é uma coisa bastante precisa, uma certa organização social do saber, nem tudo o que é verdadeiro tem forma científica

(por exemplo, há muitos saberes práticos como a cozinha, a estratégia e a crítica de arte, para não falar de muitos «saberes» políticos, eróticos, artísticos e religiosos, que têm formas completamente diferentes das científicas). Mesmo que por hipótese absurda alguém demonstrasse que a astrologia funciona a cem por cento e que as suas previsões são sempre verdadeiras, ela não deixaria de constituir um saber de forma completamente diferente das atividades científicas. O discurso astrológico tem antes a forma de um corpo fechado, tradicional, que se presta a interpretações e não a descobertas. A sua estrutura é hermenêutica e retórica: pretende produzir discurso sensato, não conhecimentos verdadeiros, serve para convencer e sossegar, não para a acumulação do saber.

E no entanto a astrologia está bem radicada na nossa cultura. Até ao século XVI ou XVII (ou seja, e não por acaso, exatamente até ao longo e fertilíssimo momento em que foi concebida a ciência moderna e com ela o carácter laico e racionalista da nossa cultura hegemônica) a astrologia fazia parte do saber elevado, era uma arte praticada frequentemente por intelectuais de primeiro plano e guia para os melhores artistas. Depois de um período mais ou menos ininterrupto de obscuridade, ressurgiu com uma força insuspeitável à luz da cultura popular do nosso tempo. É fácil estabelecer um diagnóstico deste *Regresso dos Astrólogos*, para citar um velho livro crítico de grande êxito: insegurança das massas, necessidade de simplificações e tranquilização drásticas.

Porém, posto nestes termos, o problema fica excessivamente banalizado. Porque a astrologia nem sequer tem a estrutura de uma religião, isto é, não aspira a conhecer o sentido último da vida nem a fazer a mediação entre o humano e o divino, não pretende poder indicar um caminho para a salvação da alma nem explicar o valor da vida e da morte. Também não é apenas de considerar como uma superstição pura e simples, como o hábito de usar chifreiros vermelhos de coral ou os ritos relacionados com espelhos partidos e sal espalhado (mesmo que nos casos mais banais não haja dúvida que se trata de algo muito semelhante); a superstição tem uma natureza essencialmente prática, fornece técnicas e objetos simples, que servem para evitar «influências maléficas» e obter outras «benéficas».

Pelo contrário, embora os astros inclinem e não obriguem, como sustentam os astrólogos, a sua influência é concebida como impessoal e inelutável: uma natureza abstrata de causalidade astrológica, diferente da concreta e personificada da magia. Tanto que já na Idade Média provocava a ira da Igreja, preocupada pela oposição implícita ao livre arbítrio; e já houve quem quisesse ver precisamente neste determinismo um contributo da astrologia histórica — a do Renascimento — para a constituição dos conceitos básicos da ciência moderna.

Portanto, relativamente à superstição vulgar, há a diferença insidiosa de uma pretensa validade geral, de um «saber verdadeiro», de «leis

universais» a cujo conhecimento não se sabe bem como se chegou; para mais, este aspecto da astrologia é de fato utilizado como ponto importante do aparato publicitário para a venda de previsões, talismãs, prestações mágicas — e basta percorrer as páginas das revistas especializadas ou os anúncios dos jornais para ver o nível de charlatanismo, de verdadeira trapaça, de abuso da credulidade pública (que é crime previsto no código penal, talvez insuficientemente tido em conta) que se promove com esta linguagem. Não há outra explicação para a pretensão dos astrólogos de serem reconhecidos como «homens de ciência» a não ser o fato de vivermos numa época em que tudo o que é científico se vende melhor. Toda a dúvida resulta em prejuízo comercial. Todavia é indubitável que, para além desta interligação entre publicidade e superstição, que ao que parece fatura anualmente em Itália muitas centenas de bilhões de liras isentas de impostos, no fascínio pela astrologia há algo mais, um elemento fantasioso e emotivo de participação, que exige explicações mais pormenorizadas. Este livro foi escrito não tanto para denunciar a trapaça da astrologia científica, o que é tão banal como os avisos que, nas áreas de serviços das auto-estradas, alertam para a desconfiança em relação a quem venda relógios de ouro a preços de saldo, mas sobretudo para tentar compreender o que nela funciona.

A minha impressão é que existe qualquer coisa que na verdade a astrologia consegue oferecer hoje a quem a consulta, para além da ilusão de conhecer o futuro ou até de ser capaz de o modificar. (Digamos de uma vez por todas que esta promessa, mais ou menos implícita em todos os comerciantes de astrologia, prova a sua própria falsidade através do paradoxo de todas as adivinhações, as quais, segundo a tragédia *Édipo*, são provadas pela própria vida. Se o oráculo tiver razão, qualquer esforço para modificar o futuro previsto, na base do conhecimento de uma certa profecia, não pode evitar a sua realização, logo esse conhecimento é inútil e praticamente inexistente; se, pelo contrário, o oráculo estiver errado, todo o discurso se toma de uma insensatez banal, e a profecia é de novo inútil.)

Esta riqueza da astrologia, na minha opinião, é constituída por uma ideologia do quotidiano profundo, disponível para todos: não uma psicologia ou uma sociologia da vida de todos os dias, nem uma qualquer teoria científica, mas sim um discurso articulado sobre o sentido da vida de cada um, radicado na nossa cultura. «Sentido» quer dizer, também neste caso, tanto «direção» como «significado profundo, diferente do que é manifesto». Sobre a direção do futuro os astrólogos e cartomantes sabem exatamente o mesmo que todas as outras pessoas, isto é, nada; mas possuem uma linguagem com que falam e fazem falar as pessoas sobre o significado da própria vida, sobre as aspirações, os desejos e os medos que lhes estão intimamente ligados. Sem passar pelos filtros moralistas do juízo social, de que outro modo confessariam

muitos casos de debilidade espiritual, a sua insatisfação com o amor, a agressividade em relação aos outros, o desejo de dinheiro e assim por diante? Como se elaborariam psicologicamente sem apoios religiosos, psicológicos ou, no caso, divinatórios? A astrologia concorda em dizer, dizer-se, verdades banais mas muitas vezes dificilmente confessáveis, projetando-as sobre totens arquetípicos como «signos», «casas», «planetas», e também conjugando-as num tempo futuro.

É esta a razão de já ter acontecido suscitar o interesse de psicanalistas e psicoterapeutas; a linguagem das estrelas talvez seja semelhante à dos sonhos, dos lapsos ou dos sintomas neuróticos: precisa de ser interpretada. E, se não importaria à psicanálise nunca ter verdadeiramente demonstrado que os sonhos sejam de fato revelações psíquicas do ser profundo, bastando a sua quantidade e o trabalho de interpretação que os envolve num contexto para os tornar úteis como lugar de projeção dos problemas do sujeito e portanto «linguagem» eventualmente «esquecida», a decifrar de um modo ou de outro, com mais forte razão a astrologia, que está efetivamente estruturada como uma linguagem, o que é demonstrado neste livro, pode funcionar da mesma maneira.

A sua rede complexa mas ordenadíssima de conceitos — os planetas que indicam faculdades de ânimo, os signos que «colorem» qualificações deste, as *casas* que significam zonas de atividade ou de interesse, à sua volta, para melhor o qualificar, os aspectos que entretecem complexas relações de simpatia e antipatia entre estes elementos; a complexidade extrema que deriva da interação de todos estes níveis do discurso —, tudo isto constitui mais um labirinto do que um espelho, mas exatamente por isso pode ser usado para falar de coisas, de problemas e de tensões que normalmente não se sabe como formular. Já Jung o sabia qualquer que seja o objetivo complicado, se permanecer bastante tempo torna-se significativo.

A razão pela qual a adivinhação utiliza muitas vezes materiais complexos e casuais não se encontra só no «carregar» de urna máquina lingüística que tem necessidade disso pelo mesmo motivo de confirmação e de desconfiança que leva as pessoas aos jogos de fortuna e de azar. No labirinto das palavras ou das vísceras cada um pode encontrar (com a ajuda de algum nível inconsciente, se quisermos usar este conceito, que é propriedade da psicanálise) um sentido próprio. A primeira vantagem da astrologia sobre todas as outras formas de adivinhação está na grande exatidão e complexidade da organização do sentido, sujeitas a esta obra de projeção, e portanto na grande riqueza do trabalho interpretativo possível; analisarei seguidamente os níveis e modos de articulação.

A segunda vantagem não é menos significativa, e diferencia-a também de estruturas culturais igualmente complexas, como o *I Ching*. Ela consiste no fato indubitável de, não obstante as prováveis origens

mesopotâmicas da astrologia, esta se ter tornado com Ptolomeu a nossa organização adivinhatória do sentido, a que se radica na nossa cultura, com as suas origens mediterrânicas. A identificação dos planetas com as maiores divindades do panteão clássico, por exemplo, tem este sentido preciso.

Como é sabido, os gregos acreditavam que Zeus e os seus companheiros não eram de fato a primeira geração de deuses, antes teriam tomado o poder depois de uma série de lutas, de que muitos mitos e tragédias relatam o eco sufocado mas sanguinolento. Estas lutas correspondem presumivelmente às que as tribos helênicas tiveram que ultrapassar para se instalarem na Grécia, contra sociedades claramente diferenciadas, com as quais se fundiram no entanto em parte, produzindo as inovações fundamentais que deram origem ao modelo político, filosófico, artístico e civil do Ocidente; portanto esses deuses são os grandes símbolos de uma cultura nova, embora em parte fruto notável de uma montagem de materiais precedentes, e nós somos os seus últimos herdeiros. A astrologia tal como a conhecemos é entre outras coisas uma formalização tardia e muito conservadora desta cultura originária do Ocidente, com o seu princípio masculino, a sua teoria do sujeito e respectivas faculdades, e a sua concepção cíclica do tempo.

Devido a esta estrutura de sentido, que pertence pois profundamente à nossa mentalidade coletiva, a astrologia é a forma característica da adivinhação. As suas pretensas origens antiqüíssimas, o seu valor «científico», as autoridades em que se baseia não são claramente mais do que pretextos. Mas as forças psicológicas, as modalidades de interação, a tipologia dos caracteres, a coleção de arquétipos que são os conteúdos sociais e psíquicos característicos da astrologia correspondem-nos precisamente porque resultam de uma formalização simbólica da nossa base cultural. Não são as estrelas que projetam a sua influência sobre nós; pelo contrário, fomos nós que projetamos a nossa forma mental nas estrelas, e agora não é de surpreender que consigamos com facilidade espelhar-nos nelas.

E as previsões? Porque resultam e porque falham, admitindo poder lhes aplicar estes conceitos de eficácia, que já vimos serem, em sentido estrito, ineficazes? A resposta é simples. Quando o tempo é cíclico e o sentido é labiríntico, todas as previsões, mais tarde ou mais cedo, se realizam. E, se tal não acontecer, pode sempre esperar-se a vez seguinte ou recordar o caso favorável em que se acertou. Afinal de contas as pessoas jogam no totobola, que é uma aposta em que o banco tem o dobro das hipóteses dos apostadores. Então porque não se há de gastar tempo e dinheiro para se ficar com o horóscopo? Porém, não é isto que conta.

Passaram nove anos desde a primeira edição deste livro, e não me parece que o seu conteúdo deva ser modificado. Poder-se-ia proceder à

integração de mais alguns elementos, mostrar melhor a evolução histórica que diferencia e conjuga a cosmologia dos astrólogos em relação à clássica e dantesca; e corrigir alguns pequenos erros, como ter atribuído a Gauquelin a qualificação de «estatístico dos astrólogos», o que irritou consideravelmente alguns praticantes desta arte, que o consideram «um adversário», embora muito caro. Mas prevaleceram as razões de fidelidade ao texto originário.

Até porque entretanto o estudo da matéria não progrediu muito. Os astrólogos produziram muitos manuais práticos, mas nenhum texto teórico digno deste nome. As suas polémicas contra os poucos que se dão ao trabalho de contestar as suas pretensões são furiosas mas pouquíssimo construtivas. O autor destas linhas, mas também a astrônoma Margherita Hack, Piem Angela e uma comissão anti-superstições de Prêmios Nobel têm estado entre os objetos da ira dos mercadores de profecias; e houve mesmo quem, grotescamente, tenha pretendido contestar este livro com o horóscopo do seu autor, em vez de utilizar argumentos racionais. O único livro, da pane astrológica, que tem pretensões teóricas, *Astrologia sì, astrologia no* (ed. G. Capone, Turim), foi escrito de parceria por um astrólogo, Ciro Discepolo, e por um médico «agnóstico» mas amigo, e está, na parte de Discepolo, repleto de sarcasmos e invectivas, excetuando a confissão, com involuntária comicidade, de que «não compete aos astrólogos explicar por que razão a astrologia resulta, mas sim aos sábios, que não podem obstinar-se a negar só porque não estão em condições de 'medir' o que se lhes depara». Como quem diz: «acreditem, obedçam, expliquem». A parte de Passariello é mais razoável, mas renuncia a qualquer afirmação comprometedora.

Pelo contrário, no lado da crítica, são dignos de menção mais dois livros. O primeiro é *Stelle su misura* (Einaudi, 1985), estudo de Theodor W. Adorno sobre a rubrica astrológica do quotidiano *Los Angeles Times*, que termina com uma citação do pacífico e curioso Leibniz, «que sentia um profundo desprezo apenas por aquelas atividades intelectuais que tinham por objetivo o logro e citava a astrologia como o principal exemplo de tais atividades». O segundo é o agradabilíssimo *L'imposture scientijique en dix leçons* (Editions La Découverte, Paris, 1986), infelizmente não traduzido em italiano: fingindo ensinar como se fabrica uma «peta» científica, todos os argumentos dos pseudo-sábios, dos cultuadores do paranormal e também dos astrólogos «científicos» são desmontados com cuidado e desmascarados.

Nestes oito anos a onda astrológica sobre a comunicação social não deu mostras de abrandar. Os diretores dos maiores diários italianos, como *La Repubblica* e *Il Corriere della Sera*, não se envergonham de dedicar amplos espaços nos seus jornais e suplementos às consoladoras mentiras dos astrólogos; evidentemente que se preocupam mais em satisfazer a necessidade típica dos seus leitores de serem enganados do que

com a dignidade intelectual das suas próprias cabeças. A RAI — pelo menos o segundo canal de televisão — não fica atrás, e há algum tempo que deslocou as previsões astrológicas para o espaço privilegiado que precede o telejornal da tarde. E assim, mesmo antes das previsões meteorológicas altamente computadorizadas, aparece uma amostra ridícula da Idade Média, com um senhor disfarçado de oriental — barba e cabelos compridos, lunetas, roupas vagamente indianas — mas calçado com sapatos de alguma casa da moda, a ler num calhamaço breves frases de aviso para os diversos signos do zodíaco.

É sem dúvida um contraste instrutivo entre a racionalidade analítica, laica, bem definida e explicável, embora não deixe de ser falível, das previsões meteorológicas e as generalidades pomposas da astrologia. Tal como é instrutivo, de resto, confrontar as previsões dos vários astrólogos acreditados juntos dos quotidianos e de outros meios de comunicação social. Apesar de a ética profissional, ou melhor, o princípio de que o cliente tem sempre razão, impor que as previsões nunca sejam catastróficas e que o clima seja mesmo quase sempre tinto de cor-de-rosa, quase nunca os profetas das estrelas estão de acordo uns com os outros.

O clima geral da nossa sociedade é porém contrário a uma posterior expansão da astrologia. Os êxitos do modernismo, a ideologia sob outros aspectos bastante criticável da eficiência a todo o custo, a queda das ideologias, que arrastou consigo também a do gosto pelos «mistérios antiqüíssimos» e pelas «ciências secretas», tiraram muita credibilidade cultural aos astrólogos, mesmo que não lhes tivessem tirado clientela pagante. Atualmente ninguém poderia, sem cair no ridículo, voltar a propor a instituição de cátedras universitárias de astrologia, como se fez há anos no Parlamento. Em suma, reina um pouco o clima de «não acredito, mas que há, há», que rodeia muitas outras superstições na nossa sociedade.

Até fora das classes mais arcaicas, influenciadas por velhos hábitos mágicos, há quem tenha medo de gatos negros, quem se belisque quando vê um funeral e quem consulte astrólogos e quiromantes. Sim, são práticas um pouco desacreditadas, talvez nos limites de uma educação deficiente ou da ignorância, mas que mal têm? Vale a pena manter viva uma polémica do gênero?

Claro que há na nossa sociedade muitas questões mais graves, e os astrólogos e magos são quase sempre inócuos. Permanece todavia a difusão de um modo de pensar que procura explicações onde não pode haver causas, permanece o hábito da credice, permanece um campo de sugestões sistemáticas. E na nossa sociedade, que atribui cada vez menos espaço ao pensamento racional e confia cada vez mais no jogo selvagem das seduções retóricas, a análise da astrologia e a compreensão das razões de ela não ser digna de crédito mas ter êxito pode ser um exercício muito útil. Por isso creio que repore este exercício de leitura

da astrologia, que se esforça por compreender racionalmente os seus mecanismos, muito mais do que por entrar em polémica com ela, ainda pode servir para alguma coisa.

Janeiro de 1988

Ugo Volli

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO ITALIANA

Para nos ocuparmos seriamente com a astrologia precisamos de contar com paradoxos e dificuldades, equívocos e zonas de penumbra.

O primeiro paradoxo é o de que a astrologia exista na atualidade. Nos dois mil e quinhentos anos da sua história documentada, surgiram e desapareceram civilizações, línguas, religiões, modos de vida. Até as estruturas mais estáveis da cultura (em sentido antropológico, como as organizações materiais e formais da existência social) se alteraram profundamente. Já não falamos as línguas dos Babilônios e dos Gregos, não nos sentamos como os Romanos, não nos apercebemos das cores como Homero, não compartilhamos as crenças dos primeiros cristãos, não dormimos, amamos, brincamos como os antigos. No meio de tanto devir, a astrologia é contínua, estática, permanente. Apesar de se ter esquecido de atualizar o seu relógio cósmico de acordo com as transformações que os milênios produziram na esfera celeste (ou melhor, de acordo com o movimento da Terra, que determina o seu aspecto). É um paradoxo que deve ser tomado em consideração tanto mais seriamente quanto menos se acredite na «verdade» da astrologia.

O segundo paradoxo é constituído pelo modo, pela extensão; pela variedade da sua presença no nosso contexto social. Dada como morta com o aparecimento da ciência experimental, e depois outra vez com o Iluminismo, e sobretudo durante a vitória do espírito positivista da Belle Époque, neste século os astrólogos encontraram públicos novos e atentos, por intermédio dos *mass media*. Num livro sobre esta expansão, editado por Edgar Morin¹, Claude Fischer propõe algumas datas significativas referentes ao ambiente francês, mas que presumivelmente não

¹ Morin 1971: 19-51. Por uma questão de brevidade, as chamadas para a bibliografia final são feitas do seguinte modo: autor, ano de publicação, página.

variam muito para a Itália. Nos princípios do século (1906-1909) fundam-se as primeiras sociedades «científicas» de astrologia. Em 1932 o horóscopo penetra pela primeira vez sistematicamente nas revistas (*Journal de la Femme*) e nos jornais (*Paris Soir*); em 1960 chega à rádio e em 1969 surge o primeiro calculador programado para produzir adivinhações astrológicas personalizadas (*Astroflesh*). Alguns anos depois, podemos acrescentar, a astrologia penetra no ambiente muito fértil do «movimento juvenil» em vias de irracionalização, juntamente com as túnicas ocre e com a *Drug Culture*.

Hoje a astrologia está ao mesmo tempo presente em jornais «femininos» e em órgãos feministas, em quotidianos da tarde e em publicações que se presumem de «respeitabilidade»², tem lugar na ideologia do «movimento» e entre os consultores de muitos políticos tradicionais; existem em Itália três mensários especializados e inúmeras coleções, publicações, livros; um guia, que na realidade juntava aos astrólogos também outros adivinhos, recolheu milhares de endereços, para um volume de negócios que se pode presumir de muitas centenas de bilhões de liras. Em suma, a necessidade da astrologia, a procura da adivinhação está maciçamente difundida por todo o corpo social, com poucas distinções entre os mundos contraditórios dos abonados e dos não abonados, do Norte e do Sul, dos jovens e dos anciãos. E este é obviamente outro problema que temos de nos pôr, manifesto sintoma de insegurança, tanto mais evidente quanto mais estranho às raízes do paradigma científico e tecnológico, por um lado, e político-social, por outro, sobre que se baseia a nossa cultura e que regula os grandes conflitos que a fazem mover-se.

O terceiro paradoxo consiste na escassíssima atenção que é dedicada a estes fenômenos, todavia tão maciços e influentes. A parte da antropologia que se dedica à nossa sociedade, não às culturas «selvagens», e estuda as crenças nela difusas, prefere ocupar-se de «resíduos primitivos»³ que se encontram sobretudo em ambiente campestre, e não de um fato tão industrializado como a astrologia atual; e mesmo do ponto de vista sociológico não existem estudos de conjunto que analisem este fenômeno. As análises teóricas e filosóficas do sistema astrológico incluídas em obras de importantes historiadores do pensamento (Garin,

² Há horóscopos praticamente em todos os periódicos femininos italianos e em muitos jornais da tarde. Mas matérias astrológicas encontraram lugar em quotidianos como *La Repubblica* (suplemento de fim-de-semana), semanários como *L'Europeo*, órgãos feministas como *Quotidiano Donna*, TV Montecarlo e TG2.

³ Veja-se toda a obra de De Manto (por exemplo: De Maitino 1944, 1959 e 1976), mas também Di Nola 1979 e Lucarelli 1974. Uma exceção no entanto a nível exclusivamente jornalístico é Angela 1978.

Dal Pra, etc.)⁴ preferem referir-se ao período «nobre» e «culto» da astrologia do Renascimento, quando ela ainda estava viva no cerne dos debates filosóficos e científicos mais interessantes, e descaram os seus herdeiros atuais, considerando-os (não sem razão) continuadores práticos, já a séculos de distância dos lugares teóricos em que se elaboraram as mais vivas e originais concepções do mundo. Por outro lado, o que é publicado por parte da astrologia é de uma pobreza cultural impressionante, oscila entre a apologia mais ou menos psicanalítica, «científica», misteriosófica, e a propaganda pura e simples, ecoando sem sentido crítico os discursos científicos e filosóficos que pretende discutir, baseando-se, em substância, num inconfessado princípio de autoridade. Os astrólogos não publicaram as estatísticas dignas de atenção em que pretendem basear a «cientificidade» do seu trabalho, nem alguma vez se ocuparam de compreender verdadeiramente o funcionamento da máquina divinatória que utilizam; e ainda menos produziram investigação com alguma seriedade sobre a inserção social do seu trabalho. Na prática, os livros de astrologia em circulação⁵ contêm algumas alusões históricas (na maior parte dos casos as que lhes interessam), a exposição do mecanismo «astronômico» da astrologia (também esta quase sempre *ad usum delphini*), algumas indicações técnicas mais ou menos precisas para a compilação de um texto a partir da data de nascimento, e um conjunto de adivinhações-tipo, análises caracterológicas por signos do zodíaco, interpretações de configurações astrológicas singulares, que na realidade não se preocupam em justificar. Portanto, em geral os livros de astrologia da parte dos astrólogos são exemplos de *prática* astrológica, com alguma superestrutura ideológica, não *estudos* do assunto.

Por outro lado existem trabalhos de história da astrologia, do ponto de vista filosófico e psicanalítico⁶, que podem sugerir algumas vias interessantes para o tratamento das questões fundamentais que nascem em redor da presença da astrologia; mas também estes tendem a não passar do Renascimento, quando se conclui a vigência criativa da astrologia, sem suarem as mãos com as suas vulgarizações atuais.

É claro que um livro como este não pode colmatar toda uma tradição de ausência de análises científicas do pensamento astrológico. Em particular o aspecto antropológico e sociológico do problema, a pesquisa no

⁴ Cf. Garin 1954, 1958, 1961, 1976, Dal Pra 1977a e 1977b. Vasoli 1976 contém uma antologia de textos e bibliografia.

⁵ Sementovski-Kurilo 1977, Bastide 1975, Martin 1978, Innes 1976, Foglia 1976 e 1977, Morpurgo 1975, Alberti 1970 e 1971, Gibson e Gibson 1970, Oakley 1975.

⁶ Para além dos estudos citados na nota 5, cf. Aurigemma 1976 e Boll, Bezold e Gundel 1977.

terreno, está fora dos seus métodos e finalidades. O objeto deste trabalho é antes a *máquina* da astrologia, a sua *gramática*, tal como é concretamente usada hoje na nossa cultura. Ou seja, procura explicar-se segundo que leis, com que fundamentos, segundo que estruturas lingüísticas os astrólogos produzem as suas adivinhações. Por este motivo, os materiais astrológicos tomados em consideração são exatamente aqueles manuais que há pouco descrevemos como teoricamente inaceitáveis, materiais práticos, instrumentos propagandísticos. O risco é obviamente o de tomar como objetos materiais «superficiais» e culturalmente pouco significativos. Talvez fosse mais estimulante uma análise do *Tetrabiblos* de Ptolomeu ou dos grandes discursos astrológicos do Renascimento. Não é porém esta a astrologia que circula na nossa sociedade, aquela em que acreditam e que consomem hoje amplas massas. Por outro lado, o sistema que todas as doutrinas esotéricas usam para se subtraírem ao exame dos não iniciados é precisamente o das sombras chinesas dos textos e conhecimentos. Os astrólogos podem sempre sustentar, perante o exame crítico de um corpo de textos astrológicos, que não se trata dos textos certos, que a «verdadeira» astrologia é outra, que as divulgações não contam. Pelo contrário, são exatamente as divulgações que contam, pelo menos de um ponto de vista «laico» como o nosso. *Isto é, importa o sistema de crenças, de técnicas, de ideologias incorporadas que circulam concretamente na nossa cultura.* Tal como a ideologia marxista *hoje em circulação* não se extrai prevalentemente dos «textos sagrados» de Marx mas sim dos discursos políticos e do comportamento dos partidos de esquerda; tal como se indagaria o nosso sistema culinário a partir dos *usos concretos* ou, no máximo, a partir do *saber difuso* que é constituído pelos milhares de receitas recolhidas e postas a circular pelos *mass media* e pelos manuaizinhos populares.

Não podendo indagar no terreno qual a incidência social da astrologia, nem estudar as suas tradições mais «profundas», este estudo propõe-se analisar a adivinhação astrológica como *aparato* distribuído pela cultura e assim como sistema suficientemente coerente de adivinhações. Se quisermos sintetizar ao máximo, como *máquina para produzir texto de adivinhação*. Não se trata, em primeira instância, de discutir a *verdade* das previsões ou a *validade* do sistema, a sua *cientificidade*. Parte-se sim do fato de a astrologia funcionar; o que efetivamente não significa para nós afirmar a exatidão das suas previsões, mas sim a longevidade e a persuasividade do seu sistema. Existe uma rica literatura polêmica sobre a validade da astrologia, quase toda apologética⁷. Contudo, não é contra ou a favor destas apologias que aqui se vai discutir. Por uma

⁷ Trata-se dos livros citados na nota 6. A única exceção é Couderc 1974.

questão de clareza não deixa de ser oportuno declarar logo no início que os pressupostos deste trabalho — mais do que agnósticos — são cépticos no que respeita aos créditos da astrologia; em conclusão, aqui demonstrar-se-á claramente a completa estranheza da prática astrológica em relação ao método científico, sem que surja algum indício de validade cognitiva. No entanto, não é este o problema que o nosso livro se põe. A astrologia pode ser «verdadeira» como são «verdadeiros» para um crente a transubstanciação e os milagres; todavia, um estudo antropológico ou semiótica sobre estas crenças religiosas não se ocupa da sua verdade, mas sim do modo como uma cultura toma posição sobre elas nos seus confrontos, das categorias que estão em jogo, da organização interna destes *objetos culturais*.

Queremos pois considerar a astrologia como nos poderíamos ocupar do culto dos espíritos numa cultura «primitiva», ou dos dogmas das religiões «evoluídas», ou dos sistemas de troca, de parentesco, de produção de objetos materiais. Em resumo, não discutiríamos a sua validade, e muito menos os tomaríamos como dados adquiridos, antes estudaríamos a sua constituição e o seu funcionamento como sistemas. Se depois os conteúdos destes sistemas se puderem revelar, em qualquer sentido razoável do termo, «válidos», tanto melhor, sobretudo se a validade surgir da análise.

Naturalmente que este método também se poderia aplicar à prática científica: poder-se-ia estudar a ciência como costume antropológico, «religião» da nossa cultura. Mas há uma diferença essencial: fora dos manuais escolares, a ciência não pretende de fato ser um repertório de proposições verdadeiras, de leis estabelecidas uma vez por todas, e de fato não o é. Trata-se antes de um conjunto de métodos, de técnicas intelectuais e materiais que se propõem *construir* conhecimentos em redor do real. A diferença entre uma dogmática religiosa ou uma mitologia e a prática científica reside essencialmente neste carácter cognitivo e construtivo da ciência, oposto ao interpretativo e apriorísticos dos outros sistemas. Pois bem, não há dúvida que a astrologia, sob este ponto de vista, não está do lado da ciência. As categorias fundamentais da astrologia já estão todas dadas, a sua bagagem de sentido já está constituída há dezenas de séculos. Trata-se apenas de o interpretar e aplicar aos casos concretos. *Enquanto a ciência é uma máquina para produzir enunciados gerais a partir de certos casos concretos, segundo técnicas complexas, a astrologia parte de conhecimentos gerais certos (presumidos) para os aplicar aos indivíduos concretos.* Mesmo que os princípios astrológicos fossem todos verdadeiros e o seu método de elaboração fosse perfeitamente válido (para o que falta qualquer demonstração), a prática astrológica permaneceria bastante mais próxima da teologia do que da ciência. Por este motivo, uma análise da prática científica deve tomar em consideração os seus princípios de descoberta

e de validação, e por isso deve ter em conta os seus critérios de validade, enquanto um discurso sobre a astrologia se pode eximir de avaliar as pretensões dela neste campo.

Então como estudar a astrologia? Afirmamos considerá-la uma máquina para produzir textos de adivinhação. Trata-se portanto, do nosso ponto de vista, de um dispositivo lingüístico, obviamente bastante complexo. Será pois necessário procurar adaptar-lhe categorias da análise lingüística e de texto. Dado que se trata do primeiro reconhecimento de um terreno tão complexo e intrincado, a atenção prevalecente não poderá ser dedicada ao rigor metodológico nem à unificação das categorias interpretativas. Propondo categorias lingüísticas ou semiológicas como «significante», «texto», «enunciado», «semântica», não pretendemos de fato reconduzir a astrologia exclusivamente para o interior de um horizonte lingüístico (impedir-nos-ia disso pelo menos a importância da componente icônica no sistema), nem deixar inalteradas estas categorias. A intenção é de fazer frutificar o corpo instrumental semiótico no que se aplica a um objeto complexo e ao mesmo tempo bastante sólido, como o é a astrologia.

Como modelo geral utilizaremos algumas categorias teóricas deduzidas das propostas por Hjelmslev para a língua. Distinguiremos portanto um *plano da expressão* (ou sintático) e um *plano dos conteúdos* (semântico). O primeiro cobrirá todo o processo com que o astrólogo faz corresponder a um indivíduo (na prática, ao lugar e tempo do seu nascimento) um texto de natividade ou horóscopo. Aí encontraremos então tanto um certo sistema de divisões do céu em sectores correspondentes aos «signos» e às «casas» e em objetos ditos «planetas», como o método para determinar as relações geométricas entre esses elementos num dado ponto espaço-temporal. Para nós será esta em particular a *substância* da expressão astrológica. Mas também encontraremos nela uma *forma* desta expressão, ou seja, uma organização dos elementos astrológicos em repertórios estruturais precisos, por oposição e equivalência, e algumas regras para seleccionar entre as várias combinações os «enunciados significantes» da astrologia. Se planetas, signos e casas são as «palavras» do discurso astrológico, algumas das suas aproximações constituem as proposições, os «enunciados mínimos» com que é depois constituído um «texto» complexo como é um horóscopo completo. O plano da expressão da astrologia, ver-se-á, é caracterizado por uma arbitrariedade notável, por um importante afastamento em relação aos nossos conhecimentos astronómicos mais fundamentais e comprovados, mas ao mesmo tempo por uma espécie de exatidão geométrica que o toma parte essencial da solidez do aparato astrológico. Dado um lugar e um instante preciso, e aceites as convenções da astrologia, o quadro astral que daí se extrai, isto é, o significante (ou a expressão) do texto astrológico (que, muito significativamente, é uma imagem, uma

combinação espacial de hieróglifos convencionais e não um enunciado lingüístico), segue-se com a mesma precisão e com a mesma arbitrariedade com que certos cabalistas atribuíram um número a todas as coisas, somando os valores numéricos tradicionalmente equivalentes às letras do respectivo nome. É inútil dizer que noutras línguas ou com outras numerações os resultados seriam bem diferentes; o mesmo se pode sustentar em relação à astrologia. Faz porém parte das características do pensamento mágico (a que a astrologia está ligadíssima, como veremos) recusar a arbitrariedade da ligação que une nome e coisa: «*Nomina sunt omina*». Precisamente por isto, o que mais nos deixa perplexos no plano da expressão da astrologia, a arbitrariedade da sua organização, constitui para o astrólogo o dom mais precioso, o conhecimento «incluído» na sua máquina.

Passemos ao segundo plano, o do conteúdo. Dado que a astrologia é um aparato divinatório muito ambicioso, que pretende cobrir toda a realidade social e individual com as suas adivinhações, a *matéria do seu conteúdo* é igualmente extensa e constitui uma espécie de enciclopédia variável consoante as épocas e os ambientes sociais. Ela é todavia posta em *forma* segundo centros de organização correspondentes aos do plano da expressão. Contudo, quanto mais a forma da expressão for rigorosa e geométrica, tanto mais os conteúdos resultam, pelo contrário, magmáticos, ligados por complexos princípios de analogia, que permitem inumeráveis deslizes e verdadeiros contágios de sentido. Cada «palavra» astrológica tem significados originais dispersos pelo plano mítico, pelo das imagens, pelo objeto que denomina na vida quotidiana. A tarefa dos astrólogos seria desesperada e a arbitrariedade das suas interpretações tomar-se-ia claríssima se estes conteúdos não estivessem recolhidos tradicionalmente em verdadeiros dicionários formais, que a cada palavra ou enunciado significante fazem corresponder interpretações e adivinhações elementares explícitas. O grosso dos livros de astrologia é constituído precisamente por tais dicionários, os quais podem afirmar que, por exemplo, Câncer tem certas características físicas e psicológicas, que Mercúrio influencia certos aspectos da personalidade e da sorte do homem, e por fim que «Mercúrio em Câncer» comporta um destino ou atitudes de um certo tipo.

Cada texto astrológico completo, ou seja, cada tema de natividade, comporta em média umas sete dezenas destes «enunciados elementares» ou itens, que de um ponto de vista externo à astrologia se podem considerar perfeitamente casuais, mas são traduzidos pelos dicionários astrológicos nas mais díspares indicações respeitantes a todos os aspectos da existência humana. Se nos limitarmos a escrever de seguida estas adivinhações elementares, depara-se-nos obviamente uma confusão indecifrável. Aqui intervém a *fase retórica* da astrologia. O astrólogo seleciona então, a partir da massa das suas adivinhações, um discurso

suficientemente coerente e sobretudo *convincente*, aplicando eventualmente os conhecimentos que possui acerca do sujeito a partir da sua análise e daquela dose de psicologia «de trazer por casa» que está sempre ligada à adivinhação. Na realidade a fase crucial do trabalho astrológico é precisamente esta, a menos formalizada e também a de mais difícil análise.

Para que serve esta análise? Decerto que não para aprender a astrologia, para adquirir técnicas divinatórias. Como dissemos, de manuais deste gênero, mais ou menos avançados, estão cheias as bibliotecas, especializadas ou não, e até os quiosques das estações ferroviárias. Além disso, não é honesto ensinar uma coisa em que não se acredite. No entanto, claro que resulta algum conhecimento *sobre* a astrologia e uma certa compreensão de como ela funciona, tem êxito, persuade e se difunde. Confiamos em que esta compreensão possa ser útil a quem decidiu utilizar esta linguagem divinatória, e sobretudo a quem a vê impor-lhe quotidianamente, sem possuir instrumentos cognoscitivos suficientes para lhe avaliar a natureza

Como seguidamente melhor se verá, a análise da astrologia como aparato textual permite também fazer alguma luz sobre a longevidade e sobre a vitalidade atual desta doutrina, isto é, sobre os paradoxos de que partimos. A máquina astrológica está bastante bem calibrada, vive num equilíbrio único entre precisão geométrica e analogia universal, tem uma «carroçaria» sintática rigidíssima e um «motor» semântico extremamente elástico; pode sofrer, sem se perder, simplificações grosseiras e subtilezas causídicas, como sempre aconteceu no decurso da sua história.

É claro que não chega uma tal explicação estrutural. A própria arbitrariedade dos símbolos astrológicos, ligada à sua longevidade, obriga a supor um seu profundo enraizamento na nossa cultura ou, se se preferir uma linguagem menos cautelosa, no nosso inconsciente coletivo⁸. Os símbolos astrológicos constituem um repertório de tipologias — classificações de tipos humanos, de faculdades psicológicas, de relações interpessoais — evidentemente bastante ligadas às categorias de base sobre as quais erguemos o nosso conhecimento fundamental ou construção psicológica do mundo que nos rodeia, ou seja, a alguns princípios caracterizantes da civilização em que estamos imersos e dentro da qual organizamos os nossos conhecimentos. Uma análise dessas ligações sai do âmbito do presente volume, até porque não há nenhuma conexão necessária entre tais tipologias e a máquina divinatória da astrologia. Como é evidente, supor que certas noções muito vastas expressem algumas

⁸ Cf. Aurigemma 1976: 191.

intuições ou construções fundamentais de uma cultura não significa estar-se autorizado a ligá-las com um aparato geométrico arbitrário a certos períodos de tempo, e muito menos a usá-las como totem para os homens nascidos nesse período. De resto, o próprio fato de os símbolos serem vagos impede uma determinação precisa da sua aplicabilidade individual. E esta *debilidade previsiva* da astrologia é a base da sua *força persuasiva*.

Há um outro possível motivo de interesse desta análise. Distinguimos primeiro muito claramente as práticas da astrologia e as da ciência empírica no que se refere à sua atitude cognitiva. Não obstante, de um outro ponto de vista os dois campos podem ligar-se. Se se abstrair do modo como os princípios gerais foram obtidos, tanto a astrologia como a ciência aplicam leis universais a casos particulares e daí extraem confirmação. Se quisermos, tanto a astrologia como a ciência implicam previsões, têm um aspecto divinatório. Bem entendido, varia muito o modo como estas previsões se inserem na fisiologia dos dois campos. A astrologia não é enriquecida, e sobretudo não se deixa pôr em causa, pelas suas previsões, que por outro lado são demasiado complexas para serem verificadas com eficácia e aliás «inclinam, não obrigam». Quer dizer, na astrologia não há momento experimental. Na ciência empírica, pelo contrário, a experiência talvez já não seja tão central como se pensava há cinquenta anos, mas permanece a principal fonte do conhecimento, momento que não pode ser eliminado do ciclo produtivo da ciência. De fato, porém, às tentativas de elaborar uma epistemologia simples da verificação científica depararam-se dificuldades e complicações crescentes: o comportamento do cientista é muito mais complexo do que supunham os positivistas e (com maior requinte) os neopositivistas. A desagregação desta concepção epistemológica pôs em crise muitas certezas e tomou provisórios muitos limites, até ao ponto de alguns dos mais radicais revisionistas da filosofia da ciência⁹ terem posto em dúvida por exemplo a possibilidade de distinguir claramente, em termos de princípio, entre prática científica e pensamento mágico.

Ora a análise interna da mais ambiciosa (rigorosa e precisa) das linguagens mágicas, como sem dúvida é a astrologia, pode ser útil para reencontrar, por outro lado, essas distinções. A «epistemologia» da astrologia pode, em suma, dizer-nos qualquer coisa, por diferença, sobre os modos de ser da ciência, pode esclarecer-nos suficientemente bem sobre o que *não* é, como *não* funciona a ciência. De fato um programa deste gênero não é mais do que indiciado neste trabalho, [nas já não é difícil dele extrair algumas indicações interessantes. Se nos limitarmos

⁹ Cf. Feyerabend 1973.

a uma interpretação lingüística tanto da astrologia como da ciência, se as confrontarmos enfim como dois dispositivos que produzem sentido a partir de certos fatos considerados significantes, a forma dos dois aparatos não deixará de surgir como muito diversa. O peso do repertório das teorias gerais (e menos gerais) dadas *antes* de a «máquina» astrológica começar a trabalhar será imensamente maior, os circuitos de retroação dos textos produzidos a partir desta bagagem de sentido serão praticamente suspensos, os fatos significantes terão valor só para uma seleção no interior dos repertórios de sentido completamente estruturados. Por muito que se possa sublinhar a importância dos paradigmas que o cientista assume como guias para o seu trabalho e das pressões sociais a que está sujeito, estas diferenças parecem decisivas. As teorias científicas mudam se colidirem com os fatos de que se ocupam, a astrologia não. E este não é um fato secundário. Todavia, não há dúvida que falta construir toda uma epistemologia das atividades pseudocientíficas, uma teoria geral dos modos da previsão.

Vê-se que uma análise da astrologia se situa hoje num significativo ponto de convergência de problemas antropológicos, epistemológicos, político-sociais. O interesse das questões em causa justifica — cremos — um certo pedantismo da análise, o tomar à letra de discursos que talvez não falem de nada. Interrogá-lo sobre si próprio pode servir para obter respostas mais gerais e interessantes de um horóscopo¹⁰.

¹⁰ Agradeço a Umberto Eco por ter discutido comigo o original datilografada, dando-me sugestões preciosas, a Claudia Doná por o ter corrigido em parte e aos alunos do meu curso de 77-78 na Universidade de Bolonha, com quem pude esclarecer as modalidades de uma análise semiótica da astrologia. Obviamente que qualquer erro ou falha será da exclusiva responsabilidade do autor.

ADIVINHAÇÃO, PENSAMENTO MÁGICO, ASTROLOGIA

Profecia, adivinhação, ciência

Em muitas culturas, talvez em todas, ao lado dos sistemas de crenças religiosas e das práticas mágicas, encontram-se sistemas mais ou menos extensos e explícitos de tipo divinatório. Trata-se de aparatos comunicativos que, por intermédio de técnicas particulares, permitem à cultura em questão obter «conhecimentos» sobre a realidade que de outro modo seriam ignorados, desde fatos do além e sobrenaturais até acontecimentos do futuro, desde características ocultas na essência das coisas e das pessoas até realidades empíricas que não são de outro modo passíveis de conhecimento.

A técnica de adivinhação mais difundida é a pura e simples *profecia*, vista no mínimo como mensagem de entidades sobrenaturais. Trata-se de adivinhações do «grau zero», simples enunciados de uma mensagem sobre o que é ignorado; o seu carácter «crítico» consiste no fato de não se seguir a nenhum ato cognitivo correspondente. No entanto, toda a previsão mais ou menos bem fundada, desde «O Sol nascerá também amanhã» a «O sal é solúvel na água», ou «O nativo de Escorpião tende para a violência», ou «*Ibis redibis non morieris in bello*», contém, a títulos diferentes, uma profecia. Existe, sob este ponto de vista, uma continuidade entre previsão científica, informação do senso comum, «intuição» mais ou menos fundada, empírica ou psicologicamente, aposta e adivinhação propriamente dita. Todas se concluem com uma profecia.

Um estudo que tente distinguir os segmentos úteis, ou melhor, indispensáveis, desta série de modalidades de comunicação pode agir

sobre três pontos críticos: as modalidades do ato cognitivo que precede a profecia, as modalidades discursivas segundo as quais a profecia é formulada, as modalidades de verificação do seu enunciado. O primeiro e o terceiro pontos são os lugares tradicionais do discurso epistemológico, do positivismo para cá. A previsão científica foi caracterizada relativamente às outras classes de profecias pelo fato de surgir na seqüência de um processo cognitivo mais ou menos especificamente empírico-dedutivo, de ser em princípio falsificável mas não em contraste com os dados, e assim por diante. Estes requisitos não tardaram a complicar-se devido a duas exigências parcialmente contraditórias: por um lado, de delimitar ao máximo a especificidade da previsão científica, por outro, de ser suficientemente liberal para não excluir práticas de previsão comumente adotadas pela comunidade científica. Daqui derivou um grau de complexidade da análise epistemológica que toma muito discutível o valor de tais critérios. Pode pois revelar-se útil uma análise das modalidades discursivas segundo as quais são formuladas as diversas classes de adivinhações, desde as menos fundadas e mais «místicas» até às aplicações normais de «leis» físicas.

No campo complexo dos discursos divinatórios, a profecia é simultaneamente uma parte essencial de qualquer enunciado que se inclua neste sector — a sua parte conclusiva e majoritariamente caracterizante — e a modalidade mais simples e «nua». Uma profecia pura e simples (grau zero) é um discurso sem premissas ou justificações. Pode ter uma estrutura complexa, corresponder a uma estratégia persuasiva, para além da informativa, pode ser mais ou menos ambígua, contraditória ou tautológica; mas não tem uma articulação produtiva explícita, não provém de algo. É pois impossível aplicar-lhe o primeiro critério epistemológico, o de examinar as modalidades do ato cognitivo precedente, pois este é, por princípio, omissivo. O critério de verificação final pode avaliar o maior ou menor êxito de uma profecia, e o critério das modalidades discursivas pode analisá-la segundo conceitos de precisão/imprecisão, ambigüidade/univocidade, banalidade/informação. O conjunto dos dois critérios pode levar a uma classificação segundo uma tipologia geral de *riqueza prevista*, que se pode aplicar não só às profecias simples mas também aos vários sistemas cognitivos que se encerram com uma profecia, desde a previsão científica às adivinhações propriamente ditas.

Em qualquer caso, o seu carácter arbitrário e imediato toma a profecia de grau zero totalmente inadaptada a uma análise que procure discriminar o conhecimento científico de outras formas previsíveis; já vimos de resto como a profecia tem lugar até na estrutura do discurso científico, como seu momento conclusivo, justificado por todo o trabalho precedente.

É então preferencialmente útil estudar um sistema divinatório mediato, que justifique a sua produção de profecias com um aparato teórico-discursivo. A cultura ocidental é tão rica nestes sistemas quanto qualquer população «primitiva»: cartomancia, astrologia, geomancia, interpretação dos sonhos, quiromancia, leitura das folhas de chá, das vísceras animais, do vôo dos pássaros, do pêndulo, comunicações com os espíritos, numerologia, cabala, visões na bola de cristal, para não falar dos sistemas mais particulares e dos de importação como o I Ching ¹.

É claro que nenhum destes sistemas divinatórios pode ser classificado segundo a sua maior ou menor «cientificidade», como pretendem os seus cultores modernos, mas sim pela riqueza previsiva que acabamos de definir, pela complexidade cultural e pela «exatidão» dos seus pressupostos. pela riqueza do sistema de profecias, pela estabilidade dos seus critérios, pelas relações com a cultura doutra.

De todos estes pontos de vista, a astrologia revela-se indiscutivelmente o sistema mais interessante de todos os que se encontram na nossa cultura.

O êxito da astrologia

O que mais impressiona ao tomar em consideração o estatuto cultural da astrologia é a sua extraordinária longevidade e estabilidade ². Os mais antigos testemunhos de saber astrológico remontam às tabuinhas escritas em caracteres cuneiformes da biblioteca de Nínive, ou seja, do reino de Assurbanipal (668-626 a. C.). Embora as tábuas babilônicas misturem presságios astronômicos e sintomas meteorológicos, e o sistema apresente, mesmo sob outros aspectos, diferenças notáveis em relação ao «clássico», a matéria das profecias não deixa de estar muito estruturada, por exemplo com um sistema de equivalências entre planetas e estrelas fixas. Mas são sobretudo muitos os elementos que coincidem com os da astrologia clássica: o elenco dos «sete» planetas (Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno), muitos nomes de constelações (e isto é bastante notável em razão da sua absoluta arbitrariedade, de que falaremos mais tarde).

¹ Cf. Gibson e Gibson 1970 e Blofeld 1965, Blakley 1976, Anônimo 1970, De Givry 1968, Caminho 1970, Cousté 1971. É significativo que se instituem facilmente ligações entre as várias técnicas divinatórias. Assim, existe «a astrologia do I Ching», o *tarô*: da astrologia, etc.

² Para uma análise histórica mais aprofundada, cf. Boll, Bezold e Gundel 1977, Dal Pra 1976 e Garin 1954, 1977.

Só muito depois é que a astrologia se impõe no mundo greco-romano, devido à oposição em que se encontrava perante uma cultura racionalista e formas divinatórias tradicionais; a sua vitória remonta aos três séculos que vão de Alexandre a Augusto. É porém com o *Tetrabiblos* de Ptolomeu (século II d. C.) que a astrologia recebe a sua forma canônica, que se manterá sem alterações e dominante até Newton, e sobrevive ainda hoje com alguns ajustamentos que têm em conta os novos resultados astronômicos mais evidentes (por exemplo, a introdução no esquema zodiacal dos planetas externos).

Em resumo, a astrologia passa indene pelas crises do mundo clássico, o advento do cristianismo, o ambiente cultural árabe, a Idade Média cristã, o Humanismo e o Renascimento, as origens da ciência moderna. Em todos estes contextos culturais, muitas vezes fortemente contraditórios com os seus fundamentos teóricos, a astrologia encontra formas de compromisso que lhe permitem sobreviver sem perder a sua especificidade: concilia-se com a onipotência divina e a liberdade do homem, com o determinismo científico e com o imanentismo helenístico. Como testemunha um estudo de Luigi Aurigemma sobre o signo zodiacal do Escorpião (*Segno zodiacale dello scorpione*)³, num arco de vinte séculos os símbolos da astrologia sofreram uma certa evolução semântica, mas conservam um núcleo consistente de estabilidade.

Ainda mais surpreendente é a sobrevivência de crenças astrológicas no mundo moderno e contemporâneo. Com a afirmação definitiva do paradigma científico, quantitativo e empírico, cortavam-se pela primeira vez todas as ligações entre a astrologia e a cultura douta; era retirada qualquer legitimidade ao pensamento mágico em geral. O racionalismo seiscentista, o Iluminismo, o positivismo atacam a astrologia com crescente desprezo e violência, e chegam mesmo de quando em vez a dá-la por destruída. Todavia, mesmo que não na cultura douta, nas crenças populares as «superstições» astrológicas sobrevivem e até conhecem hoje um momento de florescimento nos *mass media*, no mundo juvenil, nos ambientes que se apercebem mais intensamente de uma crise teórica e prática dos modelos do pensamento «racional». Este enraizamento irracionalista autoriza saídas do *ghetto* tradicional da «superstição», ataques à «cegueira» da ciência oficial, e alimenta obviamente um mercado muito consistente. O que nos interessa aqui não é contudo uma sociologia da cultura que explique as necessidades e as tensões profundas que se descarregam nas crenças astrológicas; trata-se pelo contrário da simples verificação de que ainda hoje o sistema divinatório da astrologia consegue naturalmente ser delas portador e intérprete.

A astrologia é pois um sistema divinatório de extrema longevidade,

³ 1976.

resistência e persuasão. A sua capacidade de se manter fiel a si próprio emerge não só relativamente a sistemas «superestruturais» como as mitologias religiosas, as crenças morais ou os sistemas de conhecimento do mundo físico mas também em confronto com sistemas «fortes» como a linguagem, e em particular as estruturas fonológicas, ou com sistemas cognitivos elementares como os que regulam a percepção das cores. Derivações sistemáticas e fraturas bruscas caracterizam a história destas estruturas de maneira incomparavelmente mais movimentada do que acontece com a astrologia.

O problema constituído por estas características de longevidade, resistência e adaptação pode ser enfrentado de diversas formas. Podem considerar-se estas qualidades como «provas» do saber astrológico (que sempre indicou entre os seus méritos a «antiguidade», chegando a falar na época helenística em 490 000 ou 720 000 anos de experiência, em que teriam sido «observadas» ou «induzidas» as suas complexas leis, tipologias, previsões). Podem por outro lado considerar-se como indício do carácter de «arquétipos» dos símbolos astrológicos, do seu enraizamento no inconsciente coletivo; esta é uma posição que não deixa de ir para além das análises de Jung, embora se reclame das suas categorias conceptuais ⁴. No entanto, pode mais simplesmente procurar-se descobrir as características estruturalmente relevantes que fazem do sistema astrológico um aparato cultural tão resistente. É esta a posição natural numa análise que quer ser comparativa relativamente à organização do conhecimento científico e sublinhar o aspecto lingüístico da máquina astrológica

Há uma outra característica da astrologia que foi preliminarmente recordada e exige explicação em conjunto com a da sua organização estrutural: a sua capacidade persuasiva. O «não acredito, mas que há, há» que Croce dedicava à magia popular meridional do mau olhado e dos amuletos é, perante a astrologia, uma posição geral. É difícil encontrar uma pessoa, seja em que ambiente italiano atual for, que não conheça «o seu próprio signo» e não admita ter dele algumas características, ou pelo menos não creia ter ouvido ou lido adivinhações mais ou menos surpreendentemente coincidentes com a imagem que tem de si própria

A eficácia persuasiva da astrologia pode ser relacionada com o problema do funcionamento dos poderes mágicos, sobre o qual se debruçaram Marcel Mauss e Ernesto de Martino ⁵; mas decerto que apenas uma análise do funcionamento retórico do sistema astrológico terá condições para elucidar por que razão a astrologia é um sistema persuasivo.

⁴ *Ibidem*. O apelo a Jung é entre os apologistas da astrologia tão freqüente quanto superficial.

⁵ Cf. De Martino 1944, 1959, Mauss 1965, Durkheim, Hubert e Mauss 1977.

Astrologia e pensamento mágico

Estável e adaptável, divinatório e persuasivo, o aparato astrológico vive de fato ainda outra contradição, a de aspirar oficialmente ao estatuto científico e estar profundamente ligado a modos de pensamento e formas de organização característicos do pensamento mágico, tanto no sentido em que este pode ser caracterizado do ponto de vista etnológico como no da história da cultura européia. As categorias «físicas» fundamentais da astrologia são as da tradição grega (água, ar, fogo, terra), mas desempenham um papel organizador do mundo em tudo análogo ao que se encontra na tradição mágica, hermética e alquímica. De resto a astrologia tem em comum com tais filões culturais a maior parte dos seus símbolos, mesmo do ponto de vista gráfico, a caracterização de alguns agentes fundamentais (os planetas) e das suas funções, uma rede de relações analógicas que vão de um planeta a um signo, a uma cor, a uma profissão, a um metal, até invadir e organizar todo o mundo conhecido. Ponto de intersecção particularmente significativo entre a astrologia e a magia é a medicina, onde a cada parte do corpo, a cada «fluido» que o percorre, a cada sistema funcional, correspondem elementos astrológicos que, se se combinarem, terão a possibilidade de favorecer ou constituir obstáculo ao seu funcionamento; daqui o uso de objetos mágicos e de vários materiais capazes, segundo a rede analógica que analisaremos seguidamente, de funcionar como instrumentos terapêuticos.

Assim, se examinarmos uma tabela dos influxos dos planetas (tab. I) e a das correspondências entre planetas e partes do corpo (tab. II), que reproduzimos em versão simplificada, podemos «deduzir» algo bastante semelhante à tab. III, que prevê doenças numa base astrológica, embora de maneira não satisfatória para os padrões de «rigor» dos astrólogos, porque não tem em conta os outros elementos do horóscopo, não distingue entre configurações celestes no momento do nascimento e a sua

TAB. I — INFLUXOS DOS PLANETAS

<i>Sol</i>	<i>Lua</i>	<i>Mercúrio</i>	<i>Vênus</i>	<i>Marte</i>
Vital Energético	Nutritiva Expulsiva	Neural Agitante	Linfática Atônica	Inflamatório Dilatante
<i>Júpiter</i>	<i>Saturno</i>	<i>Urano</i>	<i>Netuno</i>	
Pletórico Apoplético	Depressivo Atônico Crônico	Convulsivo Espasmódico	Cataléptico Comatoso	

TAB. II — RELAÇÕES ENTRE SIGNOS E PARTES DO CORPO ⁶

<i>Áries</i>	<i>Touro</i>	<i>Gêmeos</i>	<i>Câncer</i>	<i>Leão</i>	<i>Virgem</i>
Cara e cérebro	Colo	Braços Pulmões	Estômago	Coração	Abdômen
<i>Balança</i>	<i>Escorpião</i>	<i>Sagitário</i>	<i>Capricórnio</i>	<i>Aquário</i>	<i>Peixes</i>
Rins	Aparelho genital	Coxas	Joelhos	Pernas	Pés

TAB. III — CONFIGURAÇÕES ASTRAS E DOENÇAS

<i>Marte em Áries</i>	temperamento excitável predisposição para a febre cerebral
<i>Urano em Câncer</i>	cãibras no estômago
<i>Mercúrio em Áries</i>	nevralgias faciais
<i>Vênus em Aquário</i>	varizes nas pernas

evolução fixa, e assim por diante. Porém, tais complicações não modificam a substância do discurso.

Daqui uma tradição astrológica-mágica de amuletos e remédios vários, que tem um grande peso histórico, mas ainda sobrevive na astrologia dos *mass media*, por exemplo nestes conselhos divertidos (mas escritos seriamente) de Lucia Alberti ⁷.

SAFIRA

Pedra preciosa dedicada a Júpiter, símbolo da fé, tem a virtude de curar as doenças dos olhos, de dar alegria, força vital. Age favoravelmente sobre o fígado, os pulmões, as artérias, e é mais eficaz quando encastoada em bronze, porque o bronze é o metal que pertence a Júpiter. Isto é válido para a safira escura, que protege os nascidos em Touro e naturalmente também os Sagitários

⁶ Esta tabela e as duas seguintes foram extraídas de Couderc 1974.

⁷ Alberti 1971: 174, 155.

dominados por Júpiter. A safira clara, pelo contrário, é útil aos nativos de Aquário nas questões de coração, e deve ser usada com encaste de prata.

ENXOFRE

Mineral bastante útil para os afligidos por Saturno. Ajuda a vencer as melancolias, os humores negros e reforça a memória. Mineral básico para o bem-estar dos Capricornianos.

ESMERALDA

Só pode usá-la quem tenha um bom aspecto da Lua no seu próprio horóscopo, porque a pedra, segundo alguns, pertence a Câncer. Bastante popular entre os antigos romanos, a esmeralda era considerada a pedra que mantinha à distância todas as adversidades e perdia a luzente cor verde, tornando-se pálida, quando quem a tinha se encontrava em presença de um inimigo secreto. Quando a esmeralda não conseguia de outro modo avisar o seu possuidor das desgraças iminentes, destacava-se do invólucro e caía por terra. Plínio diz que os olhos cansados tomam a ver fitando uma esmeralda. Nem (que era míope) contemplava Roma a arder através de um monóculo de esmeralda. Na Índia afirma-se que a esmeralda aumenta a força da memória e permite que o seu dono veja o futuro. Usada como anel dá eloqüência, mas o lugar certo para a esmeralda é à altura do estômago, precisamente a parte do corpo dominada por Câncer.

As relações da astrologia com as formas do pensamento mágico em sentido etnológico são obviamente de outra natureza e referem-se a certos princípios inspiradores dificilmente explicitáveis, que governam o mecanismo estrutural, os métodos dedutivos, as formações fantasmáticas dos fenômenos mágico-divinatórios de grande número de culturas diferentes.

Aqui não é possível uma discussão deste assunto, nem sequer superficial, embora possamos indicar alguns temas tipicamente mágicos que regem toda a organização do pensamento astrológico e serão seguidamente explicitados:

— A «analogia divina», pela qual todas as coisas são mais ou menos análogas a certos princípios de organização (signos, planetas), e assim cada coisa é mais ou menos «simpática» ou «contrastante» em relação a todas as outras coisas.

— A equivalência entre nome e coisa, pela qual as propriedades de um passam para a outra e vice-versa, e ambos são influenciados pelas do símbolo (figura), pelo mito correspondente.

— A ação do semelhante sobre o semelhante, do contínuo sobre o contínuo, do análogo sobre o análogo, que constitui uma «outra» cadeia, ou melhor, rede de determinações dos acontecimentos, diferente da causal.

— O princípio da representação, pelo qual todas as coisas sofrem vicissitudes análogas às atribuídas aos seus símbolos, havendo permuta das respectivas propriedades.

— A identidade microcosmo humano/macrocosmo universal.

Todos estes princípios se combinam entre si e com os mais característicos da astrologia para cada adivinhação; encontram-se pois entre os principais elementos organizadores da astrologia como sistema. Contudo, encontram-se também tão radicados no complexo das culturas produzidas pelo homem que ainda hoje nos provocam uma impressão de naturalidade — bem entendido, quando os encontramos em ação e não os ouvimos enunciar. Assim, que um indivíduo do tipo «Leão» seja corajoso por sofrer a influência do seu símbolo-totem, o signo do Leão, e que este possa corresponder a coragem porque a tem o animal de que retira o nome (e além disso solar, energético, por contigüidade ideal com o Sol), é coisa que parece natural ao consumidor de horóscopos nos *mass media*, precisamente porque estão em jogo princípios do pensamento selvagem que atuam também nas religiões oficiais e no entusiasmo desportivo, na pequena superstição das ferraduras e cornichos, como nas crenças tradicionais dos índios algonquinos da América do Norte. E este tipo de organização, levado a insólita perfeição formal e densidade da elaboração astrológica, não é certamente a última das razões do seu êxito.

O estudo da astrologia

Todas as características que acabamos de enunciar (longevidade, resistência, adaptação, pseudocientificidade, persuasividade, mágica) tornam pois interessante um estudo da astrologia que não seja orientado para demonstrar a sua eventual verdade ou falsidade de conjunto (que é em definitivo uma questão destituída de sentido, precisamente porque se trata de um sistema divinatório e não de uma teoria, ou seja, de um aparato mais ou menos prático e não de uma descrição de qualquer realidade a ele externa). Pode discutir-se sem mais o êxito, a «felicidade» da astrologia, segundo critérios de riqueza previsiva enunciados acima ou segundo considerações mais externas e sociológicas a que fizemos referência até agora. Uma investigação sobre a riqueza previsiva é diminuída pela falta de dados sobre o êxito das profecias uma a uma, mas podem ser obtidos alguns indícios examinando as características de precisão/imprecisão, ambigüidade/univocidade, banalidade/informação, isto é, através de uma retórica da astrologia. Quanto ao êxito externo da astrologia, à sua capacidade de persuadir e de durar, também devem ser examinados através do estudo do modo específico como ela formula os seus enunciados, lhes dá conteúdo, os torna persuasivos.

OS ASTROS DA ASTROLOGIA

Astronomia e astrologia

A astrologia é o aparato divinatório que pretende extrair previsões sobre acontecimentos humanos e sociais do exame das configurações que aparecem traçadas no céu por estrelas e planetas. O que é pertinente do ponto de vista astrológico não é pois a posição geral dos corpos celestes (distâncias, massas, velocidades de deslocação no espaço, características físicas como a temperatura ou a composição química) mas sim a sua aparência, a perspectiva que apresentam para um dado ponto da superfície terrestre. Este é um fato muito importante, porque marca uma diferença notabilíssima em relação a todo o procedimento científico. Para o astrólogo não tem qualquer interesse a causa ou a norma dos movimentos aparentes dos corpos celestes; as leis da astronomia que os determinam servem ao astrólogo, no máximo, para facilitar os seus cálculos; qualquer dado que se acrescente relativamente aos que entram na sua ordem de pertinência embaraça-o, quer se trate da distância real de um planeta à Terra quer da composição físico-química da sua atmosfera. Na realidade o astrólogo não está de fato interessado em descobrir nexos reais, influências documentáveis que porventura unissem acontecimentos terrestres e fenômenos celestes; basta-lhe interpretar símbolos que vê desenhados no céu, mas estes símbolos poderiam muito bem ser projeções de um planetário ou — como acontece concretamente — apenas colunas de números que algum observatório tenha calculado para ele, as chamadas efemérides. Há centenas de anos, se quisermos, desde o nascimento da astronomia matemática moderna, que os astrólogos deixaram de perscrutar as estrelas, antes se limitando a consultar as efemérides em que estão contidas (com técnicas astronômicas e originariamente

para fins náuticos) as posições aparentes assumidas no céu pelos vários corpos celestes. Em suma, a relação entre astrologia e conhecimento real das estrelas não é diferente da que existe entre a leitura das folhas de chá e a agronomia.

ESTRELAS FIXAS

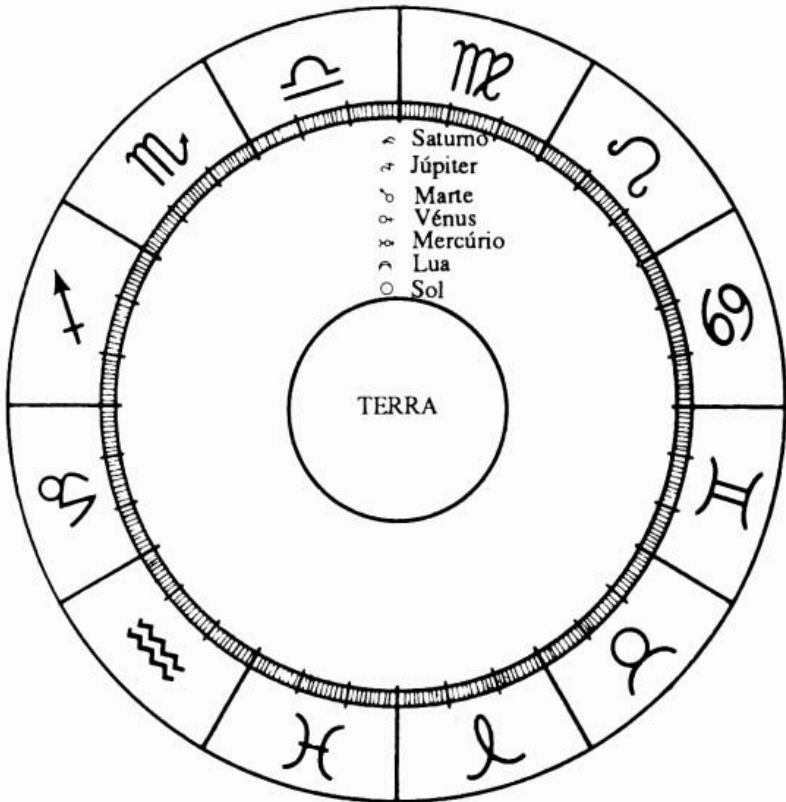


Fig. 1 — O Universo segundo a astrologia

Os próprios esquemas das constelações publicados nos livros de astrologia são muito diferentes entre si e correspondem mais à fantasia gráfica dos astrólogos do que a qualquer característica do céu estrelado (ver fig. 5).

Há um outro motivo que torna importante o fato de a astrologia se ocupar das posições aparentes dos astros e não dos seus movimentos reais. Fica assim autorizada a usar ainda hoje um modelo geocêntrico: a Terra está fixa no centro; em redor há uma esfera ideal imóvel em que estão colocadas as estrelas, agrupadas em constelações; entre a Terra e as constelações orbitam, de maneira mais ou menos regular, o Sol, a Lua e os planetas. Dado que todos os planetas estão colocados em volta no mesmo plano, a situação pode esquematizar-se como na fig. 1, imaginando um corte do sistema segundo esse plano, dito eclíptica.

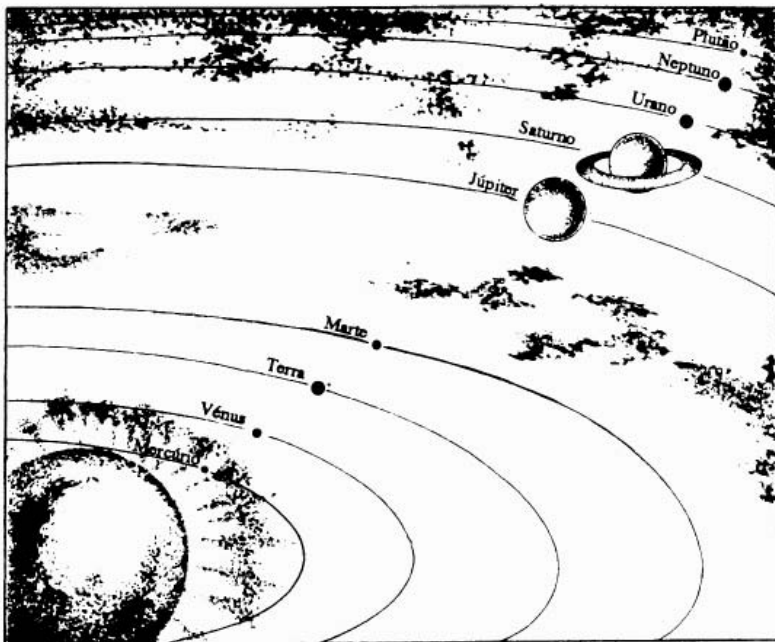


Fig. 2 — O Sistema Solar¹

Claro que a realidade das posições no Sistema Solar é diferente (ou, se quisermos, é diferente a esquematização mais econômica e conveniente). Veja-se a fig. 2 ou, mais esquematicamente, a fig. 3, que apresenta também as posições (aparentes) das constelações correspondentes aos signos.

Na realidade, cada planeta percorre uma elipse sobre o plano da eclíptica; o Sol é sempre um dos dois focos destas elipses e, relativamente ao complexo do sistema, pode considerar-se imóvel; a Lua descreve, por sua vez, uma elipse em torno da Terra. Trata-se de uma descrição simples e eficaz, que permite a formulação das leis físicas, como a da velocidade areolar constante, ou astronômica, e como a das distâncias proporcionais dos planetas.

O ponto de vista da astrologia, pelo contrário, não é copernicano, antes se atém a uma posição ptolomaica, que — repitamo-lo — é a das aparências, a do observador ingênuo: a Terra está parada no centro, rodando só sobre si própria em cada 24 horas (ou, segundo uma formulação equivalente, a Terra está absolutamente parada e todo o sistema roda em seu redor em cada 24 horas); o Sol percorre à volta dela uma

¹ Extraído de Foglia 1976.

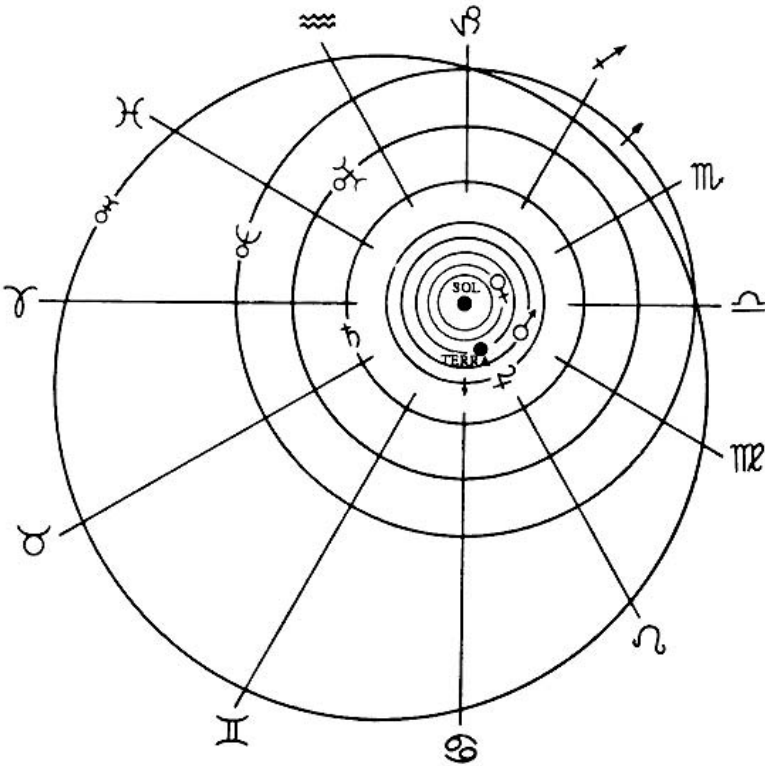


Fig. 3 — Esquema das órbitas planetárias²

órbita quase circular num ano exato; a Lua roda em torno da Terra em cerca de um mês; todos os planetas percorrem órbitas bastante complexas, com movimentos retrógrados, acelerações e travagens, que na realidade derivam da junção das suas órbitas com o movimento da Terra em redor do Sol; o resultado não deixa de ser cíclico, e os planetas percorrem as suas órbitas complexas em períodos que vão dos poucos meses de Mercúrio aos 240 anos de Plutão.

O Sol, a Lua e os planetas (5 para a astrologia clássica, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, mais os planetas lentos, descobertos depois da conclusão da história «douta» da astrologia: Urano em 1781, Netuno em 1845, Plutão em 1930) são pois tratados pela astrologia como ponteiros de um gigantesco relógio cósmico, que indica não tanto o passar do tempo como os destinos coletivos e individuais dos homens.

² *Ibid.*

O relógio cósmico

Se os planetas (a astrologia também assim chama ao Sol e à Lua) são os ponteiros deste relógio cósmico, o quadrante é dado pelo sistema das constelações reunidas na faixa zodiacal.

Todos os planetas se movem aproximadamente sobre o mesmo plano da órbita terrestre em volta do Sol ou, em termos astrológicos, da órbita solar em torno da Terra, a eclíptica (dada a inclinação do eixo de rotação terrestre, também este plano fica na oblíqua em relação ao nosso equador), e da correspondente divisão em dois hemisférios da Terra e do céu estrelado.

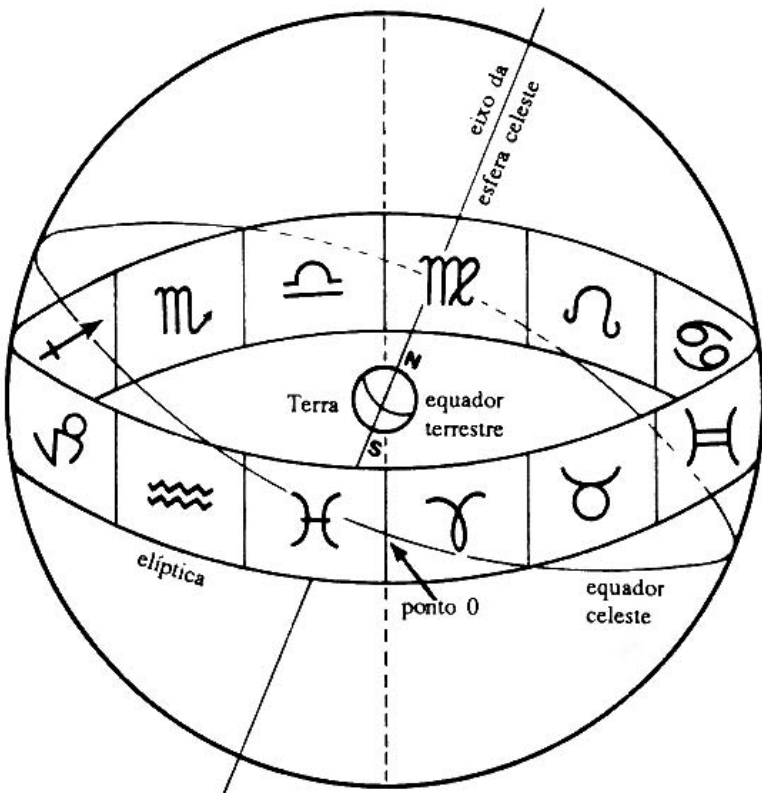


Fig. 4 — O zodíaco

Todos os planetas se sobrepõem pois a uma faixa de estrelas que passa como uma fita em redor da intersecção da eclíptica com a esfera celeste. Esta zona compreende para a tradição astrológica doze constelações

que se sucedem e é chamada faixa zodiacal ou zodíaco. A fig. 4 ilustra esta situação.

É oportuno considerar a profunda diferença existente entre «ponteiros» e «quadrante» do relógio astrológico. Os primeiros são inteiramente «naturais», apesar de — como se disse — a astrologia nunca ter tido em conta a revolução copernicana e continuar portanto a considerar a perspectiva aparente em vez da posição real dos planetas. O «quadrante» zodiacal é por outro lado na quase totalidade uma construção cultural. É bem verdade que os planetas no seu movimento se sobrepõem às estrelas da faixa do zodíaco; mas daqui até à divisão em signos zodiacais vai uma longa distância. Em ordem lógica (e não seguramente histórica), as operações são as seguintes:

— Organizar as estrelas em grupos conexos (as constelações), excluindo as que não entram no esquema e ignorando completamente as relações reais entre as estrelas (distância, etc.), para olhar apenas à sua perspectiva de vizinhança aparente, à vista do observador terrestre. Que não se trata de algo elementar ou «natural» verifica-se observando simplesmente o céu noturno, que numa noite límpida aparece riquíssimo e um pouco desordenado, nada organizado por grupos distintos; isto é tão verdade que se torna necessário *aprender* a reconhecer as constelações, isto é, aprender uma relação, que muitas vezes as estrelas sem qualquer ligação real entre elas, de fato afastadíssimas, mesmo que numa mesma linha.

— Atribuir um nome e uma imagem às constelações assim constituídas. Que esta operação também não é elementar vê-se com facilidade nos exemplos apresentados na fig. 5. Igualmente aqui nos encontramos perante a instituição arbitrária de uma relação, que faz de cinco estrelas, dispostas segundo uma simetria axial aproximativa, uma Balança, e assim por diante. Impõe-se porém uma reflexão. A própria arbitrariedade das duas operações de relacionamento que constituem uma constelação deveria tornar extremamente débil este tipo de figurações; tanto mais débil quanto são de fato dificilmente reconhecíveis na abóbada celeste. Contudo, algumas constelações da nossa astrologia já estão presentes nas tábuas babilônicas do século VII a. C. Especificamente, até tinham os seus nomes atuais Touro, Gêmeos, Balança, Escorpião, Peixes; entretanto Virgem era «Espiga», Capricórnio era «Peixe Javali», Áries era «Mercúrio» e Balança constituía uma parte (as tenazes) de Escorpião.

No entanto, como documenta Aurigemma para Escorpião já na época de Alexandre Magno os signos estavam fixados no seu ordenamento atual e desde então mantiveram-se sem mudança, pelo menos no que se refere à forma e ao nome.

³ 1976.

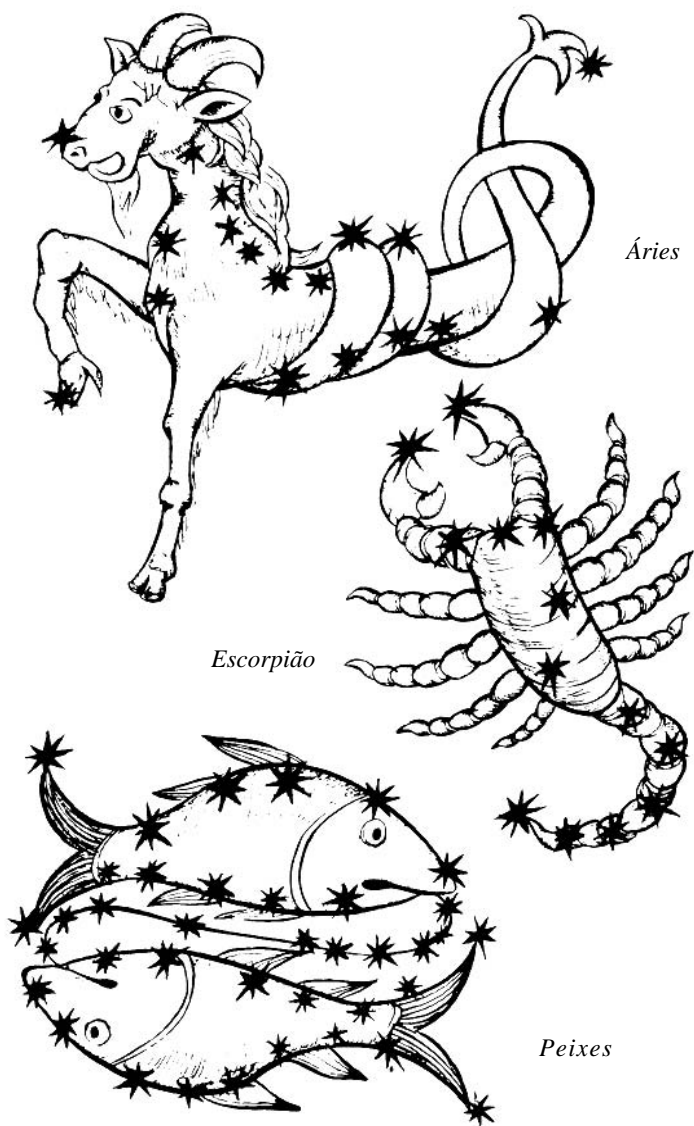


Fig. 5

O contraste entre a debilidade que deveria derivar do fato de a figuração ser artificial e a estabilidade efetiva destas construções culturais é impressionante, sendo difícil subtraímo-nos à impressão de uma importante operação de projeção do inconsciente coletivo, como supõe Aurigemma, ou pelo menos de uma institucionalização de materiais simbólicos bastante centrais relativamente à organização da nossa cultura. Estas impressões ficarão mais tarde reforçadas quando falarmos dos «significados» dos signos e sobretudo da sua eficácia tipológica.

Realidade das constelações

Assim, arbitrariamente mas com uma forte ressonância psicológico-cultural, estabelecidas as constelações correspondentes aos signos zodiacais, trata-se depois de as coordenar com precisão com o sistema astronômico, operação que nada tem de simples e está por sua vez cheia de arbitrariedades. De fato, as constelações que foram pré-selecionadas como contrapartidas celestes dos signos zodiacais sobrepõem-se por vezes entre si e não são na realidade todas da mesma «grandeza», quer dizer, não ocupam na verdade todas o mesmo arco da circunferência zodiacal. Em particular, Virgem, que se estende muitíssimo no céu, «tem» o Sol por mais de sete semanas, enquanto Balança é percorrida em apenas duas semanas.

É pois necessário distinguir uma vez mais entre imagem astrológica e realidade dos fatos, ou mesmo aparência empírica pura e simples. A observação telescópica de um planeta que se sobrepõe à constelação de Áries não tem na realidade praticamente nenhuma importância para os astrólogos; o que conta é o sector ideal e convencional (segundo as regras da astrologia) em que se encontra esse planeta. Há ainda um outro motivo para distinguir os signos do zodíaco das respectivas constelações, e esse é o da *precessão dos equinócios*. Devido a um lento movimento de oscilação do eixo terrestre, o ponto de intersecção da eclíptica e do equador celeste (ponto vernal, indicado como ponto O na fig. 4) desloca-se ao ritmo de uma circunferência completa todos os 25 920 anos, arrastando consigo as posições aparentes das constelações. O «relógio» astrológico foi «regulado» na época de Hiparco (130 a. C.) e então o ponto vernal coincidia com 0° de Áries, ou seja, com o ponto convencional em que se faz iniciar o espaço de 30° da faixa zodiacal atribuído ao signo de Áries. É de fato nessa altura o espaço convencional do signo e a constelação sobrepunham-se, pelo menos em parte. Mas entretanto o ponto vernal percorreu os 30° de Peixes e está a entrar no espaço convencional de Aquário, deslocando-se juntamente com todas as constelações. Isto quer dizer que, quando para a astrologia um horóscopo tem o Sol em Sagitário (a pessoa é «Sagitário»), na

realidade o Sol perfila-se contra a constelação de Escorpião, e assim por diante. Apresentamos de seguida uma tabela que tem em conta tanto a precessão dos equinócios como a grandeza diferente das constelações, confrontando o período do ano que a astrologia atribui a cada signo e aquele em que efetivamente o Sol está sobreposto à respectiva constelação.

TAB. IV - OS PERÍODOS DOS SIGNOS

Signo	Período	Sol na constelação
<i>Áries</i>	22.3 - 20.4	18.4 - 10.5
<i>Touro</i>	21.4 - 21.5	10.5 - 18.6
<i>Gêmeos</i>	22.5 - 21.6	18.6 - 21.7
<i>Câncer</i>	22.6 - 22.7	21.7 - 10.8
<i>Ledo</i>	23.7 - 22.8	10.8 - 17.9
<i>Virgem</i>	23.8 - 22.9	17.9 - 3.11
<i>Balança</i>	23.9 - 23.10	3.11 - 16.11
<i>Escorpião</i>	24.10 - 22.11	16.11 - 13.12
<i>Sagitário</i>	23.11 - 21.12	13.12 - 21.1
<i>Capricórnio</i>	22.12 - 20.1	21.1 - 14.2
<i>Aquário</i>	21.1 - 20.2	14.2 - 21.3
<i>Peixes</i>	21.2 - 21.3	21.3 - 18.4

À astrologia, portanto, não interessa a verdadeira situação astronômica, nem sequer a que dela deriva, em perspectiva, para o observador terrestre. Como se disse, há séculos que os astrólogos já não observam o céu, mas apenas as efemérides, em que a posição dos planetas é referida a uma faixa zodiacal totalmente convencional, dividida em doze signos, todos de 30°, na qual o equinócio da Primavera parte do grau O de Áries. Como diz a este respeito um pequeno manual moderno de astrologia, «as constelações são símbolos, não causas»⁴. É algo em que

⁴Foglia 1976.

se pode acreditar ou não, mas que, do nosso ponto de vista, confirma sobretudo o carácter artificial, cultural, da construção astrológica. A astrologia pretendeu explicar a precessão dos equinócios englobando-a no seu sistema simbólico, sustentando então que também a posição das constelações em relação ao esquema dos signos é significativa (ou seja, para usar a nossa habitual metáfora clarificadora, até o quadrante do relógio desliza muito lentamente em relação a um outro quadrante abstrato), indicando os tempos longos da «Idade dos Peixes», do Aquário, e assim por diante. Porém, mesmo aceitando esta explicação tardia, ela nada retira ao nosso discurso. Deste como de mil outros fatos resulta que o discurso astrológico é altamente convencionalizado, arbitrário, deveras artificioso e nada correspondente, na realidade, a qualquer descrição de relações efetiva entre Terra e corpos celestes, antes apenas a um certo esquema combinatório que daí extrai inspiração parcial. Trata-se, aos nossos olhos, de mais uma razão para nos interrogarmos sobre os motivos do seu êxito «externo» (longevidade, estabilidade, persuasividade).

Os nomes dos signos

É feita uma posterior consideração aos nomes dos signos apresentados na tab. IV. Uma olhadela à fig. 5 basta para compreender que estes nomes não derivam da forma das constelações; pelo contrário, a verdade é precisamente o oposto: as constelações foram constituídas de modo a tornar mesmo que vagamente plausíveis as intuições míticas que estão na origem dos nomes.

Ao contrário dos nomes dos planetas, os dos signos não se reclamam de divindades do mundo mediterrânico, nem sequer de seres semidivinos ou de símbolos de divindades. É verdade que cada signo alude a um substrato mítico que está frequentemente explícito na tradição, mas mesmo estes mitos são na sua maior parte estranhos à tradição clássica grega e muitas vezes correspondem mais ou menos ao signo astrológico, como mostra Aurigemma para o Escorpião.

A clara maioria de animais pertencentes a um mundo intermédio, nem doméstico nem mítico (ao contrário dos símbolos da astrologia chinesa, por exemplo, que também têm nomes mais quotidianos, como Cão e Macaco), a sua capacidade de organização tipológica, a sua relação complexa com os planetas (com as respectivas denominações divinas) fazem pensar numa função originária de tipo totêmico. Todas estas características não deixarão todavia de ser seguidamente mais bem esclarecidas com a análise semântica dos elementos da astrologia.

As casas

Signos e planetas não esgotam os elementos básicos do discurso astrológico. A sua disposição recíproca tem em conta simultaneamente o movimento anual da Terra em volta do Sol (ou vice-versa, em linguagem astrológica) e as órbitas dos planetas, mas não o movimento diurno da Terra. Não são pois considerados os astros efetivamente visíveis (em princípio, isto é, ignorando os obstáculos constituídos pela luz diurna, as nuvens, etc.) no momento que se quer interpretar. Este novo nível de adivinhação é expresso pelas «casas». Cada lugar da superfície terrestre —segundo a doutrina astrológica— possui um seu «quadrante» particular, que se sobrepõe ao relógio zodiacal; também esse tem 12 partes, como o zodíaco, contudo, signos e casa, em teoria e do ponto de vista do mecanismo (não do «semântico»), não têm qualquer relação entre si.

As casas exprimem a divisão do panorama celeste num determinado lugar da superfície terrestre, num determinado momento: o que se podia ver, aí e então, surgir a Oriente, ou seja, o *ascendente* (ASC), o que culminava no zênite, ou *medium coeli* (MC), o que se punha a Ocidente, ou *descendente* (DESC), e o que não se podia ver por se encontrar no nadir, ou *imum coeli* (IC). Dado que fenômenos como o comprimento do dia e a órbita diária aparente do sistema celeste dependem em grande parte da latitude, ao sistema mais simples proposto por Ptolomeu, que prevê doze partes iguais para o quadrante das casas, sobrepuseram-se outros sistemas notavelmente complicados, que modificam esta visão segundo a latitude.

Não interessa ilustrar aqui esses sistemas, tanto mais que são diversos, e os astrólogos adotam-nos sem motivações particularmente convincentes; sobretudo a pluralidade dos sistemas de cálculo não tem muito a ver com a tradição divinatória da astrologia (até porque de fato os diversos sistemas levam a resultados bastante diferentes). O que conta é que o sistema das casas roda independentemente dos outros com um ciclo de cerca de 24 horas e compreende nas suas doze partes tanto os signos como os planetas.

Complicações

Na sua história, a astrologia adotou também uma série de elementos menores como possíveis objetos de adivinhação. Eles são citados para mostrar como a interpretação divinatória pode multiplicar indefinidamente os seus instrumentos, mesmo os fundamentais, isto é, os objetos da adivinhação.

Para além dos planetas foram por vezes considerados os chamados *pontos sensíveis* ou *nódulos*, como o da intersecção do Sol e da Lua

(ponto da sorte) e o da intersecção de Marte e Saturno (ponto da morte), para além do chamado nódulo lunar.

Os signos foram ainda subdivididos em 3 «decanos» de 10° cada, regidos por um planeta; ou até em 30 partes (moirogêneses), cada uma indicadora de um destino individual. Junto das constelações dos signos, foram consideradas as que lhes ficam vizinhas, mas fora da faixa zodiacal («paranatalontas»). Por fim foram muitas vezes examinadas estrelas isoladas, particularmente brilhantes, pertencendo ou não às constelações tradicionais, atribuindo-se um significado importante às suas posições, tanto relativamente aos planetas quanto às casas.

No entanto, nenhum destes elementos acessórios influencia o núcleo do mecanismo astrológico ou modifica substancialmente as categorias que o regem. Logo, pelo menos para os nossos fins, não é importante tomá-los em consideração de forma particularizada.

A construção do horóscopo

O que foi dito até agora funde-se na operação técnica fundamental do discurso astrológico, a construção do horóscopo (sobre a qual não desenvolveremos um discurso técnico, possível de encontrar nos manuais de astrologia, mas apenas uma análise abstrata).

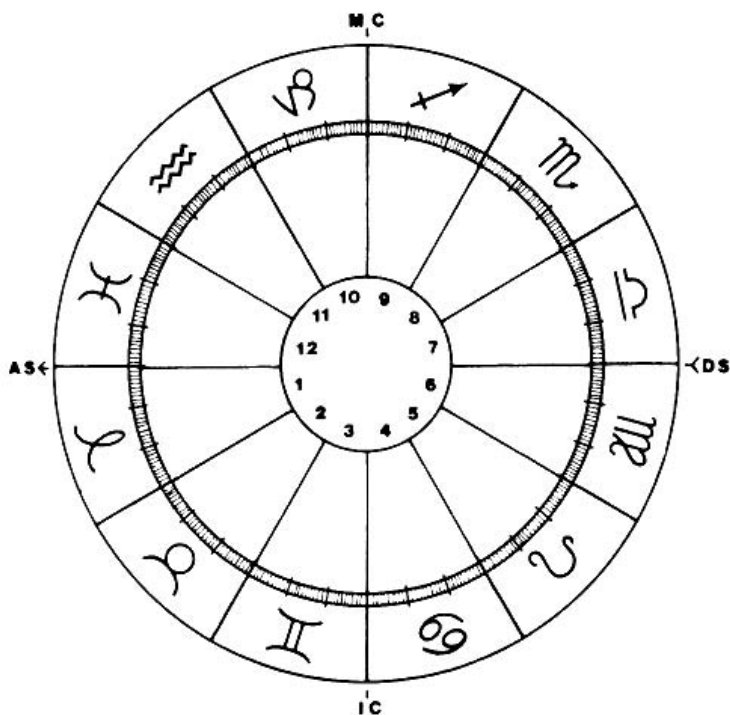


Fig. 6 — O esquema vazio do horóscopo

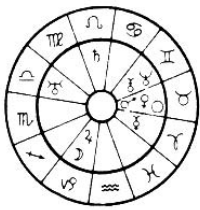
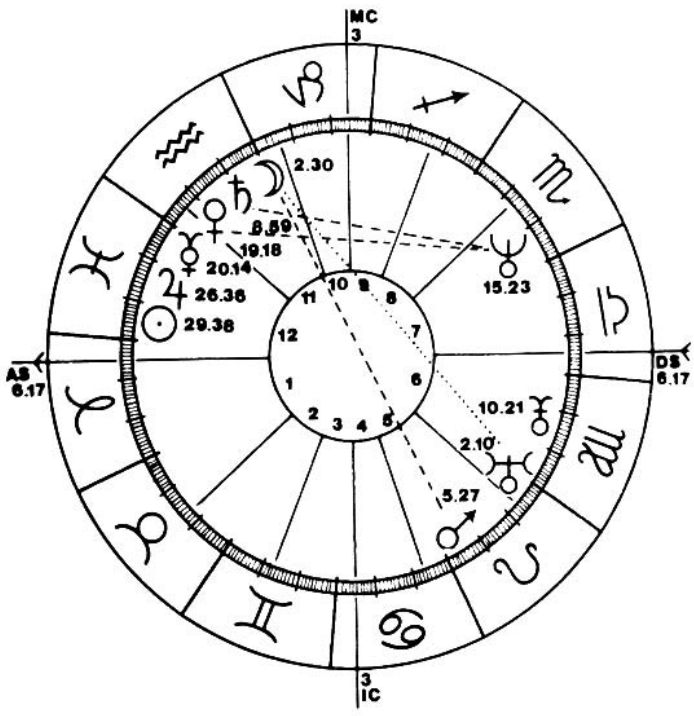


Fig. 7 — Dois horóscopos

⁵ Innes 1976.

O horóscopo é um mapa do céu, abreviado, simplificado, modificado, tornado pertinente de acordo com os critérios astrológicos discutidos até agora. Para cada lugar em cada momento o horóscopo correspondente determina a posição relativa dos planetas no que se refere aos signos do zodíaco e as posições dos signos e planetas relativamente ao quadrante das casas.

A fig. 6 mostra o esquema vazio do horóscopo, enquanto a fig. 7 apresenta dois horóscopos completos, o de uma pessoa nascida a 21-3-63, às 6 e 45, em Milão, e o mais pequeno de um homem nascido às 6 e 22 da tarde de 20-4-1889 (Adolf Hitler).

Quanto à fig. 6, o esquema vazio do horóscopo, o seu preenchimento é fruto de diversas operações fixas:

— a domificação: trata-se de dividir idealmente a faixa zodiacal, representada pela circular externa, nas doze rasas que fixam as relações entre casas e signos. Concretamente, permanece imóvel o eixo fundamental de referência ASC-DESC e MC-IC, que na devida oportunidade se orientará em torno da faixa zodiacal; depois são divididas as casas, segundo o sistema específico adotado;

— sobre este duplo quadrante, externo de signos e interno de casa, fixa-se a oposição dos planetas;

— tomam-se em consideração os «aspectos» dos planetas entre si, isto é, os ângulos que formam. São pertinentes, com aproximações de cerca de +/- 5°, os ângulos de 0° (conjugação), 180° (oposição), 60° (sextil), 120° (trígono), 90° (quadratura) e outros menos importantes. Na fig. 7 grande parte destas relações estão ilustradas com linhas a tracejado.

A SINTAXE

Os enunciados

É importante sublinhar que o horóscopo é fruto de operações matematicamente exatas e mecanizáveis na totalidade, embora tenhamos visto que os seus pressupostos (do número de signos e de casas ao método pré-selecionado para a sua construção) são claramente arbitrários e convencionais. Resta o fato de a cada lugar e momento na Terra ser possível associar um certo horóscopo bem definido, apesar de a inversa não ser verdadeira: cada lugar e tempo não constituem um horóscopo individual *diferente* de todos os outros.

Embora de fato a notabilíssima complicação do sistema garanta na prática que não se dêem repetições em tempos históricos (mas o sistema é cíclico), a sua armação não é suficiente para isolar pontos espaço-temporais precisos, e o resultado será idêntico com aproximações da ordem dos poucos minutos e das dezenas de quilômetros, e muito parecido para uma combinação oportuna de intervalos espaço-temporais mesmo consideravelmente mais amplos.

O horóscopo constrói-se com três grupos de elementos: dois ordenados circularmente e fixos (os quadrantes: signos e casas) e um linearmente (os ponteiros: os planetas). A adivinhação astrológica baseia-se nas relações geométricas entre estes três grupos de elementos, os únicos tomados em consideração, sem mais ligar aos objetos celestes cuja transcrição deveriam representar.

O horóscopo é um texto, quer dizer, um conjunto de enunciados significantes. Por enunciado significante devemos entender aqui uma das características do horóscopo que a astrologia interpreta como pertinentes para a adivinhação; em particular:

- uma sobreposição planeta-signo
- uma sobreposição planeta-casa
- uma sobreposição signo-casa
- uma relação geométrica entre dois planetas, a qual se insere nos casos que nos limitamos a descrever como «aspectos».

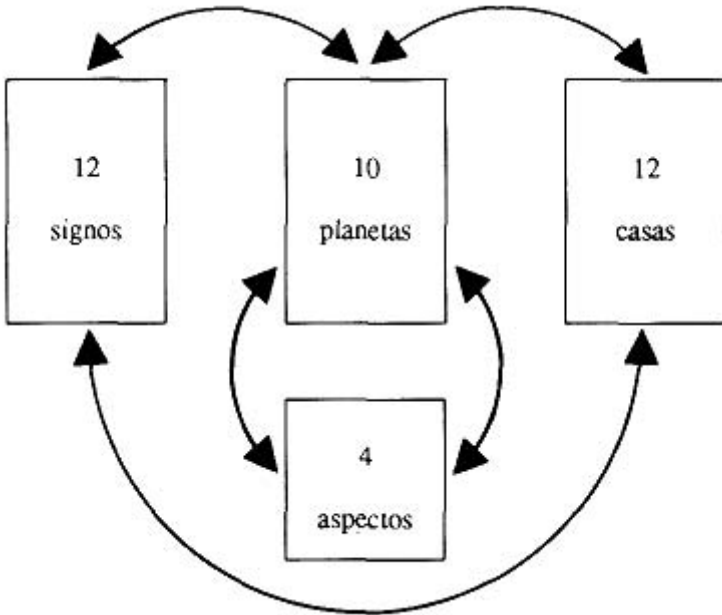


Fig. 8 — Os elementos da astrologia e as suas relações significativas

Os enunciados significantes da astrologia são pois substancialmente todas as combinações duas a duas dos três conjuntos ilustrados na fig. 8, mais os aspectos entre os planetas.

Isto não quer dizer que o texto-horóscopo não admita outros níveis de interpretação, mais gerais e totalizantes. Por exemplo, do ponto de vista astrológico é pertinente a concentração dos planetas no semicírculo superior (diurno) ou inferior (noturno) obtidos no esquema do horóscopo com o eixo ASC-DESC; o mesmo valor para os dois semicírculos direito e esquerdo delimitados pelo eixo IC-MC; ou para uma distribuição uniforme nos vários quadrantes. Porém, estas condições gerais pertencem mais à ordem da interpretação da astrologia do que à do seu significado propriamente dito.

Como nasce o horóscopo

Os níveis segundo os quais se organiza o discurso astrológico são bastante complexos e exigem um certo cuidado para serem determinados com clareza suficiente. A astrologia pode produzir adivinhações para todos os pontos espaço-temporais da superfície terrestre. Entre a apresentação do lugar e da hora e o texto divinatório é realizada uma série de etapas reais ou ideais, que em parte se organizam como um aparato comunicativo complexo. Pode ser útil o esquema da tab. V.

O passo 2 é duplo (a observação das estrelas é a operação ideal e a das tabelas a real) e a forma das efemérides torna de fato quase totalmente automático o passo 3.

Consideremos agora o aspecto da comunicação. O passo 1 constitui simultaneamente a pergunta e o dado necessário para a resolução (ao contrário de outras formas de adivinhação, como o I Ching, a astrologia não responde a perguntas singulares, antes está sempre em condições de produzir uma previsão completa). Por conseguinte, hora e lugar são os

TAB. V — OS PASSOS DO HORÓSCOPO

1	Lugar e hora		INPUT
2	observação das estrelas	consulta das efemérides	SIGNIFICANTE
3		redução dos dados à grelha astrológica (precessão dos equinócios, signos iguais, domificação)	
4		desenho completo do horóscopo	
5		leitura do sentido dos enunciados significantes um a um	SIGNIFICADO
6		confronto e homogeneização dos enunciados significantes	RETÓRICA
7		e sua fusão num texto divinatório	OUTPUT

únicos elementos do *input* externo ao sistema (se considerarmos internos ao sistema divinatório não só os códigos gerais da astrologia mas também os morais, econômicos, eróticos, culturais em geral da época em que é feita a adivinhação). Há pois uma fase de construção do significante, que vai do passo 2 ao 4, e é, como já dei a entender, completamente mecânica, de tal maneira que pode muito bem ser realizada por um computador. O passo 5 é o semântico, em que intervêm os conteúdos, as «informações» da astrologia. Os passos 6 e 7 são interpretativos, retóricos, mas é claro que nem por isso menos essenciais do que os outros para o mecanismo da astrologia.

Expressão e conteúdo

Analizando os elementos da astrologia como possíveis trâmites do aparato comunicativo, como «signos», o que se pode dizer com notável aproximação, devemos seguir um esquema parcialmente análogo e procurar os elementos de organização e de caracterização aos três níveis: sintático-significante, semântico e retórico-interpretativo. Uma análise mesmo que sumária de todos estes três estratos organizativos é indispensável para a compreensão do aparato divinatório constituído pela astrologia, e em particular do seu aspecto produtivo de discursos.

Trata-se pois de descrever a estrutura formal interna de cada um dos três aparatos, as unidades de conteúdo que lhes estão conexas, as ligações de indefinibilidade que percorrem os elementos dos diversos repertórios, os modos das suas combinações e os mecanismos semânticos correspondentes. Enfim, e parcialmente distinto deste discurso, há o nível da retórica interpretativa. De fato, se o desenho do zodíaco é operação completamente mecanizável, porque não é mais do que a aplicação de esquemas matemáticos, embora arbitrários, também os elementos de conteúdo que intervêm na formulação do texto divinatório final são completamente dados. Ou seja, existe como que um verdadeiro *dicionário* explícito da astrologia, que faz corresponder a cada um dos enunciados significantes um texto significado elementar, uma adivinhação mínima, que depois deverá ser fundida e homogeneizada com o resto. Todos os manuais de astrologia contêm uma parte deste tipo e podem ser usados mesmo como dicionários (e não só para os passos 2 e 3 da tab. V).

Apesar de uma tal possibilidade de ser incluída num dicionário finito explicar a diferença da «semântica» da astrologia relativamente à sua «retórica», o que nos interessa é todavia a existência de uma estrutura subjacente ao dicionário que o gera e permite dar um mínimo de regularidade às operações «retóricas». Todos os repertórios são organizados com uma rede de oposições formais (paradigmáticas), que na sua

maioria se podem extrair de classificações explícitas da astrologia clássica. Os vários repertórios são ligados entre si por uma rede de relações de «simpatia e antipatia» entre os respectivos elementos (estrutura sintagmática) que tornam confrontáveis os diferentes paradigmas e cimentam uma estrutura unitária.

A estrutura dos repertórios

Para cada um dos repertórios pode traçar-se com utilidade um esquema inspirado na semiótica de Hjelmslev:

Forma
CONTEÚDO
 Substância

Forma
EXPRESSÃO
 Substância

Se, como veremos, planetas, signos, casas exprimem respectivamente constantes culturais de tipo psicológico (*grosso modo*, as faculdades do espírito), tipológico, antropológico (no sentido de organização da vida social), estes esquemas podem ser preenchidos aproximadamente como se segue:

TAB. VI — PLANETAS

mitologia clássica, fatos astronômicos oposições induzidas da expressão	Forma	CONTEÚDO
psicologia fundamental canônica do homem ocidental	Substância	
pertinência das oposições Masculino/Feminino, Benévolo/Malévolo, Tradicional/Não tradicional	Forma	EXPRESSÃO
materiais astronômicos	Substância	

TAB. VII — SIGNOS ZODIACAIS

tipologia, analogias sazonais, agrícolas, etc., núcleos iconológicos e míticos	Forma	CONTEÚDO
material sociopsicológico característico da cultura, arquétipos coletivos	Substância	
oposições por gênero, natureza, elemento	Forma	EXPRESSÃO
materiais astronômicos normalizados	Substância	

TAB. VIII — CASAS

codificação cultural	Forma	CONTEÚDO
antropologia das necessidades e relações sociais	Substâncias	
classificação induzida sintagmaticamente	Forma	EXPRESSÃO
materiais astronômicos	Substância	

Estes esquemas são muito aproximativos, sobretudo no que se refere ao conteúdo, que mal se adapta a uma definição exclusiva (a «divina analogia» quase não admite «negações»), mas não deixam de ser úteis para, a compreensão do discurso que se segue.

É interessante notar como se inseriram no lado expressivo elementos que em primeira instância pertenceriam ao conteúdo, como Masculino/Feminino; mas eles desempenham uma função de organização formal dos repertórios análoga à dos gêneros gramaticais.

A organização paradigmática ¹ do material surge obviamente ao nível da forma da expressão, onde atuam as oposições e são pertinentes também as «simpatias» entre um repertório e outro, constituindo a estrutura sintagmática. A única exceção é a das casas, que retomam a organização formal da dos signos. Considerando os três repertórios no seu conjunto, é ainda necessário notar que a soma das substâncias do conteúdo não é mais do que o vasto campo social e individual sobre que a astrologia produz adivinhações (e isto explica igualmente a dificuldade

¹ Analogamente ao que acontece em lingüística, distinguimos para cada elemento da astrologia um eixo sintagmático, que compreende as possíveis combinações com elementos de outros repertórios, e um eixo paradigmático, que se refere às relações de substituição, exclusão, etc., com elementos do mesmo repertório.

de o precisar): guerra e saúde, amor e interesse, morte e viagens, personalidade e evoluções políticas... O conjunto da substância da expressão é o material astronômico de que já muitas vezes referimos o uso instrumental e o tratamento artificioso que lhe dá a astrologia. Em substância — segundo uma característica muito importante e geral dos sistemas divinatórios, em oposição aos cognitivos —, deve tratar-se de materiais acausais, de fatos causais em sentido próprio (vô de pássaros, moedas atiradas ao ar, etc.), ou de acontecimentos suficientemente complexos, embora determinados, para simularem o acaso; e sobretudo de acontecimentos não ligados por uma relação de causa-efeito ao objeto da adivinhação. As colunas de números das efemérides, ainda mais do que o movimento indiferente das estrelas, são o material soberanamente neutro de que a astrologia extrai auspícios.

A verdadeira relação informativa, a verdadeira bagagem de experiências e de conhecimentos culturais, de sociologia, psicologia e antropologia que a astrologia atinge para produzir os seus vaticínios é pois a relação entre forma da expressão e forma do conteúdo; entre uma rede elaborada e complexa de entidades abstratas (signos, planetas, casas), apoiadas, ou melhor, constituídas, por uma rede cerrada de oposições paradigmáticas e equivalências sintagmáticas, e uma tipologia complexa de princípios físico-psicológicos, faculdades de espírito, qualidades afetivas, situações culturais, objetos — o quadro complexo da cultura ocidental, organizado por núcleos ideais não exclusivos entre si, antes se diluindo num confuso campo de influências, analogias, atrações diversas.

Nos parágrafos que se seguem examinaremos separadamente a organização paradigmática característica das formas de expressão dos vários repertórios, depois as suas relações sintagmáticas e a seguir os respectivos elementos de conteúdo; reconhecimento bastante aborrecido, apesar de superficial, mas indispensável tanto para circunscrever o núcleo central, psicológico, cultural, antropológico, que rege a astrologia de forma tão resistente, como para descrever analiticamente as suas modalidades discursivas, e por fim para compreender uma máquina semiótica, uma estrutura formal quase inexplorada do ponto de vista da comunicação, não obstante capaz de tratar com extrema finura, incomparável mesmo aos modelos semióticos mais complexos, intrincadas redes de oposições e congruências: a estrutura dodecaédrica do zodíaco.

Os planetas

Os «planetas» da astrologia são 10. Eis uma lista com os símbolos tradicionais utilizados tanto na astrologia como nas práticas mágicas e alquímicas (e em muitos outros lugares da nossa cultura, como se vê pela adoção do símbolo de Vênus para emblema feminista):

TAB. IX — OS SÍMBOLOS DOS PLANETAS

<i>Sol</i>	☉	<i>Júpiter</i>	♃
<i>Lua</i>	☾	<i>Saturno</i>	♄
<i>Mercúrio</i>	☿	<i>Urano</i>	♅
<i>Vênus</i>	♀	<i>Netuno</i>	♆
<i>Marte</i>	♂	<i>Plutão</i>	♇

Entre estes planetas, contudo, só os primeiros sete são visíveis a olho nu e fazem parte integrante da tradição astrológica; os últimos três foram descobertos entre os últimos anos de setecentos e os primeiros deste século. Foram pois acrescentados pelos astrólogos contemporâneos à classificação tradicional. Ora, em qualquer livro de astrologia que se encontre à venda, Urano, Netuno e Plutão têm o seu lugar junto dos outros, a sua classificação segundo os critérios sintáticos tradicionais, as suas associações a partes do corpo, elementos, princípios psicológicos; têm a sua influência bem determinada sobre cada um dos signos.

O caso é bastante interessante, porque esclarece de maneira evidentíssima um modo de proceder, de acumular «conhecimentos» da astrologia que não é empírico mas sim analógico-estrutural. Plutão, por exemplo, conhece-se há cinqüenta anos, e leva vinte a percorrer um signo, isto é, duzentos e quarenta para todo o ciclo zodiacal. No entanto os astrólogos, com uma concordância notável, já sabem qual deve ser a influência do último planeta nos signos de que ainda virá a aproximar-se. O habitual intercâmbio simbólico nome-objeto, a continuação mecânica dos esquemas sintáticos aplicados aos outros planetas, mas sobretudo a teoria dos «planetas lentos» como «harmonia superior» dos já conhecidos, permitiram preencher rapidamente tais lacunas, e com uma facilidade suspeita².

Este mecanismo é tão cômodo e persuasivo no interior da lógica da astrologia que há quem tenha ido mais além: Lisa Morpurgo³ por exemplo, inventou dois planetas, batizando-os (com pouca fantasia) X e Y, e decidiu que a ciência mais tarde ou mais cedo os teria descoberto mas

²Foglia 1976: 62.

³Morpurgo 1975. É evidente a raiz pitagórica ou, se quisermos, teológica desta forma de raciocínio. Os adversários de Galileu recusavam-se a olhar pela sua luneta, porque sabiam muito bem o que *devia* encontrar-se no céu...

que entretanto era preciso tê-los em conta. E pronto, eis que também X e Y têm os seus signos, os seus gêneros, os seus elementos, as suas analogias, as suas influências. Porém, não podem ser tidos em consideração para o horóscopo, porque deveriam ter igualmente uma posição e um movimento preciso, e então poder-se-ia verificar se lá estão.

Portanto podemos ter em conta só os sete planetas «tradicionais». As características usadas para a classificação dos planetas — os seus «traços pertinentes» — são três: ser planeta em sentido próprio, o Masculino/Feminino, o Benéfico/Maléfico. Todos estes três critérios são formulados explicitamente nos textos de astrologia e, apesar de serem redundantes (dado que também é possível a neutralidade relativamente a um critério, os objetos distintos classificáveis por estes critérios são 27), trata-se de um motivo suficiente para os adotar.

Embora os «planetas» da astrologia sejam sete (ou dez), na realidade dois deles não são planetas em sentido próprio: o Sol é uma estrela e a Lua um satélite da Terra. Além disso, o Sol e a Lua são muitíssimo mais visíveis do que os outros «planetas», têm órbitas regulares que determinam a nossa medida do tempo (ano e mês), exercem ações físicas indubitáveis sobre a superfície terrestre (marés, etc.). A astrologia exprime a diferença falando de luminares (o Sol e a Lua) ou não (os outros planetas).

Muito menos evidente e fundada é a base do critério sexual: na maior parte dos casos parecem respeitados os gêneros das divindades que dão o nome aos planetas, mas nem sempre assim é (Saturno é feminino). Seja como for, a classificação seguinte é válida

TAB. X — O SEXO DOS PLANETAS

masculinos

Sol

Marte

Júpiter

(Urano)

femininos

Lua

Vênus

Saturno

(Netuno)

grau zero

Mercúrio

(Plutão)

Ainda menos intuitivamente justificada parece, como é evidente, a distinção entre planetas benéficos e maléficos. Esta não compreende os luminares, que são genericamente pensados como expressão de forças vitais, logo benéficas, mas não têm reconhecimento formal desta sua característica semântica. A classificação é esquematizada na tabela seguinte.

TAB. XI — A EFICÁCIA DOS PLANETAS

benéficos
Vênus
Júpiter
(Netuno)

maléficos
Marte
Saturno
(Urano)

grau zero
Mercúrio
(Plutão)

É importante sublinhar que estas classificações se referem essencialmente a um nível sintático da organização da astrologia, ainda que aspectos como o sexo ou a influência positiva e negativa sejam evidentemente características de conteúdo. O fato é que elas não são tomadas mais à letra do que os aspectos da linguagem que fazem com que em italiano (mas não necessariamente noutras línguas) «cadeira» seja feminino ou «gente» singular. Trata-se de classificações sintáticas que só em parte e com distorções espelham as pertinências semânticas de que derivam. É também necessário sublinhar que estas distinções mais parecem extraídas de intuições originais ou tradicionais do que das categorias análogas da linguagem. Por exemplo, para a classificação astrológica não é pertinente o fato de em alemão o gênero de Sol e da Lua ser invertido relativamente à tradição (e ao italiano): *die Sonne, der Mond*.

As classificações tradicionais podem ser usadas como primeira análise sintática capaz de caracterizar cada planeta como segue (os parêntesis indicam a neutralização); anotamos também o carácter tradicional ou não dos planetas:

TAB. XII

Planeta	luminar	masculino	benéfico	tradicional
<i>Sol</i>	+	+	(+)	+
<i>Lua</i>	+	-	(+)	+
<i>Mercúrio</i>	-	(+)	(+)	+
<i>Vênus</i>	-	-	+	+
<i>Marte</i>	-	+	-	+
<i>Júpiter</i>	-	+	+	+
<i>Saturno</i>	-	-	-	+
<i>Urano</i>	-	-	-	-
<i>Netuno</i>	-	-	+	-
<i>Plutão</i>	-	(+)	(+)	-

As relações entre os planetas


Do exame desta análise sintática canônica emergem alguns elementos estruturais característicos do repertório dos planetas.

Em primeiro lugar, aparece claramente a posição parasita dos planetas «não tradicionais». Só que, devido a esta característica (que, por outro lado, não é obviamente tomada em consideração nos textos astrológicos), Urano, Netuno e Plutão têm a mesma análise de Marte, Vênus e Mercúrio, respectivamente. Isto explica os critérios mecânicos com que os astrólogos atribuíram significados divinatórios a estes planetas à medida que eram descobertos, fazendo valer uma analogia ou uma simetria estrutural que na realidade é absolutamente arbitrária.

Tal aproximação entre planetas tradicionais e planetas não tradicionais correspondentes é descrita pelos astrólogos com a metáfora musical da harmonia superior: Urano espelharia as características de Marte numa «harmonia superior», ou seja, de maneira «mais espiritual», «mais profunda», qualquer que seja o significado de tudo isto. Faltam neste esquema as «harmonias superiores» de Júpiter e Saturno, que mais não seriam do que os dois planetas «por descobrir» profetizados por Lisa Morpurgo.

Se omitirmos os planetas não tradicionais, e também por um instante os dois luminares, restam os cinco planetas propriamente ditos da tradição astrológica, pelo que o quadro da tab. XII se pode reescrever em forma de quadrado:

TAB. XIII

	masculino	zero	feminino
benéfico	<i>Júpiter</i>		<i>Vênus</i>
zero			
maléfico	<i>Marte</i>		<i>Saturno</i>












Este sistema de oposições rege também as relações entre planetas e signos. Mas já aqui se podem notar as complexidades das ligações entre os símbolos astrológicos: se ao longo da diagonal a oposição é muito clara, já que Marte é na verdade o contrário de Vênus e Júpiter e de Saturno, as relações ao longo dos eixos maiores tornam-se muito mais difíceis de definir, o mesmo acontecendo com as ligações a Mercúrio. O Sol e a Lua serão de certo modo «semelhantes» a Júpiter e a

Vênus e «contraditórios» relativamente a Marte e Saturno. Porém, a única forma exaustiva de sistematizar esta rede de relações é o esquema zodiacal de doze lugares, que se deduz das relações com os signos. Consideremos pois o esquema formal do segundo repertório; depois examinaremos os signos do zodíaco, e só mais tarde as relações entre os dois sistemas.

Os signos

Como sabemos, os signos zodiacais são 12, organizados como setores circulares de um círculo (ver fig. 6):

TAB. XIV OS SIGNOS DO ZODÍACO

de	0	a	30	graus	Carneiro	com	o	símbolo	
«	30	«	60	«	<i>Touro</i>	«	«	«	
«	60	«	90	«	<i>Gêmeos</i>	«	«	«	
«	90	«	120	«	<i>Câncer</i>	«	«	«	
«	120	«	150	«	<i>Leão</i>	«	«	«	
«	150	«	180	«	<i>Virgem</i>	«	«	«	
«	180	«	210	«	<i>Balança</i>	«	«	«	
«	210	«	240	«	<i>Escorpião</i>	«	«	«	
«	240	«	270	«	<i>Sagitário</i>	«	«	«	
«	270	«	300	«	<i>Capricórnio</i>	«	«	«	
«	300	«	330	«	<i>Aquário</i>	«	«	«	
«	330	«	360	«	<i>Peixes</i>	«	«	«	

textos astrologicos, a qual ate tem a vantagem de ser completa e economica. Cada signo é de fato completamente determinado pela sobreposição de três características: o *gênero* (binário), a *natureza* (ternária) e o *elemento* (quaternário). Nenhuma destas características é neutra, e a cada signo corresponde um conjunto diferente de todos os outros.

Sempre tanto quanto é possível num sistema expressivo cuja característica e cuja técnica de criação fundamental consiste em confundir o nome com o objeto, igualmente neste caso tais classificações individualizam unidades sintáticas, pertinentes ao plano da expressão. Todavia, sobretudo no que se refere aos «elementos» e em parte também à «natureza», é aqui muito forte a ligação com os correspondentes elementos de conteúdo, que desempenham uma função importante na organização da estrutura semântica deste repertório.

Eis a classificação por gêneros:

TAB. XV — OS GÊNEROS DOS SIGNOS

masculinos	femininos
<i>Áries</i>	<i>Touro</i>
<i>Gêmeos</i>	<i>Câncer</i>
<i>Leão</i>	<i>Virgem</i>
<i>Balança</i>	<i>Escorpião</i>
<i>Sagitário</i>	<i>Capricórnio</i>
<i>Aquário</i>	<i>Peixes</i>

Também neste caso a divisão em gêneros não respeita os dados gramaticais (Balança é masculino, e são femininos Câncer, Touro, Capricórnio, Peixes e Escorpião) nem uma classificação sexual intuitiva (pela qual, por exemplo, Touro seria semanticamente masculino, contraposto como é a Vaca, e Peixes e sobretudo Escorpião têm uma simbologia associada claramente fálica).

Para compreender a segunda classificação é oportuno considerar a fig. 6, o esquema vazio do zodíaco, que constitui também o grau zero. Há uma ligação precisa entre signos e casas, que faz com que em cada quarto de círculo estejam compreendidos exatamente três signos. Os quatro signos que neste esquema seguem exatamente um eixo (ASC, DESC, IC, MC) são chamados *cardeais*; os que se lhes seguem imediatamente, *mutáveis*; os ainda seguintes, ou, se preferirmos, que precedem, no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, que é característico da astrologia, os pontos cardeais, são *fixos*. Daqui deriva esta classificação:

TAB. XVI — A NATUREZA DOS SIGNOS

cardeais	mutáveis	fixos
<i>Áries</i>	<i>Gêmeos</i>	<i>Touro</i>
<i>Câncer</i>	<i>Virgem</i>	<i>Leão</i>
<i>Balança</i>	<i>Sagitário</i>	<i>Escorpião</i>
<i>Capricórnio</i>	<i>Peixes</i>	<i>Aquário</i>

Sobre o esquema zodiacal, a análise por «natureza» produz três «quadrados», cada um dos quais compreende todos os signos com a mesma natureza (fig. 9).

O esquema gráfico é interessante porque indica bem as relações complexas de equivalência e oposição que ligam constelações conceptuais mais ricas do que aquelas que é costume analisar segundo o «quadrado lógico», o «*carré sémiotique*» ou o «hexágono modal» 4.

A terceira classificação, mais densa de valores semânticos e sobretudo de referências culturais extra-astroológicas, considera os «elementos» a que pertencem os signos:



- signos cardeais
- signos fixos
- signos mutáveis

Fig. 9 — Os quadrados das naturezas 5

4 Trata-se de classificações tradicionais dos conceitos segundo as suas relações de oposição, contradição, subalternidade.

5 Extraído de Foglia 1977.

TAB. XVII — OS ELEMENTOS DOS SIGNOS

terra	ar	água	fogo
<i>Touro</i>	<i>Gêmeos</i>	<i>Câncer</i>	<i>Áries</i>
<i>Virgem</i>	<i>Balança</i>	<i>Escorpião</i>	<i>Leão</i>
<i>Capricórnio</i>	<i>Aquário</i>	<i>Peixes</i>	<i>Sagitário</i>

Ainda aqui a classificação não espelha imediatamente a intuição semântica comum. Por exemplo, Aquário é um signo de ar, o Escorpião, da terra, pertence à água, e assim por diante.

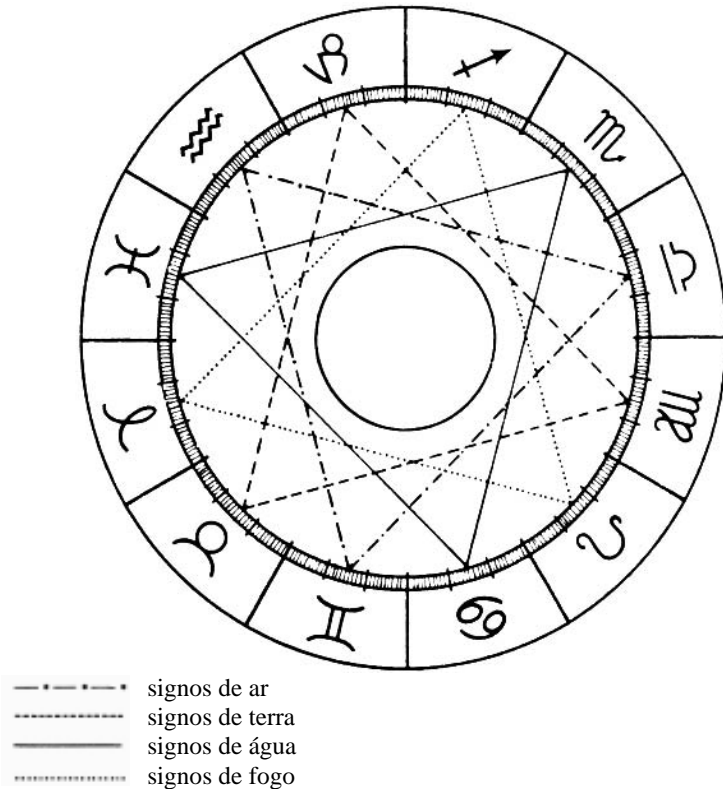


Fig. 10 — Os triângulos dos elementos ⁶

⁶Foglia 1976: 62.

Em termos gráficos, os quatro elementos induzem outros tantos triângulos equiláteros sobre o círculo zodiacal.

A análise dos signos

Para os signos, tal como para os planetas, os critérios tradicionais de classificação podem organizar-se numa espécie de análise por características sintáticas:

TAB. XVIII — A ANÁLISE DOS SIGNOS

<i>Áries</i>	m	card	fogo
<i>Touro</i>	f	fixo	terra
<i>Gêmeos</i>	m	mutável	ar
<i>Câncer</i>	f	card	água
<i>Leão</i>	m	fixo	fogo
<i>Virgem</i>	f	mutável	terra
<i>Balança</i>	m	card	ar
<i>Escorpião</i>	f	fixo	água
<i>Sagitário</i>	m	mutável	fogo
<i>Capricórnio</i>	f	card	terra
<i>Aquário</i>	m	fixo	ar
<i>Peixes</i>	f	mutável	água

É fácil ver não só que a cada signo corresponde uma única análise, e vice-versa, mas também como as várias classificações se sucedem regularmente segundo a ordem cíclica tradicional.

Se considerarmos as diversas classificações como relações entre signos, e considerarmos por exemplo os signos que têm respectivamente a mesma «natureza», o mesmo gênero e o mesmo elemento que, por exemplo, *Áries*, ressalta um ordenamento significativo das relações que este signo mantém com os outros onze. Na fig. 11 estas relações são expressas graficamente.

São quatro os signos com os quais *Áries* não tem características comuns, os dois que lhe estão contíguos e os contíguos ao seu oposto (*Touro*, *Peixes*, *Virgem* e *Escorpião*); com outros dois partilha tão-só o gênero (*Gêmeos* e *Aquário*); três têm a mesma natureza (*Câncer*, *Balança* e *Capricórnio*); dois o mesmo elemento (*Leão* e *Sagitário*).

Sendo puramente sintático, este esquema ainda nada diz da relação efetiva entre os vários signos (e de fato, concretamente, o gênero não

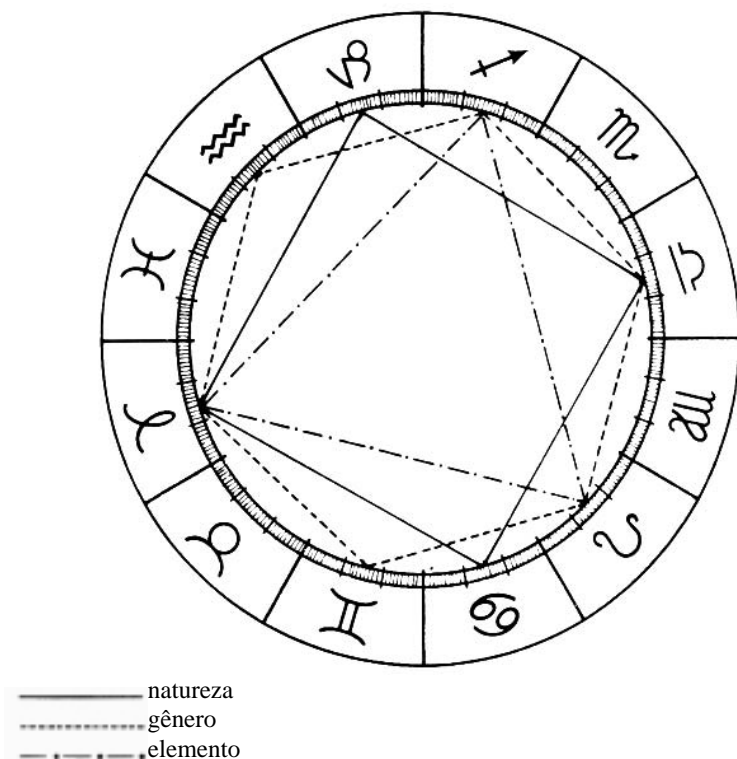


Fig. 11 — As semelhanças de Áries

tem quase relevância semântica, enquanto signos com a mesma natureza tendem a opôr-se, e com o mesmo elemento a assemelhar-se). O que vale a pena sublinhar é a capacidade de organizar entre si tais relações complexas e diversas, o que é característico do esquema duodecimal do zodíaco.

As casas

Muito mais elementar é o esquema sintático autônomo do terceiro repertório, o das casas, ou campos. Também são doze, como os signos, e, embora não exista nenhuma relação conceptual entre as noções de casa e de signo, as características de organização são quase por

completo decalçadas sobre a estrutura zodiacal propriamente dita, através do esquema do zodíaco de grau zero (fig. 6), que associa a cada signo uma casa, de acordo com os emparelhamentos seguintes:

TAB. XIX — RELAÇÕES SIGNOS-CASAS

Signo	Casa
<i>Áries</i>	I
<i>Touro</i>	2
<i>Gêmeos</i>	3
<i>Câncer</i>	IV
<i>Leão</i>	5
<i>Virgem</i>	6
<i>Balança</i>	VII
<i>Escorpião</i>	8
<i>Sagitário</i>	9
<i>Capricórnio</i>	X
<i>Aquário</i>	11
<i>Peixes</i>	12

As casas I, IV, VII e X são denominadas *cardeais* e apresentadas em numeração romana; as que se lhes seguem intitulam-se *fixas* e as outras *mutáveis*; as casas I, 5 e 9 são de fogo; 2, 6 e X são de terra; 3, VII e II de ar; IV, 8 e 12 de água: classificações estas que são com toda a evidência uma projeção das que se reportam aos signos.

Em contrapartida, é autônoma, mas de escassa subtileza, a divisão das *casas* em quatro quadrantes opostos dois a dois: diurnos e noturnos, orientais e ocidentais, ilustrada nos esquemas da página seguinte.

Os aspectos

O último repertório sintático relevante da astrologia não é constituído por «substantivos» como os planetas nem por «predicados» como os signos ou as casas, mas sim por relações que se podem desenhar entre os planetas: os aspectos. Trata-se das relações geométricas que formam um certo ângulo com a Terra: 60° (sextil), 90° (quadratura), 120° (trígono), 180° (oposição), 0° (conjunção). Relativamente aos ângulos canônicos são admitidas tolerâncias ainda bastante elásticas, em redor dos $\pm 6^\circ$. Trata-se porém, bem entendido, sempre de ângulos aparentes, que dependem da nossa visão em perspectiva, ligada à posição da Terra. Na fig. 13 são mostrados o esquema zodiacal de uma oposição e de uma conjunção, e a situação astronômica correspondente.

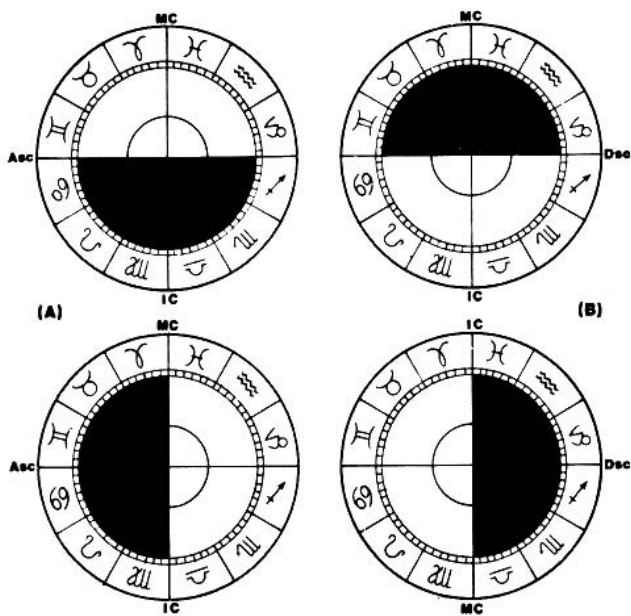


Fig. 12 — Os quadrantes das casas ⁷

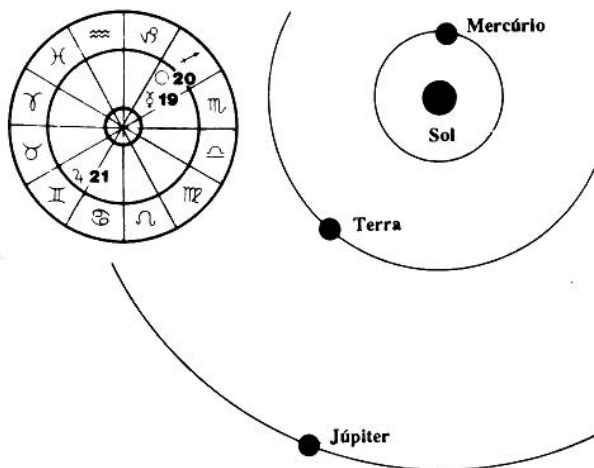


Fig. 13 — Oposições e conjunções

⁷ Extraído de Sementovski 1977.

Também para os aspectos existe uma classificação sintática que tem estreita correspondência com a sua função semântica

TAB. XX — EFICÁCIA DOS ASPECTOS

benéficos	neutro	maléficos
<i>sextil</i> <i>trígono</i>	<i>conjunção</i>	<i>quadratura</i> <i>oposição</i>

Planetas e signos

Já se viu no caso das casas como os critérios de classificações astrológicas se podem transferir de um repertório para outro, segundo os princípios de analogia que são característicos de todo o pensamento mágico. Bem mais rica é todavia a interligação que se realiza entre signos e planetas.

É minuciosamente estabelecida uma rede complexa de simpatias e antipatias, semelhanças e dessemelhanças, harmonias e desarmonias: cada planeta está numa relação tradicionalmente codificada com seis signos, cada signo com pelo menos três planetas. As relações tradicionais são quatro, opostas duas a duas: Domicílio/Exílio; Exaltação/Queda. Para facilitar a compreensão da análise das relações paradigmáticas entre signos e planetas, antecipemos os significados tradicionais destas interligações⁸:

Domicílio: o planeta encontra-se no ambiente que lhe compete, com todo o seu poder;

Exaltação: o planeta aumenta o seu poder e as suas possibilidades;

Exílio: a atividade do planeta sofre obstáculos e perturbações, o seu poder prático pode ser enfraquecido, ao mesmo tempo que pode aumentar o seu valor psicológico;

Queda: indica uma debilitação do planeta.

⁸ Extraído de Maitan 1968: 197.

E agora a tabela destas relações tradicionais, organizada segundo os planetas:

TAB. XXI — RELAÇÕES PLANETAS-SIGNOS

Planeta	Domicílio	Exaltação	Exílio	Queda
<i>Sol</i>	Leão	Áries	Aquário	Balança
<i>Lua</i>	Câncer	Touro	Capricórnio	Escorpião
<i>Mercúrio</i>	Touro Balança	Virgem	Sagitário Peixes	Peixes
<i>Vênus</i>	Gêmeos Virgem	Gêmeos	Áries Escorpião	Virgem
<i>Marte</i>	Áries Escorpião	Capricórnio	Touro Balança	Câncer
<i>Júpiter</i>	Sagitário Peixes	Câncer	Gêmeos Virgem	Capricórnio
<i>Saturno</i>	Capricórnio Aquário	Balança	Câncer Leão	Áries

Em substância, se nos referirmos à análise semântica, cada emparelhamento planeta-signo constitui um enunciado astrológico significante. Todos os emparelhamentos são possíveis: em relação ao quadrante dos signos, pensado como imóvel (salvo a lentíssima precessão dos equinócios), todos os planetas percorrem o círculo completo em períodos variáveis, que vão dos poucos meses às centenas de anos, ocupando fixamente um posto em cada sector. Ora o breve espectro apresentado *qualifica* alguns destes emparelhamentos, ou seja, alguns destes enunciados astrológicos, como «ascensões», «domicílios», «exílios», «quedas», interpretando pois semanticamente estas situações com um aumento ou uma diminuição dos «poderes» do planeta em questão, o qual se encontraria mais ou menos no «ambiente que lhe compete».

Trata-se então de uma coleção de sintagmas qualificados: Sol-Leão é Domicílio; Júpiter-Capricórnio é Queda. Esta coleção de sintagmas qualificados contém em si muita da capacidade de geração semântica

da astrologia, pelo menos no que se refere a signos e planetas. De fato, é qualificada uma cinquentena de enunciados, dos 120 possíveis (10 planetas por 12 signos), e os outros seguem-se por afinidade sintática.

Contudo, ainda antes disto, o breve espectro das relações planetas-signos contém uma análise sintática dos elementos da astrologia. Trata-se desta vez de uma análise sintagmática e não paradigmática como a da tab. XII, mas não deixa de ser rigorosa e codificada. Se, pela tab. XII, sabíamos que Marte é não luminar, masculino, maléfico (e, acrescentamos nós, tradicional), pela tab. XXI vemos que tem Domicílio em Escorpião e Áries, Exílio em Touro e Balança, Exaltação em Capricórnio e Queda em Câncer.

Não se tratando de simples classificações, mas sim de um dicionário propriamente dito, que contém no âmago todo o jogo combinatório que está na base da semântica astrológica, da riqueza das suas criações divinatórias e simultaneamente da coerência pela qual nela tudo está coeso em permanência, vale a pena examinar mais de perto este esquema.

Salvo os luminares, todos os planetas têm dois domicílios e dois exílios, um noturno e outro diurno, atribuídos de acordo com um esquema simétrico relativamente ao círculo zodiacal.

Sempre sobre o esquema do zodíaco, os pares de contrários encontram-se invariavelmente opostos segundo o diâmetro (1800): um Domicílio em Leão *implica* Exílio em Aquário; Exaltação em Touro *implica* Queda em Escorpião, e vice-versa. A oposição diametral é a relação mais clara de contraposição no esquema zodiacal e tanto vale para os signos como para as casas e planetas conexos. Em geral, dois elementos da astrologia que tenham como lugar canônico a oposição diametral serão o contrário um do outro, isto é, negar-se-ão no interior do mesmo eixo semântico, como se verá em seguida. Há uma outra forma de oposição, que é a contigüidade, a qual, com base no esquema das classificações internas do repertório dos signos, comporta a ausência de toda e qualquer característica comum. Por conseguinte, trata-se mais de «diferença» do que de «contrariedade». Só Saturno tem contíguos entre si os seus domicílios e os seus exílios, respectivamente; pelo contrário, o que sucede com freqüência é que uma sede positiva (Domicílio ou Exaltação) de um planeta seja contígua a uma negativa (Exílio ou Queda).

É interessante considerar a compatibilidade entre a classificação paradigmática interna do repertório dos planetas e a classificação sintagmática. Tomemos por exemplo a tab. XIII, que organizava os planetas tradicionais não luminares segundo a dupla oposição Masculino/Feminino, Benéfico/Maléfico, e traduzamo-la com o esquema da tab. XXI.

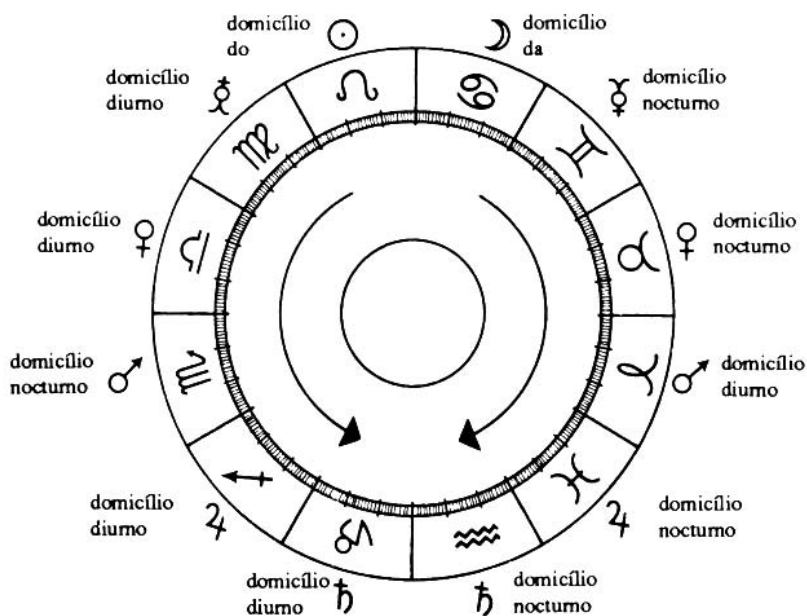


Fig. 14 — Os domicílios dos planetas⁹

A rede das oposições resulta claríssima deste esquema. Os Domicílios de Vênus são os Exílios de Marte e vice-versa; a Exaltação de Júpiter é Exílio para Saturno, a de Marte é Queda para Júpiter; os Exílios de Saturno são Domicílios para o Sol e a Lua; a Queda do Sol é Domicílio de Vênus; a da Lua, Domicílio de Marte, e assim por diante, com uma interligação bastante estreita de oposições e simpatias. São radicalmente opostos Marte e Vênus, nos vértices opostos do quadrado dos não luminares, com Domicílios e Exílios trocados; mas opõem-se também o Sol masculino com Vênus feminina, e a Lua feminina com Marte masculino, tendo também eles dois signos deslocados de «ambiente» favorável para «ambiente» desfavorável. E entretanto opõem-se radicalmente Sol e Saturno, também eles com dois signos trocados, enquanto entre Lua e Sol, entre Lua e Júpiter, entre Marte e Saturno, entre Mercúrio e todos os outros planetas as relações são muito menos precisas, oscilando entre leves oposições, simples diversidades, indiferença e leves simpatias. Estas relações reencontrar-se-ão pontualmente na estrutura semântica.

⁹ Extraído de Foglia 1977.

TAB. XXII — SINTAGMA E PARADIGMA DOS PLANETAS

benéfico	masculino	zero	feminino
	<i>Júpiter</i>		<i>Vênus</i>
	(Dom Asc Ex Que)	(Dom Asc Ex Que)	
Zero		<i>Mercúrio</i>	
		(Dom Asc Ex Que)	
maléfico	<i>Marte</i>		<i>Saturno</i>
	(Dom Asc Ex Que)	(Dom Asc Ex Que)	
luminares	<i>Sol</i>		<i>Lua</i>
	(Dom Asc Ex Que)	(Dom Asc Ex Que)	

As relações planetas-signos

Obviamente que esta rede de relações se projeta dos sintagmas qualificados não só sobre o paradigma planetário mas também sobre o zodiacal. Começa por ser logo válido o princípio da analogia: a oposição entre Marte e Vênus é também a oposição dos signos em que têm domicílio, ou, como se diz igualmente, de que são «senhores», Touro e

Balança por um lado, Áries e Escorpião por outro. No entanto, para além desta projeção, que só tem em conta os Domicílios, a tab. XXI pode ser virada ao contrário e lida da parte dos signos, fornecendo-nos uma «análise» igualmente significativa:

TAB. XXIII — DOS SIGNOS AOS PLANETAS

Signo	Domicílio de	Exílio de	Exaltação de	Queda de
Áries	<i>Marte</i>	<i>Vênus</i>	<i>Sol</i>	<i>Saturno</i>
Touro	<i>Vênus</i>	<i>Marte</i>	<i>Lua</i>	
Gêmeos	<i>Mercúrio</i>	<i>Júpiter</i>		
Câncer	<i>Lua</i>	<i>Saturno</i>	<i>Júpiter</i>	<i>Marte</i>
Leão	<i>Sol</i>	<i>Saturno</i>		
Virgem	<i>Mercúrio</i>	<i>Júpiter</i>	<i>Mercúrio</i>	<i>Vênus</i>
Balança	<i>Vênus</i>	<i>Marte</i>	<i>Júpiter</i>	<i>Sol</i>
Escorpião	<i>Marte</i>	<i>Vênus</i>		<i>Lua</i>
Sagitário	<i>Júpiter</i>	<i>Mercúrio</i>		
Capricórnio	<i>Saturno</i>	<i>Lua</i>	<i>Marte</i>	<i>Júpiter</i>
Aquário	<i>Saturno</i>	<i>Sol</i>		
Peixes	<i>Júpiter</i>	<i>Mercúrio</i>	<i>Vênus</i>	<i>Mercúrio</i>

É fácil ler nesta análise dos signos, referente às suas relações canônicas com os planetas, toda a rede complexa de oposições e simpatias que constringe o zodíaco: de novo as oposições diametraes invertem invariavelmente o lugar do planeta domiciliado com o do exilado; as oposições por contigüidade variam da intensidade das diametraes até à indiferença. Segue-se uma complexa tipologia e aplicações da lei da dupla negação, que vão desde a semelhança, como para Áries e Escorpião (um contíguo ao oposto diametral do outro), até à indiferença que vigora em geral entre signos distantes 60° (contíguo do contíguo). E não é difícil detectar no esquema vestígios das classificações por «natureza» e «elemento».

Para além de todas as análises minuciosas permanece porém o fato de que *cada signo tem uma relação mais ou menos intensa mas precisa com cada outro signo que «contenha» qualquer dos seus planetas*, de modo a delinear um campo de forças ou, se quisermos, uma estrutura simultaneamente precisa e dúctil, capaz de organizar as relações de doze polaridades semânticas complexas, como resultarão os signos entendidos como tipologia. É precisamente nesta rede sintática elaborada e rigorosa, mas também assimétrica e labiríntica, justifica-se a interconexão de unidades de conteúdo essencialmente vagas e definidas de

maneira confusa e relativa, como se passa com os signos da tradição astrológica. Trata-se pois de o sistema se basear essencialmente sobre esta sintaxe ao mesmo tempo precisa e confusa como uma alucinação, e de fato o fascínio psicológico e a grande capacidade de projeção dos símbolos da astrologia não excluem, antes exigem, um verdadeiro primado do significante.

Os domicílios

No entanto, entre todas as relações sintagmáticas canônicas que indicamos, uma única é a mais significativa, mesmo determinante, na própria constituição semântica de cada signo e planeta. É a relação apresentada na primeira coluna dos dois últimos esquemas, respectivamente da parte dos signos (onde se lê «domicílio de») e dos planetas («regentes de»). Reescrevamo-la.

TAB. XXIV — OS DOMICÍLIOS

<i>Sol</i>	é regente de	<i>Leão</i>
<i>Lua</i>	»	<i>Câncer</i>
<i>Mercúrio</i>	»	<i>Gêmeos e Virgem</i>
<i>Vênus</i>	»	<i>Touro e Balança</i>
<i>Marte</i>	»	<i>Áries e Escorpião</i>
<i>Júpiter</i>	»	<i>Sagitário e Peixes</i>
<i>Saturno</i>	»	<i>Capricórnio e Aquário</i>

Não mencionei as atribuições dos planetas não tradicionais ou lentos, porque são objeto de opiniões contraditórias. Notar-se-á que, à exceção dos dois «luminares», todos os planetas têm dois domicílios, um «noturno» e outro «diurno». Uma ilustração desta terminologia e da simetria axial que a apóia é facilmente visível na fig. 14.

Entre planetas regentes e signos-domicílio cria-se uma contigüidade perfeita, o que, com base nas leis do pensamento mágico, permite aos astrólogos, quando é caso disso, trocarem no horóscopo as respectivas funções: tudo o que se refere a um planeta pode passar para um signo de que ele seja regente, ou permanecer nos dois, e vice-versa. E, bem entendido, a contigüidade pode estender-se às casas. Com fundamento na correspondência canônica que faz coincidir Áries com a primeira casa, Touro com a segunda, Gêmeos com a terceira, e assim por diante, o planeta regente do signo correspondente a uma casa é o Dispositor desta, e está-lhe ainda ligado por uma indissolúvel contigüidade ideal, uma relação sintagmática canônica, segundo esta ordem, que desenvolve o esquema da tab. XIX.

TAB. XXV — OS DISPOSITORES

I	(<i>Áries</i>)	<i>Marte</i>
2	(<i>Touro</i>)	<i>Vênus</i>
3	(<i>Peixes</i>)	<i>Mercúrio</i>
IV	(<i>Câncer</i>)	<i>Lua</i>
5	(<i>Leão</i>)	<i>Sol</i>
6	(<i>Virgem</i>)	<i>Mercúrio</i>
VII	(<i>Balança</i>)	<i>Vênus</i>
8	(<i>Escorpião</i>)	<i>Marte</i>
9	(<i>Sagitário</i>)	<i>Júpiter</i>
X	(<i>Capricórnio</i>)	<i>Saturno</i>
11	(<i>Aquário</i>)	<i>Saturno</i>
12	(<i>Peixes</i>)	<i>Júpiter</i>

Obviamente, esta rede intrincada de relações canônicas compreende umas que são mais importantes, outras menos, umas essenciais, outras secundárias; mas a sua riqueza tem, por si só, um grande interesse. De fato, ela consente, por um lado, uma semântica dominada pela multiplicidade transbordante dos percursos de sentido, que é a sua característica essencial; por outro, já a nível sintático, estas ligações que todos mantêm entre si consentem a individualização de um grau zero do zodíaco, aquele em que todas as relações sintáticas canônicas, portanto virtuais, são atualizadas. A partir deste grau zero, e por afastamento dele, determinam-se os vários jogos da interpretação.

Deve sublinhar-se que este grau zero, por sua vez, é uma situação ideal e virtual, porque se pode verificar o emparelhamento canônico entre casas e signos (exatamente o que está desenhado na fig. 6), mas não entre planetas e signos (e rasas). Impede-o a não biunivocidade da relação «regente de»: Marte não pode encontrar-se ao mesmo tempo em Escorpião e em Áries. Só se podem realizar efetivamente fragmentos de um zodíaco no grau zero; mas isso não tem importância. Permanece o fato de cada um dos enunciados significantes mínimos que se encontram num horóscopo, cada emparelhamento, isto é, de um planeta com uma casa ou com um signo, etc., adquirir o seu sentido próprio por aderir ou se afastar (segundo uma diferença determinada) deste grau zero. Esta característica é uma particularidade da astrologia digna de nota, porque determina em boa medida o seu comportamento comunicativo e «cognitivo». *Toda a capacidade previsiva da astrologia, toda a ductilidade dos seus enunciados, toda a sua multiformidade está encerrada no esquema abstrato dos emparelhamentos canônicos, neste grau zero do zodíaco, e no repertório, igualmente abstrato, das diferenças e das oposições*; um e outro esquema enquadram-se no gráfico de doze sectores que é típico da astrologia, ou seja, não se deixam reduzir aos

clássicos esquemas binários. E, tal como no esquema dos mecanismos de uma máquina, por mais dúctil que seja, estão contidos todos os seus movimentos possíveis, as tarefas que pode realizar, também toda a informação da astrologia está nesta combinação, na existência de certos (e não outros) emparelhamentos privilegiados.

O complicado mecanismo que expusemos para construir um horóscopo não tem nenhuma real eficácia informativa, serve simplesmente de fonte causal para atualizar esta ou aquela combinação de sintagmas. A verdadeira fonte informativa da astrologia está antes nos esquemas sintáticos que acabamos de analisar; de cada vez que é criado um texto horoscópico é com eles que se confronta; daí nasce uma informação sintática, que depois será traduzida em previsões mais ou menos vagas, por meio de dicionários tradicionais.

Portanto, que entre Outubro e Novembro de 1979 Vênus «esteja» em Escorpião por si conta bastante pouco, sobretudo porque se trata de uma relação arbitrária que não corresponde a nenhuma realidade física, nem sequer a uma aparência astronômica, como ficou demonstrado nos primeiros parágrafos.

Porém, a «passagem» de Vênus em Escorpião, escrita no horóscopo, põe em jogo toda a informação que se refere a estas duas estruturas e às suas relações canônicas («exílio»). Deste reservatório informativo estrutural, ou sintático, e de modo nenhum «das estrelas», deriva toda a previsão que o astrólogo se sente no direito de deduzir do emparelhamento em causa.

SEMÂNTICA

Confusão semântica

Uma situação como a delineada no capítulo precedente, como é óbvio, não deixa de ter conseqüências sobre a estrutura semântica da astrologia. A primeira vista, os repertórios semânticos são bastante enganadores. Tanto quanto a sintaxe da astrologia é geométrica, essencial, estruturada, tanto a sua semântica surge como um bizarro aglomerado de particulares, uma série desordenada de conceitos confusos. Como exemplo vale a pena citar um trecho de Materno Firmico ¹ em que surge um elenco dos destinos (isto é, dos significados) dos vários graus do signo de Escorpião, considerados um a um, segundo a tradição da «moirogênese»:

Quem tem o horóscopo na primeira parte de Escorpião será um encantador que, como o poder das palavras, curará os males secretos. Aqueles que têm o horóscopo na II parte de Escorpião prostituir-se-ão torpemente e serão muitas vezes sordidamente corruptos. Aqueles que têm o horóscopo na III parte de Escorpião serão anões, corcundas e bobos. Aqueles que têm o horóscopo na IV parte de Escorpião serão anões adequados ao divertimento de reis e imperadores. Aqueles que têm o horóscopo na V parte de Escorpião, se a Lua estiver em bom aspecto, serão nobres, justos, religiosos, detentores de uma parentela ilustre. Terão muitíssimos filhos; extrairão os meios do seu sustento do ensino ou da interpretação. Serão escribas do rei e tratarão dos seus assuntos literários. A amizade fiel dos soberanos nobilitá-los-á. Aqueles que têm o horóscopo na VI parte de

¹ Viveu em meados do século IV d. C. A citação dos seus *Matheseos libri VIII*, o mais completo texto astrológico da Antiguidade, é de Aurigema, 1976: 52.

Escorpião serão sacerdotes ricos e terão muitos filhos. Mas muitos morrerão devido à indignação dos reis. Quem tem o horóscopo na VII parte de Escorpião morrerá por causa de animais. Os que têm o horóscopo na VIII parte de Escorpião serão artesãos, mas morrerão mordidos por uma áspide ou víbora. Quem tem o horóscopo na IX parte de Escorpião será jardineiro, sempre ocupado no tratamento de jardins. Quem tem o horóscopo na X parte de Escorpião morrerá na infância. Quem tem o horóscopo na XI parte de Escorpião será sacerdote adivinho e dará respostas a quem o interrogar. Quem tem o horóscopo na XII parte de Escorpião será guarda dos templos ou então votado ao culto das coisas sagradas. Aqueles que têm o horóscopo na XIII parte de Escorpião, e se a Lua se encontrar em posição angular, serão juízes que se farão acompanhar das insígnias ilustres da sua dignidade, julgarão as sentenças dos outros juízes e terão supremo poder de vida e de morte. Mas este poder é estabelecido para eles a partir do XXX e do XXXV ano de vida. Terão mulher e filhos. Os seus momentos altos e perigosos situar-se-ão nos XXVII, XLII e LVII anos de vida; se os perigos se produzirem no LXVI ano, morrerão. Terão algum defeito; morrerão à espada ou por ferro, ou então na água ou por morte súbita. Aqueles que têm o horóscopo na XIV parte de Escorpião [...] Aqueles que têm o horóscopo na XVI parte de Escorpião serão moleiros, se a Lua se encontrar num signo em que haja uma estrela resplandecente, e serão juízes de enorme poder. Porém, se Marte se encontrar numa posição débil, serão espiões e virão a ser decapitados. Quem tem o horóscopo na XVII parte de Escorpião será ourives, dourador, laminador. Quem tem o horóscopo na XVIII parte de Escorpião, se a Lua estiver em boa posição, disporá de uma grande fortuna e terá o poder supremo de vida e de morte. E, se Júpiter se encontrar em qualquer aspecto com o horóscopo, o seu poder será tão grande que se poderá comparar ao poder soberano. Mas será demasiado negligente nos assuntos de estado e morrerá por ter feito uma ofensa ao príncipe. Quem tem o horóscopo na XX parte de Escorpião será general poderoso, guerreiro e guiará com felicidade o exército. Alcançará inúmeras vitórias e a sua glória e o seu valor serão comparados aos dos reis.

Passando do campo dos signos (e de uma sua interpretação bastante particular) para o dos planetas, não diminui a impressão de uma acumulação confusa de temas e motivos. Eis como fala da Lua o Trattato completo teórico-prático de Sementovski-Kurilo ², o texto astrológico mais difundido entre os diletantes da matéria:

30. *Lua*: A tradição astrológica atribui à Lua o domínio sobre a vida ativa e imaginativa, e a experiência recente, à sua volta, confirma plenamente o fato de a condição horoscópica da Lua encontrar a sua própria expressão em várias correspondências que se referem a este sector da existência humana. A Lua

² 1977: 190.

simboliza tudo o que tem uma pronunciada natureza de feminilidade, e daquela inconstância e passividade, e sobretudo daquela mobilidade que são precisamente atribuídas ao «sexo fraco» (pense-se a propósito na célebre *romanza* verdiana «*la donna è mobile*»). A esta categoria de correspondências da Lua pertencem tanto a sensibilidade quanto a impressionabilidade, de igual modo o abandono como a receptividade, tanto o entreter-se em sonhos quanto o iludir-se e anelar por coisas irrealizáveis (castelos no ar); pode acrescentar-se toda a experiência, situação ou circunstância do gênero que tenha carácter de fluidez, mutabilidade, alteração, ou que seja susceptível de provocar no sujeito estados de ânimo ou atitudes como as que acabamos de referir; a este respeito é de pensar particularmente em viagens, deslocações, encontros fugazes e conhecimentos efêmeros. Num tema de natividade que se refira a um sujeito masculino, a Lua pode ainda revelar os lados essenciais do ser feminino ao qual o próprio sujeito esteja mais intimamente ligado (mãe, consorte, filha). Para a avaliação da personalidade moral do sujeito assumem importância decisiva os aspectos que por sua vez a Lua recebe de outros planetas. A propósito, é de observar que, dado o seu rápido movimento, tais aspectos quase nunca faltam num tema de nascimento, fato astrológico em que indiretamente se manifesta a profunda afinidade que existe entre os seres humanos no que se refere a tudo o que constitui a sua vida afetiva.

Dado que estas são as definições de um manual «sério» de astrologia, não admira que se publiquem também itens astrológicos como o seguinte':

Homem. O signo de Câncer é representado por um caranguejo, o animal que aperta as vítimas em tenazes mortais. O planeta dominante de Câncer é a Lua, cuja influência, quando é cheia, os torna por vezes quase loucos. O número 2 significa violência e promiscuidade. A cor carnal de Câncer é o castanho, pervertido, misterioso.

O homem de Câncer é concupiscente, vicioso, lascivo. Em geral é de constituição robusta, tem cabelo e carnação claros, mãos grandes e fortes e olhos escuros. Parece uma pessoa tranqüila e inócua, enquanto no íntimo oculta uma natureza primitiva e selvagem.

Os homens de Câncer são: operários, pedreiros, varredores, serventes, militares.

O homem de Câncer tem exigências sexuais extravagantes em relação à mulher, concebe na luxúria um número ilimitado de filhos, bebe e joga imoderadamente, tenta corromper os adolescentes, ao ficar velho. É dominado pela vaidade e orgulhoso do seu corpo, cuja musculatura desenvolve cuidadosamente.

Desde muito novo que toma consciência do sexo.

³ Oakley 1974: 142.

Não tem tendência para as perversões, a não ser talvez para a homossexualidade. Todavia prefere sempre as relações heterossexuais e dedica-lhes com tal violência que se toma quase um monstro.

No matrimônio é brutal e não tem o mínimo respeito pela mulher. Sabe pouco de psicologia feminina, de fato isso nem sequer lhe interessa, e não se dá ao menor trabalho para satisfazer a sua companheira. A sua reação normal depois do ato sexual é a de se pôr a risonar profundamente.

Grande parte das violências e dos estupros de que se ouve falar ou se lê nos jornais são cometidos por sujeitos de Câncer. Não os considera perversões, apenas um suplemento de escape para os seus instintos inflamados.

A sua luxúria leva-o muitas vezes até ao cárcere.

A excessiva ênfase sexual é devida em grande parte à sua constituição sanguínea, à mole do seu corpo, à massa de vitaminas, proteínas e sais minerais que engole nos seus repastos copiosos. Não possui imaginação suficiente para canalizar estes excessos.

Em seu louvor deve ser dito que nunca é um fumador inveterado.

Os seus movimentos são lentos e ponderados, move-se verdadeiramente como um caranguejo e até a sua mente trabalha com igual lentidão. Só quando se encontra frente a frente com uma situação prometedora do ponto de vista sexual é que tem uma presença de espírito imediata e uma velocidade de movimentos que de contrário nunca possui.

As razões desta aparente confusão são múltiplas. É certo que existem dicionários tradicionais explícitos, mais ou menos completos, de astrologia. O corpo dos tratados de astrologia, se se excluir a parte dos processos técnicos que permitem chegar de uma data a um horóscopo gráfico, é precisamente constituída por fragmentos de dicionários particularizados deste tipo. A cada item astrológico é atribuído um «significado» verbal bem definido e tradicional. O que quer dizer que uma tal semântica não é fixada apenas pelas simples «palavras significantes» da astrologia, isto é, pelos elementos singulares dos vários repertórios, mas também e sobretudo pelos «enunciados significantes», como lhes chamamos: emparelhamentos planeta-signo, planeta-casa, casa-signo, planeta-planeta. O mais difundido tratado de astrologia, o de Sementovski-Kurilo, contém mais de 2200 de tais entradas de dicionário. Eis alguns exemplos típicos ⁴:

874. Campo X: SATURNO

Saturno no campo décimo, mesmo colocado noutros signos, indica sempre uma queda de alturas anteriormente alcançadas. Tal perspectiva surge aqui particularmente trágica, pois a perda da posição social seguir-se-á a uma Exaltação muito brilhante, e por isso o sujeito lhe sentirá mais dolorosamente os efeitos.

⁴ 1977: 392.

875. Campo X: URANO

Dado tratar-se de pessoas espiritualmente elevadas, dever-se-á quase sempre pensar em atividades ou obras excepcionais, por vezes mesmo sensacionais. Há correspondências particularmente favoráveis desta combinação horoscópica quando o sujeito trabalha no campo técnico. Neste caso não são de excluir invenções do maior alcance. Permanece contudo um certo perigo de o ambicioso vôo das idéias impelir o sujeito para o reino do irrealizável, do irreal e provocar conseqüentemente um desequilíbrio mental.

876. Campo X: NETUNO

As correspondências favoráveis desta combinação horoscópica são bastante raras e geralmente resolvem-se em atividades inspiradas por elevados ideais de humanidade; pode tratar-se, por ex., de fundações ou administração de obras pias, de assistência social ou similares. Na maior parte dos casos trata-se no entanto de pessoas com um fundo moral do ser pouco transparente; também permanecem quase sempre igualmente obscuras as fontes dos seus grandes meios financeiros, que, entre outras coisas, dispendem num trem de vida brilhante; estes indivíduos dedicam-se muitas vezes a jogos de azar, abandonam-se a todos os gêneros de especulações ou realizam transações algo equívocas.

As entradas de Sementovski centram-se sobretudo na domificação dos planetas. Outros textos preferem tomar antes em consideração a relação dos planetas com os signos. Como exemplo citemos alguns artigos de um manual (explicitamente para divulgação) de Maria Maitan⁵. Não é difícil verificar que a linguagem e a qualidade informativa destes textos não varia muito.

ÁRIES: Marte é o planeta senhor de Áries, que portanto se manifesta no estado puro. A audácia, a impulsividade e a combatividade do signo estimulam a coragem, a autoconfiança, que podem manifestar-se para o exterior com cóleras fortes, violentas, impacientes, mas passageiras, ou então podem virar-se para dentro, mais ou menos autodestrutivamente. A ação pode ser violenta, exagerada, agigantada, porque reage por instinto, e resulta menos bem em situações que exijam paciência e reflexão. Mas se o nativo de Áries é impulsivo também é geralmente sincero e honesto, e a sua agressividade e vontade, sabiamente dirigidas e canalizadas, podem dar ótimos frutos.

TOURO: Marte em Touro indica a resistência passiva, por vezes a obstinação sistemática ou mesmo a lentidão nas reações e uma certa brutalidade nas realizações. Em clima de excitação, despertam as tendências instintivas e a força, e pode ser a cólera cega. A agressividade bem canalizada acompanha a aplicação e a perseverança.

⁵ 1968: 217.

Há pois um contraste bastante claro entre a «precisão científica» do quadro de referências (pseudo) astronômico da astrologia, a exatidão matemática dos seus cálculos, sobretudo o rigor estrutural da sua organização sintática, e a imprecisão muitas vezes contraditória das suas interpretações, mesmo as mais elementares. Esta fluidez é obviamente funcional para uma possibilidade de interpretação personalizada, e até talvez para a plausibilidade das previsões singulares. Se um horóscopo completo deve contar e harmonizar umas sete dezenas de itens, análogos aos que acabamos de citar, é necessário que nenhum deles seja tão definido que exclua os outros com os quais possa entrar casualmente em contacto. E sobretudo, se uma simples «frase significante» da astrologia pode aparecer no horóscopo de qualquer pessoa, ela não deve ser, por si, demasiado precisa, para evitar a possibilidade de conflitos excessivamente clamorosos entre interpretação e objeto. Ou seja, nenhum item poderá conter uma previsão taxativa, falsificável com facilidade: tratar-se-á sempre de atitudes, possibilidades, predisposições, de preferência a fatos concretos e simples.

Porém, tal característica faz parte daquilo que denominamos «retórica» da astrologia e constitui a sua base essencial. Por sua vez aquela tem os seus fundamentos nas estruturas mais relevantes da semântica do sistema astrológico, em cujo interior é de procurar as razões da imprecisão e da ambigüidade dos itens explícitos singulares.

Em suma, para explicar o modo como são constituídos os dicionários astrológicos e as suas entradas, não basta a rígida estrutura combinatória que descrevemos até agora. Aproximações sintáticas privilegiadas como a que faz dizer que «Marte é o planeta regente de Áries, que portanto se manifestará no estado puro», enquanto Virgem, que está no pólo oposto do zodíaco e por isso representa a sua negação (o Exílio, como se viu ao discutir a estrutura sintática das oposições astrológicas), está numa situação «infeliz», podendo pois falar-se de «repressão autodestrutiva», não são suficientes para explicar a produção de sentido que a astrologia opera nos seus enunciados significantes. Sobretudo não apresentam a razão da modalidade *fluida* deste nível semântico. *Tanto quanto a sintaxe da astrologia é precisa, «geométrica», rica de relações estruturais, tanto as suas formulações significantes são intrincadas, alusivas, tendências, aproximativas* — não só ao nível do discurso realizado no horóscopo mas também ao nível elementar da tradução de cada emparelhamento em «palavras».

Logo a partir destas adivinhações elementares e — repitamo-lo — exaustivamente incluídas nos «dicionários» astrológicos, a linguagem técnica da astrologia, a sua precisão constituída por graus, ângulos, órbitas, etc., dá lugar a uma outra linguagem, que fala de amores, família, carreira, formas físicas, virtudes psicológicas, eventualmente de remédios e influências mágicas... É a linguagem do correio do coração ou do confessionário, da cavaqueira ou dos conselhos; a linguagem das coisas que interessam a quem quer respostas sobre si próprio e o seu ambiente:

a linguagem da adivinhação, que é comum para cada cultura e ambiente social a todas as técnicas divinatórias e consoladoras utilizadas nesse ambiente. Hoje à cartomancia, à quiromancia, ao «saber viver», à psicanálise de trazer por casa, a um certo discurso do bom senso, até triunfar na astrologia.

A analogia

Entre o rigor sintático e a aplicação «mórbida» ao mundo da vida quotidiana, a astrologia usa como mediação principal o princípio analógico, «a divina analogia» que é tão característica do pensamento mágico em geral, e sobretudo da magia simpática. Entre nome e coisa, entre parte e todo, entre gênero e espécie, entre abstrato e concreto, entre símbolo e simbolizado, entre fatos cultural, física ou tradicionalmente contíguos ou similares, o astrólogo pode mover-se com toda a tranquilidade. O que se aplica a um é válido para o outro: as propriedades astrológicas são altamente contagiosas.

Tudo está em tudo, até as oposições se diluem em longas cadeias de semelhanças. Como diz Sementovski, «o astrólogo não se coíbe de declarar que, segundo o seu modo de ver, pirâmide e corrida, avareza e gula são em última instância a mesma coisa... Como um círculo ou uma elipse, cada analogia se liga a outra, se lhe junta para formarem com tantas outras uma única e grande imagem, que corresponde ao conceito de *analogia entis*».

Trata-se de um modo de pensar que tem nobres tradições culturais e se desenvolveu em toda a tradição panteísta, chegando ao ponto máximo do seu desenvolvimento na filosofia do Renascimento, precisamente ao mesmo tempo que se deu o máximo florescimento cultural da astrologia. Porém, não é difícil encontrá-la também em formas muito mais «primitivas».

Para a astrologia, contudo, este discurso não é de fato apenas um fundamento metafísico e cosmológico; pelo contrário, constitui o motor de uma prática lingüística precisa.

Encontram-se assim formuladas, por exemplo, tabelas de aproximação entre planetas, metais e cores, que logo constituem a base de práticas «mágicas» precisas:

TAB. XXVI

<i>Sol</i>	Ouro	Cor de laranja
<i>Lua</i>	Prata	Violeta
<i>Mercúrio</i>	Mercúrio	Amarelo
<i>Vênus</i>	Cobre	Azul
<i>Marte</i>	Ferro	Vermelho
<i>Júpiter</i>	Estanho	Púrpura
<i>Saturno</i>	Chumbo	Cinzento

TAB. XXVII

Capricórnio	Aquário	Peixes
Ossos. Joelhos. Pâncreas.	Barrigas das pernas.	Pele. Pêlo. Cabelos.
Constância. Resistência.	Vasos sanguíneos; sistema	Pés. Calvície.
Concentração.	linfático. Glândulas.	Fecundidade. Obesidade.
Defesa. Impenetrabilidade.	Secreções internas.	Religiosidade. Compreensão.
Incompreensão. Cálculo.	Metabolismo.	Caridade. Humildade.
Solidão. Misogenia.	Excentricidade. Extravagância.	Inspiração. Fantasia.
Sarcasmo. Ironia.	Gênio.	Beatice. Hipocrisia. Abuso.
Renúncia. Impedimento.	Revolução. Reformas.	Intriga. Mitomania.
Privação. Servidão.	Progresso.	Charlatão. Mago.
Exploração.	Dinamismo. Modernismo.	Cristianismo. Monarquismo.
Erudição. Política. Filosofia.	Socialismo. Cosmopolitismo.	Franciscanismo.
Escultura.	Técnica. Ciência.	Pobreza. Miséria. Mendicidade.
Artesanato. Carpintaria.	Motores. Eletricidade.	Vinho. Nafta. Petróleo. óleo.
Padaria. Ração.	Energia nuclear.	Gorduras. Couro. Pelaria.
Tecelagem.	Engenheiro. Pioneiro.	Seguros. Anuais.
Vereação. Construções.	Inventor.	Capitão de longo curso.
Pedra. Madeira. Vidro.	Tensão. Explosão.	Marinheiro.
Escudo. Dique. Obstáculo.	Improvisação.	Lugares com água.
Escada.	Cãibras. Paralisia.	Viagens por mar.
Doenças crônicas e	Linfatismo. Anemia.	Narcóticos. Intoxicação.
	Perturbações circulatórias.	Contágio.

Ou então formulam-se análises das doenças em termos de órgãos (influenciados pelos signos) e condições físicas (organizadas a partir dos planetas), o que citamos no cap. primeiro. No entanto, estas cadeias analógicas podem assumir uma forma mais geral. Eis as que Sementovski propõe para alguns signos zodiacais⁶:

⁶ 1977: 88

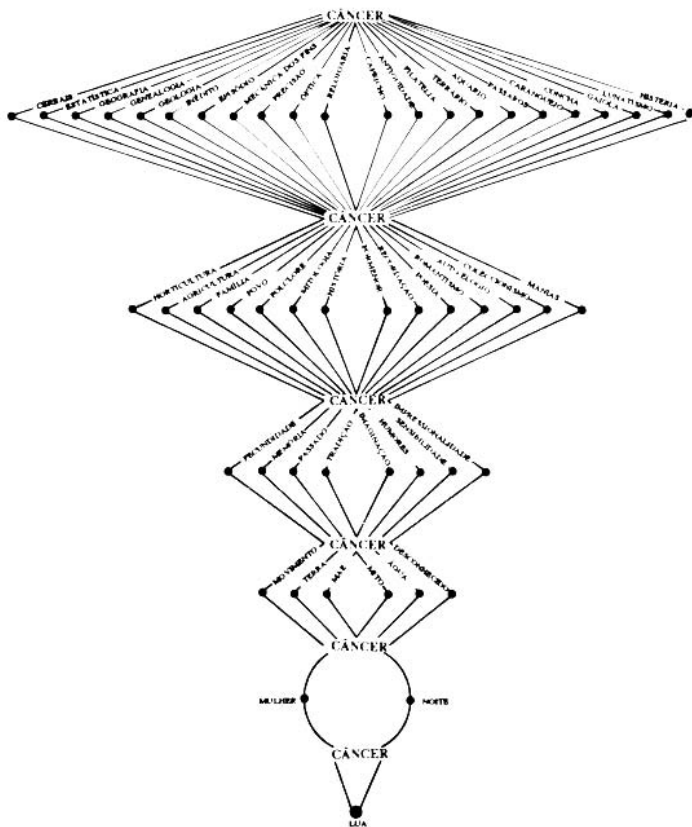


Fig. 15 — Esquema de associações analógicas (Arquétipo Câncer)

Evidentemente que há método nesta loucura. Mas seria bastante difícil determinar princípios estruturais capazes de explicar de forma completa, de «classificar» estas cadeias associativas. A passagem de sentido é realizada por canais heterogêneos e abundantemente arbitrários, que deixam largo espaço à interpretação pessoal. Para nos convencermos disso basta confrontar o esquema analógico de Câncer que acabamos de reproduzir com o de um outro autor⁷.

O gato, a lontra, a medusa, os peixes, as conchas, o golfão, a campainha, o *colchico*, o junco, o caroço, as canas, o líquen, as lianas, o cogumelo, o nabo, a alface, a beldroega, o pepino, o fósforo, a cânfora, a orchata, o leite.

⁷ Jacob e Valence 1949: 62.

Os pântanos, os rios, as nuvens, a brisa, o vapor de água, a pérola, a madre-pérola.

Os espelhos.

A linfa.

Pedras: jade, opala

Metal: prata.

Cores (pálidas, translúcidas): branco, creme, cinzento, verde-claro.

Sabor: aquoso ou insípido.

Perfume: hortelã.

Ressonância: cravo.

É difícil justificar que num lado esteja o nabo e no outro a gaiola. Tal como não se percebe a facilidade com que entram Hércules e os lagos alpinos ⁸:

Com Câncer, signo de água, frio e úmido, noturno, feminino, mudo e tortuoso, surge perante a nossa imaginação todo um universo aquático que proporciona o símbolo da água originária, o líquido amniótico do ventre materno, mas também as águas-mães, calmas e profundas, das nascentes murmurantes, dos laguinhos escondidos ou dos mares interiores. Câncer é o signo que forma uma ponte ideal entre o mundo das causas e o mundo das realizações, tal como a mãe é a ponte entre a raça e o filho que a perpetua, a união do presente com o passado. É por este motivo que o consideramos o signo da reminiscência e da nostalgia dado o seu carácter receptivo, passivo e com a sua renúncia à supremacia e ao domínio. Algumas fontes atribuem a Câncer o mito de Hércules, que não consegue dominar as últimas cabeças que renascem à Hidra. Pertencem-lhe ainda o mito de Helena, disputada por Páris e Menelau, e também as figuras de Artemísia, Astarte e até Hécate, todas divindades maternas noturnas, lunares, pertencentes ao reino das Grandes Mães.

O que ressalta destes exemplos não é uma organização do sentido baseada em propriedades comuns e redes de oposições, mas antes um estado fluido, um campo de tensões, onde os itinerários possíveis são virtualmente infinitos. O princípio regulador situa-se de preferência ao nível do significante, onde se encontra a ordem das oposições e das semelhanças codificadas, que torna inteligível (e utilizável para a produção de sentido) este de significado, magmático e confuso.

É ainda digno de menção que este sistema analógico é ordenado também por uma hierarquia: o microcosmo humano ordena-se de acordo com o esquema zodiacal e não vice-versa, o ouro assemelha-se ao Sol e segue as suas oscilações, não acontecendo o contrário. Mas sobretudo

⁸ Sicuteri 1978: 49.

certos percursos analógicos tradicionais, certas imagens míticas, que se encontram muitas vezes igualmente depositadas na linguagem, sofreram uma espécie de fixação astrológica, que lhes determinou a pertença ou a semelhança com esta ou aquela entidade astral, acabando por impedir outros percursos analógicos.

Assim, acontece que, tal como cada cidade tem o seu santo padroeiro, também cada nação, profissão, parte do corpo, condição, atividade principal, tende a pertencer a um signo ou a um planeta e a manter essa ligação. O mundo real, pelo menos nas suas características mais relevantes, está pois já dividido *a priori* por paternidades astrológicas, segundo vias analógicas diversas e muitas vezes perdidas, que nos parecem agora minadas por total arbitrariedade. As partes do corpo, por exemplo, pertencem aos vários signos segundo uma ordem descendente, desde a cabeça (Áries) aos pés (Peixes). Portanto, que os peixes não tenham pés pouco conta. Se as analogias coincidem, tanto melhor: Leão tem relação com o Sol e refere-se tanto ao coração como à coragem. Ótimo. Porém, Virgem, dominada por Mercúrio (que representaria a inteligência), presidiria simultaneamente aos intestinos e à castidade. Coisas que têm entre si relações muito escassas, dir-se-ia. Contudo, isso não importa. Do ponto de vista da retórica astrológica, isto é, da aplicação divinatória concreta, casos do gênero, que são freqüentíssimos, fornecem possibilidades oportunas de comutação. Uma acentuação da importância da Virgem num tema de nascimento pode referir-se ao intestino, à castidade, à inteligência, à curiosidade, aos estudos acadêmicos ou a um monte de outras coisas...

Identidade dos opostos

A divina *analogia entis* comporta muitas vezes como conseqüência fundamental o princípio da *coincidentia oppositorum*, a identidade dos opostos. De Nicolau de Cusa até à prática astrológica este conceito sofreu porém um certo empobrecimento. Não se trata para os astrólogos de afirmar que cada coisa contém em si o seu contrário, de pôr em movimento uma espécie de motor dialético. Os símbolos astrológicos estão bem definidos positivamente, os opostos combatem-se dos lados do zodíaco e as suas relações são reguladas sintaticamente de maneira que não admitem qualquer coincidência, como se viu. De fato, o que acontece a nível da interpretação astrológica é uma espécie de neutralização relativamente a qualidades opostas. «Cada signo, ao lado da sua debilidade, tem também a sua força»: os símbolos astrológicos indicam uma faculdade, ou um tipo psicológico, ou um aspecto psicossociológico da vida individual; mas não procedem a qualquer qualificação definitiva. Cada «palavra» astrológica não define nada de preciso, limita-se a

recolher um território de possibilidades, que são bastante diferenciadas e muitas vezes opostas entre si. Um planeta como Júpiter pode indicar no dicionário astrológico um certo complexo de faculdades intelectuais e morais, como a justiça e o bem-estar. Todavia não comporta, por si, a presença destas faculdades (todos os horóscopos contêm Júpiter no seu interior, e o respectivo «significado» não pode ser igual para todos). Uma sua posição «negativa» pode indicar precisamente a ausência, ou a «degenerescência», destas qualidades.

E assim um signo como Escorpião, que se refere a um tipo psicológico violento e inclinado para a sensualidade, do ponto de vista astrológico pode contribuir num horóscopo para indicar vitalidade e energia, ou então, pelo contrário, sentido da morte e capacidade de destruição. Também estas possíveis variações dependem obviamente das relações sintáticas assumidas concretamente pelo signo no horóscopo singular.

Em suma, seja qual for o símbolo astrológico que indique uma qualidade ou uma possibilidade, ele também pode, com todo o direito, indicar a sua ausência. Fala-se, para os signos zodiacais, de «tipos superiores» e de «tipos inferiores», e para os planetas os textos astrológicos difundem de boa vontade discussões dos seus influxos positivos e negativos, realizados e reprimidos. A mesma mecânica se realiza igualmente a nível dos campos particulares individuais de intervenção astrológica. Se, como se viu, cada signo zodiacal tem influência sobre uma certa zona do corpo, esse será o ponto forte do tipo físico que lhe corresponda, mas também a sede de eventuais doenças características. O mesmo se pode dizer de dotes morais e psicológicos. Se um signo comportar «justiça», poderá com a mesma facilidade significar «delito», «capricho» ou então a própria «equanimidade».

Contágio do sentido

A semântica da astrologia torna-se mais complexa devido a um outro ponto característico, a que poderemos chamar *contagiosidade do sentido*. Um modo de transmissão dos significados, ou pelo menos das relações de sentido entre objetos bastante diversos entre si, encontram-lo há pouco e tem grande importância para toda a organização da *forma mentis* e do sistema astrológico: a analogia universal. Cada coisa tem semelhanças com todas as outras coisas, e está em contacto particularmente com os centros analógicos constituídos pelos símbolos zodiacais.

Contudo, existe ainda um sistema de circulação semântica mais específico e interno ao sistema astrológico. Vimos que os vários elementos dos repertórios astrológicos individuais estão ligados entre si por certas relações canônicas. Júpiter, por exemplo, é «regente» de Sagitário e «dispositor» da nona casa, que corresponde a esse signo; o Sol é-o de Leão

e da quinta casa, e assim por diante. Ora, para a astrologia, a ligação não é apenas sintática, é também semântica. Os elementos conjugados por estas ligações não são só os possíveis membros de frases astrológicas de «grau zero», onde cada um tem o seu próprio lugar, sem distorções; não só podem em certa medida substituir-se entre si, de modo que a situação astrológica de Júpiter, por exemplo, influenciará Sagitário. Têm, pode dizer-se, uma analogia forte, trocam-se reciprocamente os elementos de sentido.

Como Sagitário é dominado por Júpiter, será jovial (ou soturno, dado que cada qualificação admite o seu contrário, como já vimos), justo (ou criminoso), inteligente (ou superficial). Por sua vez, Júpiter poderá assumir certas características «dinâmicas» de Sagitário; e, sendo a nona casa a das viagens, o nativo de Sagitário será um viajante, etc.

De resto, o esquema de «associações analógicas» que referimos acima mostra com grande riqueza percursos de sentido que unem Câncer à Lua e que podem ser estendidos, acrescentamos nós, à quarta casa, que representa no horóscopo o lugar da família e da pátria.

A partir desta característica do contágio de sentido entre símbolos astrológicos ligados canonicamente, acaba por se ver como a densa rede de relações que marca a sintaxe astrológica não fica simplesmente ignorada ou perdida a nível semântico, antes contribui, em conjunto com os outros princípios que temos estado a examinar, para aumentar a complexidade e por conseguinte a flexibilidade do sistema.

As partes do discurso

Contudo, mesmo com os elementos dos vários repertórios a trocaram facilmente entre si a sua bagagem semântica, as suas funções no interior da máquina astrológica são bem diferenciadas. Cada repertório cobre assim por dizer uma zona diversa do universo interpretativo da astrologia, ou seja, graças ao contágio analógico, de tudo. Já se viu que os principais «enunciados elementares» da astrologia são constituídos pelo emparelhamento de um planeta com um signo, com uma casa ou com um outro planeta (através da modulação de um «aspecto»). Podemos dizer, exagerando talvez um pouco o nosso modelo gramatical da astrologia, que os planetas representam substantivos, que são os «sujeitos» da frase astrológica, enquanto signos e casas representam os respectivos predicados. Em particular, os signos podem ser considerados como «adjetivos qualificativos» e as casas como «complementos circunstanciais de lugar», enquanto os aspectos são como «advérbios» ou «complementos circunstanciais de modo», que modificam as relações entre dois planetas.

Esta elementar analogia gramatical talvez se esclareça se considerarmos o núcleo semântico característico de cada um dos repertórios

astrológicos. A analogia e os vários estratos de sentido característico de cada repertório (mitológicos, psicológicos, mágicos, naturalísticos, etc.), que consideraremos de seguida, podem confundir muito a pesquisa de um «centro» semântico dos vários símbolos astrológicos. No entanto, a divina analogia e o contágio de tudo com tudo não impedem uma hierarquia semântica e estão sobretudo ordenados pelo trabalho de interpretação que parte sempre de certos lugares característicos.

Segundo este ponto de vista, os planetas são considerados pela astrologia essencialmente como sujeitos de forças cósmicas específicas, mais ou menos benéficas, mais ou menos capazes de se localizarem neste ou naquele lugar da dimensão humana. Mas no que se refere ao homem (que é em definitivo o principal objeto das adivinhações), os planetas são pensados como representantes de um sistema de «faculdade de ânimo» ou características da pessoa: inteligência e sensibilidade, erotismo e violência, vitalidade e sorte. Em suma, trata-se de uma espécie de psicologia universal, ou de antropologia abstrata.

Por sua vez os signos constituem uma rede de classificações que orienta para diversos estratos metafóricos possíveis (referentes às estações, mitológicos, etc.), mas substancialmente torna individual uma tipologia. Aplicando-se ao complexo da personalidade, esta dá lugar aos clássicos tipos zodiacais; se, pelo contrário, se referir às «faculdades de ânimo» individuais (planetas), modificando-se qualitativamente, exaltando-as ou opondo-lhes. Trata-se, em resumo, de um complexo fechado de qualificações, organizadas por oposição. Se os planetas indicam uma espécie de antropologia, os signos organizam uma qualificação universal.

Por fim, as casas têm um halo simbólico muito menos confuso e rico; pode dizer-se que o seu âmbito é o de uma sociologia mínima: casa, trabalho, vida, morte, viagens, amor. Se as previsões baseadas nos signos determinam sobretudo um diagnóstico da personalidade, as que se baseiam nas casas determinam por sua vez as relações sociais e o curso dos acontecimentos; têm pois um carácter mais acentuadamente previsível.

Há um motivo pelo qual as casas, não deixando de ter uma grande importância no mecanismo divinatório da astrologia, e tendo-o tido ainda mais no passado, sobretudo na época renascentista, comportam uma carga simbólica, um halo semântico menos rico do que o dos planetas e dos signos; e é uma razão interessante, que permite compreender algo do mecanismo geral da adivinhação astrológica, da sua constituição em dicionários explícitos e da sua credibilidade.

As casas não têm nomes, tão-só uma numeração ordinal; por consequência, falta-lhes tanto a associação com uma imagem quotidiana ou mítica (como podem ser Vênus ou Balança), quanto um hieróglifo «esotérico» como os característicos dos signos e planetas. É digno de nota

que se apresente uma associação tão estreita entre nome e iconografia tradicional. O fato é que os símbolos astrológicos são criaturas do pensamento mítico e por isso têm uma natureza mais concreta e identificada do que abstrata e conceptual.

Escorpião, como demonstra muito bem Aurigemma, é a sua iconografia tradicional, incluindo a cauda recurva; mas também é o seu símbolo gráfico, também é uma certa lenda que se refere à luta entre Artemísia e Orion, tal como é uma certa estação do ano e determinadas qualificações bastante precisas.

Somos pois obrigados a reconhecer que a fonte da divina analogia não é, para os símbolos astrológicos, algo de unívoco e conceptualmente determinado, mas simultaneamente um nome, uma espécie física (Touro, Aquário...), uma iconografia, um *corpus* mítico-cultural. Nada mais natural do que proceder ao intercâmbio das propriedades da coisa, ou dos particulares da imagem, ou dos desenvolvimentos da história com as características tipológicas do signo.

O tipo do nativo de Leão será «grande» ou «luminoso», porque o é o Sol, sob cujo domínio se encontra o seu signo. Mas será igualmente «corajoso» porque se supõe que o seja o animal de que toma o nome (ou que é o seu totem) e o nativo de Escorpião é «mortal» porque na sua lenda o animal mítico correspondente aparece a matar Orion, e «sensual» pela forma mais ou menos fálica que a iconografia tradicional atribui ao seu ferrão.

Como é natural, os «porquês» que acabamos de apresentar não constituem explicações causais. É difícil dizer se o que precede é a iconografia fálica ou a atribuição da sensualidade, a intuição da coragem ou a escolha do nome «Leão» para um grupo de estrelas que no fundo poderia representar qualquer coisa, desde uma rosa a uma cadeira de braços.

O que conta é, por um lado, o carácter complexo e, se quisermos, «polimaterial» (verbal, conceptual, visual, narrativo, astronômico, meteorológico) da semântica astrológica. Todavia, por outro lado, é significativo que este intercâmbio dos vários canais do símbolo astrológico não seja fechado, isto é, que se possa expandir arbitrariamente, partindo deste ou daquele ponto, sublinhando este ou aquele aspecto característico. Isto explica em boa parte as divergências entre diversas exegeses dos símbolos astrológicos, que comentamos várias vezes no decurso do livro, e constitui um ulterior motivo de flexibilidade e de arbitrariedade, que a adivinhação astrológica usa despreocupadamente. Se a alguém não agradar a interpretação do seu próprio signo, pode sempre escolher outra entre as muitas em circulação. Sem contar que as várias características podem ser tomadas ao contrário, têm faces «inferiores» e «superiores», são modificadas pelo resto do enquadramento astrológico, etc. A astúcia da razão astrológica tem mil armas para triunfar seja de que maneira for.

Substância do conteúdo

As considerações que acabamos de desenvolver permitem-nos reconhecer também para os conteúdos da astrologia uma estrutura substância/forma, analogamente a quanto se viu para o plano da expressão, embora a divisão e a própria organização deste campo seja bastante menos estruturada, muito mais vasta e variável.

A substância em jogo na semântica astrológica é obviamente vastíssima. Trata-se de todos os possíveis objetos de adivinhação, logo, e definitivamente, de todos os campos de possível interesse e interrogação para o homem e a sociedade. Amor, dinheiro, doenças, guerras, evoluções políticas, fenômenos naturais, predisposições caracterológicas, fortunas pessoais, relações familiares: tudo o que se pode perguntar às estrelas entra nos conteúdos possíveis da astrologia, articulados segundo os vários repertórios. De fato, nas diversas épocas históricas a astrologia foi mudando o seu próprio conteúdo privilegiado: de religiosa tornou-se política (no Renascimento), daqui passou a cada vez mais privada e «burguesa», até se ocupar preponderadamente de questões de coração e de fortuna pessoal, como nas vulgarizações «femininas» da imprensa periódica.

Na verdade, devido à abertura característica que é consentida pelo critério da analogia, não existe conteúdo fechado *a priori* à adivinhação astrológica. Se os quatro elementos com as suas ligações à estrutura dos signos são substituídos pelo sistema periódico de Mendeleev, nada mais fácil do que adaptar os seus «períodos» aos planetas, como faz Sementovski; se se descobre a energia nuclear, esta será associada a Aquário (que tem uma analogia mais antiga com o progresso), enquanto o ciclismo se poderá associar a Sagitário (que superintende às coxas), a acupuntura a Escorpião (pelo ferrão), a edição e o jornalismo a Gêmeos (signo da língua), as embaixadas a Leão, a publicidade a Balança, os seguros a Peixes...

Todo este material caótico e abundantíssimo é *posto em forma* por aqueles núcleos de sentido que vimos associados aos nomes dos vários símbolos astrológicos: o nome propriamente dito, um *corpus* mítico, uma iconografia tradicional, uma hieroglífica igualmente tradicional, uma classe de objetos reais eventualmente correspondentes ao nome. O astrólogo passa das suas formas aos materiais divinatórios concretos que lhe são pedidos (amor, finanças, medicina, sorte em geral, carácter, etc.), recorrendo a correspondências tradicionais que se encontram aplicadas nos dicionários explícitos da astrologia, mas neste campo sente-se perfeitamente autorizado a inovar, propondo as cadeias analógicas que lhe pareçam mais oportunas e reveladoras. Nesta liberdade de construções analógicas há obviamente uma outra margem para a adaptação persuasiva dos textos astrológicos às circunstâncias concretas. Até porque não

se exige uma única cadeia analógica nem uma grande coerência no seu desenvolvimento.

Um ponto a sublinhar é a ligação particularmente intensa que estas formas do conteúdo astrológico mantêm com os seus significantes. Na concepção astrológica é essencial o nome dos signos e dos planetas. Claro que não se poderia chamar a Leão, por exemplo, girafa, sem destruir grande parte da plausibilidade e do funcionamento da máquina astrológica. Os nomes (e em geral os significantes) não são arbitrários para a astrologia. *Nomina sunt omina*. As propriedades do nome pertencem também à coisa nomeada, como por várias vezes já tivemos ocasião de sublinhar. *Este princípio da astrologia distingue de maneira fundamental o seu funcionamento semiótico do da linguagem natural e da maior parte dos meios de comunicação*. Em italiano não há nenhuma necessidade de se chamar «cane» a uma cão, e nada se modificaria se se lhe atribuísse um outro nome; de fato o âmbito das palavras sofre oscilações notáveis nos tempos históricos. Na ciência a escolha dos aparatos simbólicos é totalmente livre, mesmo que não deixe de estar sujeita a influências, e surge na base de considerações de economia e clareza. Para a astrologia, pelo contrário, não há escolha de nomes: estes são, literalmente, um destino.

Esta não arbitrariedade da significação astrológica explica a razão que leva a classificar no plano dos conteúdos os nomes, as imagens, os hieróglifos dos vários elementos: o nome de um signo zodiacal caracteriza claramente a sua forma de expressão, mas também entra ao mesmo título como elemento organizador dos seus conteúdos, e de certa maneira constitui-os.

Planetas

Ao considerarmos o repertório dos planetas, o que imediatamente nos chama a atenção é que quase todos têm nomes de divindades do Olimpo grego (normalmente na versão latina). Constituem exceções o Sol e a Lua, que, por outro lado, logo se inserem no sistema se o integrarmos com as divindades gregas correspondentes (Apolo, Hécate), ou com as mediterrânicas (Mitra, Osíris; Ísis, Ishtar). De resto, este afastamento reflete bem a posição particular que, relativamente aos outros planetas, o Sol e a Lua detêm no plano astronômico, mas também no dos conteúdos.

A analogia com as divindades olímpicas e respectivo repertório mitológico constitui em todo o caso o primeiro estrato de organização do conteúdo. Vênus, deusa da beleza e da feminilidade, corresponde ao planeta do amor, da sensualidade, da graça; Marte, deus da guerra, preside ao planeta da agressividade e da força; Mercúrio,

ladrão e mensageiro dos deuses, domina a inteligência, a vivacidade, o comércio.

Por meio da analogia com os deuses gregos, surge claramente o carácter de substantivos, de sujeitos, de «energias» autônomas que a astrologia atribui aos planetas. Um planeta possui atributos próprios, influxos próprios, que podem ser enfraquecidos e reforçados, umas vezes para o lado positivo, outras para o negativo, da configuração astrológica; trata-se definitivamente de uma pessoa, que tem certas inclinações, concorda ou não com outras pessoas-planetas, dá-se melhor ou pior em certos ambientes (signos ou casas).

Um segundo estrato analógico refere-se aos aspectos astronômicos dos planetas em questão e à sua relação efetiva com a Terra. O Sol dá vida e luz, e a sua função astrológica será a de centro vital e âmago da personalidade. A Lua move-se velozmente no céu, é o astro dominante no escuro da noite, influencia as marés, muda continuamente de aspecto; logo lhe são atribuídos a mutabilidade, a fluidez, a obscuridade das emoções, o lado feminino. E assim Marte poderá ser «vermelho», Saturno «lento e paciente», Mercúrio «instável»...

Um outro nível em que a especulação astrológica muito tem laborado é o dos hieróglifos tradicionais dos planetas, que apresentamos na tab. IX.

Trata-se de círculos, semicírculos, cruzes e setas, vagamente combinados. Dado que, «segundo a tradição hermética, o círculo representa o espírito, a cruz, a matéria», é pertinente o modo como estes elementos estão combinados, qual o que se encontra por cima, qual o que se encontra por baixo, etc. Por isso, a posição diferente do círculo nos hieróglifos de Vênus e de Marte indicaria respectivamente uma «predominância do espírito» e uma «predominância da matéria». Mas é claro que tais especulações apresentam uma grande margem de arbitrariedade. Por exemplo, a curva superior no hieróglifo de Júpiter pode ser lida como «um semicírculo que, virado para leste, para o Ascendente, exprime simbolicamente a evolução que a mente deveria concluir se utilizasse os ensinamentos da experiência», ou então como uma «hipérbole disposta ao lado esquerdo da Cruz, estabelecendo uma tensão afetiva para o ilimitado».

Concretamente, no horóscopo estas interpretações totalizantes são substituídas por outras características mais específicas. Para a astrologia, cada planeta preside a um complexo de características psicológicas que poderemos indicar com o nome clássico de faculdades da alma, e induz as respectivas tendências e predisposições, obviamente «positivas» e «negativas».

Assim, o Sol indica o núcleo da personalidade, o carácter, o espírito masculino, levando pois à vitalidade, à vontade, à autoridade, à independência, ou então ao egoísmo, ao paternalismo, à irresolução. A Lua

representa o lado inconsciente e obscuro da personalidade, o princípio feminino, a sensibilidade, e provoca a criatividade, a prudência, a gentileza, mas também a indecisão, a timidez, o melindre. Mercúrio refere-se à inteligência, à facilidade de comunicar, e pode implicar astúcia, inteligência, mas também desonestidade e presunção. Vênus diz respeito à sensibilidade, à estética, ao amor, e por isso tanto comporta beleza e harmonia como vaidade e sensualidade. Marte é a agressividade e a violência, com as suas conseqüências de energia e ambição, mas também de arrogância e inveja. Júpiter exprime a sociabilidade e a justiça, e leva ao otimismo e à serenidade, ou então à hipocrisia e à desonestidade. Saturno por fim é a disciplina e a paciência, com conseqüências de racionalidade e capacidade de sacrifício, ou então de egoísmo, pessimismo e avareza.

É fácil notar como a antropologia esboçada nesta espécie de planta abstrata da mente corresponde substancialmente a uma moral tradicional e convencional. Porém, através do jogo dos opostos é fácil conduzir esta tipologia para saídas místico-religiosas, ou então psicanalíticas (sobretudo de direção junguiana) e por fim até para áreas do movimento permissivo. Também se vê claramente como são respeitadas as oposições sintáticas que tomamos em consideração no capítulo terceiro: há planetas-faculdades masculinas e femininas, benéficos e maléficos, tanto no plano da expressão como no do conteúdo. Entre classificação sintática, material mitológico e análises das faculdades de ânimo há pois uma interligação que é determinante para o funcionamento da máquina astrológica, mas que decerto não é fácil de atribuir a qualquer consideração real de tipo psicológico. Por que razão haveria o nosso funcionamento psicológico de corresponder a uma certa projeção parcial do Olimpo grego? Como se justifica a passagem do quarto planeta do Sistema Solar ao deus da guerra, e deste ao princípio psicológico da agressividade (e à circulação arterial, ao ferro, e assim por diante, por vias analógicas)? A interrogação não deixa de ser decisiva Eis a resposta de um dos mais cultos, «modernos» e psicanalíticos astrólogos contemporâneos, André Barbault⁹:

Uma das mais desdenhosas críticas que têm sido feitas aos astrólogos é a de terem conservado, ao darem um significado aos planetas, as lendas da mitologia: Ares é o deus da guerra e das contendas, portanto Marte tem uma natureza agressiva e belicosa. Sem dúvida, não basta verificar a correspondência entre divindade e planeta, controlada estatisticamente, para nos sentirmos ao abrigo de todas as acusações. Porém, esta crítica racionalista não é válida a não ser na

⁹ Barbault 1972: 128.

medida em que recusando-se a analisar o conteúdo profundo do pensamento mítico se atém à opinião superada, segundo a qual os mitos são resultantes de uma imaginação fantasiosa. Ora, a reação profunda dos psicólogos faz com que a mitologia surja cada vez mais como criação poética do espírito coletivo (inconsciente coletivo), suscetível de alcançar verdades íntimas e de tocar os valores mais essenciais da humanidade. Que podemos nós fazer se os grandes tipos das antigas divindades postas em campo pela mitologia — Mercúrio, Vênus, Marte —, sendo na realidade arquétipos humanos perfeitos, continuam a viva sob a etiqueta moderna das classificações psicológicas?

O poeta precedeu simplesmente o cientista no conhecimento da natureza humana e, uma vez que esta última foi «sentida» ainda antes de ser «pensada», o mito não é mais do que um pré-conhecimento do mundo. Não se encontram outras explicações fundamentais para o fato de as propriedades dos planetas, reveladas empiricamente e em parte confirmadas pelas estatísticas, se coadunarem com os atributos mitológicos.

O mesmo é válido — o que é ainda mais surpreendente — para os novos planetas: a sua natureza concorda com os deuses cujos nomes possuem. Esta combinação objetiva é mais um fato para justificar a referencia aos valores mitológicos; estes últimos, todavia, não são mais do que propostas e sugestões a confiar constantemente à verificação do especialista.

Não se trata de uma justificação muito satisfatória. Recapitulando, em termos extremos, Barbault diz que o nexos nome-coisa existe nos fatos, que os primeiros a compreende-lo foram os poetas, depois os astrólogos e finalmente — um pouco — os psicólogos. Contudo, mesmo admitindo que a intuição coletiva da anatomia psíquica contida nos mitos seja verdadeira, porque haveria de se relacionar precisamente com aqueles planetas? Por que razão os movimentos destes haveriam de influenciar precisamente aquelas faculdades? O problema torna-se claríssimo para os «novos planetas», cuja «natureza» concordaria «com os deuses cujos nomes possuem». Só é pena que estes nomes tenham sido escolhidos em 1781, 1846 e 1930, por astrônomos como Leverrier e Herschel. Talvez devamos supor que nas suas dotas memórias às academias de ciências soprasse um vento de poesia e de inconsciente coletivo, visto que a «natureza» dos planetas está tão bem identificada.

Na realidade, a inversa é que é verdadeira. Não são «as propriedades dos planetas, reveladas empiricamente», a «coadunarem-se com os atributos mitológicos», mas sim estes a constituírem o seu núcleo, que depois se aplica bem ou mal a qualquer realidade concreta. Primeiro surgem os nomes, depois as aplicações e os usos. E esta é uma diferença fundamental em relação à língua da ciência, em que os conceitos têm sempre uma base operativa, mesmo que não no sentido estrito algumas vezes proposto.

Signos

O repertório mais fascinante e mais rico da astrologia é o dos signos, que também têm a maior densidade analógica. Como já disse, os signos representam na frase astrológica as qualificações, as atribuições de determinadas propriedades às forças e às faculdades representadas pelos planetas, logo aos indivíduos que as possuem. Este repertório de qualidades representa pois, por reflexo, uma tipologia de personalidade, carácter, aspecto físico. É necessário recordar que uma pessoa é de determinado signo quando o Sol aí se encontrava no momento em que nasceu; no entanto, todas as «energias» e «faculdades» dos planetas são qualificadas pelo signo em que se colocam.

Como se liga esta tipologia à definição de signo em termos astronômicos, isto é, a doze sectores de trinta graus da órbita terrestre, ou, em termos cronológicos, a doze períodos de cerca de um mês? A resposta mais simples e menos utilizável provém dos *Fenômenos*, de Arato de Soli, um dos mais antigos textos gregos que atestam a tradição astrológica, da transição do século IV para o III a. C.: «*proteron logos*» — «tradição dos antigos». Mas Aurigemma¹⁰, que cita esta fonte, aproxima-se de outras interpretações:

Na cultura astrológica grega existe uma vasta corrente que poderemos definir como racionalístico-concretista, a qual formulou um certo número de hipóteses sobre as razões desta correlação: da analogia de tipo naturalístico, que vê na associação uma imagem do Sol (...), à analogia «geórgica», à «climática», a outra ainda, largamente difundida, segundo a qual a imagem (do signo) se imporia na base da disposição dos astros (nas constelações).

«Geórgica» é a analogia entre tipologia zodiacal e ciclo do cultivo, sobretudo do cultivo do trigo, em ambiente mediterrânico: sementeira-germinação-crescimento-maturação-colheita; enquanto a climática se refere às oscilações sazonais do tempo, como é óbvio. Estas analogias naturais, baseadas nos ciclos do cultivo, do clima, da força e da posição do Sol constituem um estrato importante da forma expressiva dos signos astrológicos. Assim, os signos inverniais serão de preferência «ásperos» e «mortais», os primaveris evocam imagens de vida que nasce e de amabilidade, os estivais referem-se à força e ao calor.

Um outro estrato analógico diz respeito aos nomes dos signos e aos animais que lhes correspondem, com as suas qualidades: então Leão indicará coragem, Escorpião será venenoso, Gêmeos, dúbios, Touro, lento e pesado, e assim por diante. Ligado ao nome está o patrimônio

¹⁰ 1977: 19.

mitológico, que se pode atingir em conjunto. É por esta via que Sagitário (centauro) será dividido numa parte humana e uma animal, Escorpião será violento e explosivo, etc.

Para a forma do conteúdo também são pertinentes algumas das classificações que examinamos sintaticamente. Os signos de fogo serão fogosos, os da terra, sólidos, dois signos diametralmente opostos no círculo, opor-se-ão também semanticamente.

É pois necessário considerar os hieróglifos tradicionais, a iconografia igualmente tradicional, as aproximações com plantas, cores, metais.

Porém, para lá destes elementos de organização formal do conteúdo, os signos talvez sejam a prova mais explícita da loucura metódica que caracteriza a semântica astrológica. Tudo e o seu contrário está contido nos esquemas interpretativos que os astrólogos propõem aos seus seguidores como tipologia fundamental. Não é difícil depararem-se-nos, aqui e ali, núcleos atraentes do conteúdo, todavia é igualmente fácil iluminar contradições e intercâmbios de sentido. Dir-se-ia que cada astrólogo tem uma intuição pessoal destes núcleos semânticos e a desenvolve livremente, segundo a sua inspiração, experiência, oportunidades concretas, conveniências, sem medo de se contradizer, antes tendo o cuidado de indicar exceções, possibilidades subordinadas, tipos inferiores e superiores, variabilidade segundo os decanos, influências planetárias.

Qualificações

Portanto, é difícil orientarmos-nos em tanta confusão, e difícil sobretudo individualizar com exatidão as «temperaturas» semânticas dos signos em particular, sobre cada um dos quais se continua a escrever livros que ilustram de modos diferentes a vida, morte e milagres respectivos. Contudo, dado que o essencial dos signos é o seu aspecto qualificativo, vale a pena examinar uma série de qualificações muito sintéticas, usadas para a divulgação pelos próprios astrólogos. Para cada signo, apresentaremos um grupo destas qualificações, eventualmente positivas/negativas, para mostrar o seu grau de concordância, e as respectivas contradições¹¹.

ÁRIES

ardor, desprezo pelo perigo, entusiasmo/tirania, incoerência, fanatismo iniciativa, agressividade, coragem/impaciência, autoritarismo, paixão

¹¹ As qualificações foram extraídas, para a primeira linha, de Jacob e Valence 1949, para a segunda, de Foglia 1976, para a terceira, de Oakley 1974, para a quarta, de Martin 1977, para a quinta, de Alberti 1971 (à exceção de Áries, que aí falta).

personalidade dominadora, sem piedade mas justo, emotivo dinâmico artista fantasioso

TOURO

perseverança, tenacidade, circunspeção/taciturnidade, desconfiança, vulgaridade resistência, determinação, paciência/obstinação, conformismo materialismo continuamente ativo, cheio de saúde, emotivamente vivo e desperto fogo paciente, com cóleras imprevisas e violentas, realista

GÊMEOS

fantasia, habilidade, sutileza mental/descaramento, cinismo, manha versatilidade, abertura, multiplicidade/superficialidade, inquietação, dispersão personalidade nobre, um tanto débil, efêmero, curioso, intelectualmente vivaz, tagarela

CÂNCER

sensibilidade, delicadeza, imaginação/duplicidade, maledicência, inveja sensibilidade, inspiração, submissão/loucura, timidez, capacidade de aprendizagem, lascivo, rico de impulsos emotivos. Dinâmico mas fácil de deixar-se dominar por uma personalidade mais forte, lunar, passivo, tímido, muito pouco realista, lunático

LEÃO

generosidade, dignidade, mansidão/megalomania, expressividade histriônica, insolência, coragem, lealdade, generosidade/orgulho, paternalismo, arrogância mentalidade enquadrada, bem controlado, dotado de enorme força de vontade majestoso, ambicioso, inteligente, generoso, vaidoso

VIRGEM

paciência, precisão, humildade/mesquinhez, amoralidade, covardia análise, solidez, serviço/adulação, utilitarismo, aridez, criativo e capaz de sublimação, paciente e tolerante, amante da casa e companheiro ideal, gélido, inteligente, escassamente afetivo, não muito sincero, arrivista e sempre excessivo

BALANÇA

amabilidade, ternura e fidelidade/apatia, indolência, preguiça equilíbrio, estética, disponibilidade/indecisão, oportunismo, fragilidade excessivo e vivaz, talvez associal, excitante e aventureiro, sofisticado, sociável, interessado, sentimentalismo superficial, sentido estético

ESCORPIÃO

lógica, vontade, resistência/crueldade, ciúmes, intransigência individualismo, invenção, penetração/materialismo, anarquia, rebelião agressivo, amante da luta, potente e forte, obstinado , passional, possessivo, ciumento, desconfiado, fanático, generoso

SAGITÁRIO

amor próprio, desenvoltura, galanteria/jactância, snobismo, suficiência competitividade, aventura, lealdade/preconceito, ingenuidade, presunção astuto, forte, inteligente, emotivamente neurótico, vivaz e criativo irrequieto, vivaz, curioso, snob e infiel, original

CAPRICÓRNIO

constância, obstinação, profundidade/orgulho, frieza, avareza responsabilidade, frieza, escrúpulo/desconfiança, arrivismo, inibição caprichoso, ligeiro, sofisticado, emotivo, erótico e estimulante insaciável, ambicioso, introvertido, hipócrita, responsável

AQUÁRIO

idealismo, delicadeza, senhor de si/incoerência, desequilíbrio, mania disponibilidade, renovação, idealismo/excentricidade, individualismo, visionarismo, espiritual e artista, talvez beato, calmo e sereno, persuasivo, original, idealista, de vanguarda, despegado de tudo

PEIXES

candura, religiosidade, honestidade/egoísmo, presunção, mesquinhez receptividade, fantasia, misticismo/vulnerabilidade, indolência, incoerência licencioso, histriônico, afetado , perverso, emotivo, tímido, sonhador, impressionável, sentimental

Esta série de qualificações, que obviamente são «superficiais e de divulgação», pode ler-se por assim dizer verticalmente, pondo em série todos os itens de um mesmo texto, ou então horizontalmente, confrontando todos os que se referem a um mesmo signo.

No primeiro caso costumam surgir constelações de oposições e semelhanças, mas quase sempre bastante vagas e apenas aludidas. Ou seja, os signos não são caracterizados tanto pela afirmação de uma característica, um núcleo semântico, susceptível de ser negado e contraposto, quanto por uma tendência, ou pela pertinência de um certo eixo de valores, interesses, atitudes. A possibilidade da negação é pois interna. Os signos, mais do que contraporem-se, parecem excluir-se, afastar-se num equilíbrio de polaridade que não subdivide o espaço semântico em zonas precisas, antes o orienta segundo campos de forças.

Se, pelo contrário, se consideram em conjunto os vários textos que se referem a um mesmo signo, o afastamento é notável, tanto mais impressionante quanto se considere que as qualificações citadas não são mais do que um fragmento minúsculo das grandíssimas massas textuais que comentam cada um dos signos. Em certos casos, por exemplo Leão, parece presente uma imagem única (ou quase) e dominante; noutros (Balança, Peixes), a confusão é o dado principal. Quase sempre, porém, podem reconhecer-se pelo menos dois pólos de qualidades, relativamente independentes entre si; por vezes esta duplicidade pode reconhecer-se no interior das qualificações que de um signo dá um único texto. É possível pensar-se que estas cisões de planos semânticos sirvam para remontar à multiplicidade dos estratos analógicos que identificamos como formas do conteúdo astrológico: uma série de qualificações remonta por exemplo à analogia climática ou geórgica, e outra à que se baseia no nome e no mito.

Se do núcleo qualificativo se passar às cadeias analógicas que se referem às cores, metais, pedras preciosas, ervas, e assim por diante, os afastamentos entre as várias interpretações ampliam-se muito mais, sem possibilidade de conciliação. Assim, a Capricórnio atribuem-se âmbar, ônix, turmalina; negro, castanho, violeta, jacinto, crisântemo...

É claro que estes afastamentos, contradições, multiplicidades, diversidades de acentuação, não são estranhos ao êxito da qualificação zodiacal. Perante indicações de tendências vagas, muitas vezes genericamente humanas, organizadas segundo vários pólos, susceptíveis de aspectos positivos e negativos ao mesmo tempo, é difícil não nos identificarmos pelo menos em parte com o diagnóstico proposto. Mais do que uma análise psicológica, portanto, o reconhecimento de um signo zodiacal é semelhante à aceitação de um totem em que nos projetemos parcialmente, reconhecendo zonas de coincidência, de conflito e de projeção do desejo.

Casas

O último repertório, o das casas, é o menos rico de ressonâncias simbólicas, logo também de densidade semântica. Em geral as rasas indicam o lugar (físico ou moral) em que agem as forças personificadas pelos planetas e qualificadas pelos signos. Trata-se pois do substrato sociológico e psicológico que constitui o fundo, e atribui conteúdos concretos ao labirinto dos significados introduzidos no horóscopo pelo jogo dos símbolos astrológicos «fortes». Não que a semântica das casas se subtraia à imprecisão geral, ambigüidade e contágio semântico característico dos outros repertórios, antes a falta de centros simbólicos precisos torna o discurso deste âmbito ainda mais esfumado, mas o ponto de partida das cadeias analógicas não tem riqueza simbólica, mitológica, icônica, e portanto o resultado é bastante mais dominável, próximo de associações conceituais, mais do que de núcleos de sentido. Até o intercâmbio de nome e coisa é limitado a uma espécie de analogia entre a posição das casas no círculo zodiacal (zona «noturna» e «diurna», no início ou no fim do círculo zodiacal), que é aproximada de momentos análogos da vida humana, e à influência dos signos e dos planetas sintaticamente conexos com as várias casas do esquema de grau zero do zodíaco.

Eis as atribuições tradicionais das várias rasas, numa tabela rapidamente resumida:

- | | |
|-----|--|
| I | aspecto físico, carácter e temperamento |
| 2 | dinheiro, bens materiais, tendência para a generosidade ou para a avareza, primeira infância |
| 3 | educação, contactos imediatos, sociabilidade |
| IV | tradição, família, progenitores, bens imobiliários |
| 5 | criatividade, vida erótica e sexual, jogo, festas, teatro, filhos |
| 6 | saúde, trabalho, colaboradores, máquinas, animais |
| VII | matrimônio, associações, inimizades, ligações |
| 8 | mundo do além, experiências paranormais, hereditariedade |
| 9 | viagens, físicas e espirituais, afastamentos, descobertas |
| X | carreira, reputação, posição social |
| 11 | esperança, amizade, relações interpessoais |
| 12 | solidão, doença, inconsciente, perigos desconhecidos |

Como se vê, também aqui é difícil encontrar qualquer regra explícita de coerência. Todavia, aprofundando, extrai-se do fundo a idéia da vida como uma viagem «do material ao espiritual», recheada de obstáculos e contrariedades, que devem ser superados graças à força de ânimo (que é a filosofia habitual das adivinhações). A presença de um planeta ou de um signo mais ou menos concordante pode constituir auxílio ou

obstáculo para uma certa fase da existência, um certo campo de atividade; proporciona força ou indica pontos fracos, de acordo com a maior ou menor afinidade que se descubra ter com esta sua posição.

Um elemento que se reveste de particular importância no sistemas das casas é o Ascendente, a cúspide (isto é, o ponto 0°) da primeira casa, ou, noutros termos, o ponto do zodíaco no horizonte oriental no momento do nascimento. O Ascendente compreende as características semânticas da primeira casa, ou seja, refere-se à estrutura física e ao carácter. Comporta-se no entanto de certo modo como planeta, isto é, como sujeito do enunciado astrológico. O que conta é a sua inserção num signo, que lhe determina as características. Pela importância na interpretação de um horóscopo e também na consciência popular da astrologia, o Ascendente só é suplantado pelo Sol: uma pessoa é *do* signo em que estiver o Sol por ocasião do seu nascimento, e isto determina a sua qualificação mais profunda e geral, designa de certa maneira o seu totem. Mas para a astrologia, o Ascendente modifica esta tipologia sobretudo ao nível do aspecto físico e do temperamento.

A ASTROLOGIA É RETÓRICA

Astrologia, prática e repertório

Imaginemos querer «fazer» o horóscopo de uma pessoa, ou seja, usar a máquina astrológica para um indivíduo particular. Pela data, pela hora e pelo lugar de nascimento, deduzimos um quadro astral, isto é, um daqueles círculos zodiacais com os «quadrantes» e os «ponteiros» acertados que temos reproduzido com frequência nestas páginas.

Reparemos nos enunciados significantes simples que podemos deduzir: as relações planetas-signos (que serão dez), as relações planetas-casas (outras dez), os aspectos entre os planetas (em número variável, mas habitualmente pelo menos seis), a posição do Ascendente, as relações entre signos e casas (doze); os afastamentos dos planetas que superintendem a uma casa segundo o zodíaco de grau zero (Dispositores) para o território de outra casa. Mesmo que descuremos outros elementos secundários como os decanos ou os núcleos, não deixaremos de ter sempre uma cinquentena de itens a considerar. Se utilizarmos um dicionário explícito contido num manual de astrologia, descobriremos que a cada um destes itens corresponde um texto por vezes muito consistente (para o Sol num signo, por exemplo, ou para o Ascendente). Se manejarmos com suficiente desenvoltura o aparato simbólico dos elementos astrológicos, ficaremos em condições de compor interpretações elementares ainda mais complexas, jogando com os diversos estratos de sentido que correspondem aos símbolos. Uma relação planeta-signo, por exemplo, poderá ser lida como referindo-se a uma parte do corpo, ou a uma determinada faculdade de espírito, ou a uma têmpera psicológica fundamental, ou a uma pessoa personificada pelo planeta; e a qualificação, poderá ser aplicada a todos os registros multiformes que lhe pertencem. É óbvio que poderão ser feitos confrontos entre os vários itens para se ver como

interferem uns com os outros: por exemplo, a concentração dos planetas numa certa casa poderá tornar-se significativa, mesmo que eles não se encontrem na distância angular limite, bastante restrita, para serem considerados em conjunção. E, por outro lado, entre dois planetas (ou signos, ou casas) estruturalmente antagonistas (classificados, por exemplo, nos pólos opostos do esquema zodiacal) a «força» de um comporta a «fraqueza» do outro. Ou então, pelo contrário, a situação de um elemento de um repertório influencia a dos outros elementos que lhe estão ligados nos outros repertórios: o «estado» de Júpiter influencia Sagitário e vice-versa.

Em resumo, encontramos-nos perante uma série decisivamente vasta de interpretações elementares, perante um texto divinatório de conjunto, em bruto, bastante consistente e, de um certo ponto de vista, quase inesgotável. A cadeia das analogias semânticas, por um lado, e das referências estruturais, por outro, pode de fato prosseguir até querermos, ou quase. Todos estes itens são obviamente independentes uns dos outros, tendem a sobrepor-se, a entrar em conflito, a completar-se, a contradizer-se das formas mais variadas. O texto divinatório geral de um horóscopo, se a interpretação for apenas parcialmente completa, não pode deixar de ser uma confusão que contém tudo e o seu contrário, tal como seria o resultado do longo trabalho de um macaco à máquina de escrever. Então como saem daqui as belas seguranças que se lêem nos horóscopos?

As respostas dos astrólogos a tal pergunta são, quando muito, evasivas. Trata-se de «arte», «penetração», «experiência», «intuição». Eis, por exemplo, o que escreve Sementovski ¹:

Se o exame astrológico de um tema de natividade na sua primeira fase, ou seja, na da compilação do esquema horoscópico, da classificação e da seleção dos seus vários elementos, tem o carácter de uma pesquisa de precisão, que torna necessária uma prolongada preparação técnica, a segunda e mais importante fase, a da interpretação dos elementos recolhidos e da sua coordenação num quadro coerente, é processo puramente criativo. Esta segunda parte do exame astrológico, por sua vez, exige dotes particulares, intuição psicológica, dom de observação e de associação imaginativa, fantasia e sensibilidade, ao mesmo tempo que o maior sentido da responsabilidade, em conjunto com a faculdade de ajuizar desapassionadamente. Para que aquilo que foi intuído, observado ou associado até constituir um conjunto de imagens e de analogias persuasivas possa formar um retrato vivo do sujeito examinado, é finalmente necessária ainda uma outra capacidade: a força modeladora do artista.

Se no médico seguro do seu próprio diagnóstico ou no artista criador de obras de valor se deve presumir um talento que os torna igualmente fecundos

¹ 1977: 93-95.

num ou noutro sentido, o mesmo vale para o astrólogo. Também a interpretação astrológica de acordo com a realidade e eficaz nas suas conclusões é prova de um talento, prova de capacidades semelhantes às que distinguem um verdadeiro pianista do dileitante: enquanto o primeiro, ao executar uma peça musical, dá a sentir toda a sua beleza e faz compreender todo o seu significado profundo, o segundo, mesmo revelando virtuosidade técnica, não passa de um retransmissor de vibrações acústicas.

Tal como um quadro representa um conjunto harmonioso de traços e de cores, e como a peça tocada por um mestre do teclado é a expressão coerente de uma seqüência de motivos musicais, também a perícia astrológica é um complexo de verificações, de esclarecimentos e de indicações que toma forma e consistência depois de uma avaliação minuciosa de cada elemento particular em relação e em confronto com cada um dos outros. E é precisamente esta concentração dos resumos e dos juízos derivados do exame do tema de natividade que confere ao próprio parecer o carácter de um retrato psicológico fiel aos fatos existenciais de uma pessoa.

Embora de certo modo o parecer astrológico surja como fruto de uma criação artística, os seus conteúdos efetivos permanecem invariavelmente radicados numa realidade científica, isto é, no fato astrológico.

Análises como esta são claramente expressão de uma ideologia profissional, mais do que avaliações efetivas da prática astrológica, mas devem ser tomadas como indícios significativos. A astrologia é uma arte, defende Sementovski em pleno volume de mais de oitocentas páginas que deveria ensinar as respectivas regras. A adivinhação não se pode pois deduzir dos dados astrológicos; é uma atividade «criativa» que exige doses de intuição e de psicologia incipiente. E insiste fantasiosamente Serena Foglia ², «quem procure ler um horóscopo usando as definições dos signos, dos planetas, das casas e dos aspectos que os manuais de astrologia nos oferecem encontrar-se-á nas condições do aprendiz de feiticeiro que não tem capacidade para controlar os efeitos dos licores destilados nos seus alambiques».

E a astrologia como ciência, a astrologia computadorizável, que atribui inexoravelmente a sua sorte a cada nascimento? Eis como dela se afasta Maria Maitan ³:

Quanto ao complexo de pesquisas que estão a ser desenvolvidas com severo método científico em França e noutros locais, deve verificar-se se o discurso sobre a astrologia é aprofundado e ampliado ou então se é indigno de séria consideração.

Isto poderá ser revelado pelas máquinas e será um grande passo em frente na tecnologia astrológica, mas é bom recordar que estes horóscopos são

² 1976: 118.

³ 1968: 248.

o resultado de um método abstrato e matemático que nos apresenta dados macroscópicos porque a máquina, até hoje, não pode ter em conta fatores e relações bem mais íntimos, que são, pelo contrário, os fundamentos da psique de cada indivíduo e que o diferenciam de qualquer outro, mesmo que este tenha algumas características iguais. A máquina não pode ter em conta os símbolos e analogias de cada planeta ou de cada aspecto, caso a caso, porque cada caso é diferente de todos os outros e, tal como para as impressões digitais, não existe um horóscopo igual a outro. É a intuição do investigador que pode recolher e selecionar entre um elevadíssimo número de hipóteses as que são válidas, e as faculdades especiais do astrólogo não podem ser substituídas por um aparelho eletrônico, por mais perfeito que este seja, pois permanece sempre uma máquina.

As máquinas nunca poderão dizer até que ponto as tendências, as qualidades, as inclinações serão vividas pelo indivíduo, dado que isso depende daquilo a que chamaremos «equação pessoal» e que é um conjunto de condições externas e internas. As condições externas, juntamente com as de tempo e de lugar, são o atavismo, a hereditariedade, o ambiente, a educação e as circunstâncias e acontecimentos absolutamente independentes da vontade do indivíduo. As condições internas compreendem por sua vez:

- a) o grau de evolução pessoal;
- b) o grau de desejo de melhorar;
- c) o grau de vontade.

É óbvio que em parte se trata de defesas: *o* horóscopo dos jornais «não é científico», *o* do computador «não é íntimo», *o* que é feito a partir dos livros «não é artístico»... Toda a possibilidade de verificação desaparece perante uma técnica deste gênero e fica apenas a fé pessoal na cientificidade, intimidade, capacidade artística com que se tem uma relação pessoal, talvez, como sugere Sementovski imediatamente a seguir *ao* trecho citado, oral, de maneira a se lhe poder aplicar a técnica psicológica comum ao confessor e à quiromante, ao corretor e ao chefe de grupo.

Porém, a questão não está toda aqui. Existe evidentemente uma atividade do astrólogo que *parte* dos textos produzidos nas adivinhações elementares particulares e *produz* o texto final de conjunto. Trata-se de coordenar, unificar, superar as contradições, deduzir características dominantes. Existem regras nesta atividade? Deixemos uma vez mais a palavra aos astrólogos ⁴:

A interpretação de um tema astrológico deve sempre começar pelo exame dos quatro ângulos do céu e pela procura da dominante. Para a procura da dominante deve ter-se presente os seguintes elementos de pesquisa:

- 1) um signo zodiacal é considerado mais importante e mais forte quanto maior for o número de astros que nele confluir;

⁴ O primeiro trecho é de Maitan 1968: 254, o segundo de Sementovski-Kurilo 1977: 579.

2) um signo é considerado ainda mais forte se for ocupado pelo ASC e por astros rápidos;

3) recordar que na investigação astrológica se dá maior importância à posição dos astros de deslocação rápida;

4) os astros de deslocação lenta (Netuno, Plutão e em certo sentido também Urano) designam uma época, o modo de ser de uma geração, mais do que de um indivíduo.

A pessoa a examinar será portanto particularmente individualizada se a configuração específica do nascimento, ou seja, o instante preciso em que viu a luz (o encontro preciso do lugar e do momento), for o mais exata possível.

Se os luminares, Sol e Lua, são entre os astros rápidos os que têm maior poder, existe todavia um fator que é ainda mais importante porque é o mais móvel, logo o mais específico, e é o determinado pelo movimento de rotação da Terra. De fato, o horizonte e o meridiano, e em particular o ASC e o MC, podem apresentar, no espaço de poucos minutos, uma multiplicidade de aspectos, com todos os planetas diferentes, e, no seu percurso, atravessam cada signo zodiacal em cerca de duas horas. São por isso os fatores mais determinantes do horóscopo e é pela mesma razão que a interpretação de um tema astrológico deve sempre começar pelo exame dos quatro ângulos do céu. A presença de astro num destes ângulos, e especialmente no ASC e no MC, constitui uma forte dominante, tanto mais decisiva quanto se tratar de um planeta que tenha o seu domicílio ou se encontre nesse signo em exaltação.

Não é oportuno transcrever textualmente desde o princípio todas as interpretações relativas a um caso examinado; num primeiro tempo, precisamos de nos limitar a registrar os seus números nas rubricas adequadas, como fizemos acima. As respectivas interpretações devem ser lidas e relidas, até se ter a sensação precisa de captar os traços caracterológicos e psicológicos essenciais do sujeito a ser examinado. No pequeno arsenal que temos à nossa frente aparecerão assim os primeiros indícios do desenho futuro... a negro; num segundo tempo tratar-se-á pois de lhes dar maior relevo e de os colorir.

Se esta é a diretiva por assim dizer espiritual do trabalho, no que se refere à atuação prática será sempre útil atermo-nos aos seguintes critérios:

a) No caso de nas interpretações compiladas surgir com frequência um determinado motivo, tratar-se-á de um motivo decisivo e sobretudo de certeza que conforme com a realidade; tentar-se-á pois subordinar a esse motivo todas as outras interpretações.

b) Interpretações contraditórias não são fatalmente irreconciliáveis entre si num retrato psicológico; contraste de alma e espírito, e também nas formas de comportamento, são fenômenos que podemos considerar normais na existência de muitos indivíduos; tratar-se-á de procurar as suas causas psicológicas profundas, para nos apercebermos das razões de estes contrastes constituírem expressões reais e orgânicas de uma individualidade que, mesmo como tal, é de considerar contraditória em si.

c) Algumas entre as muitas interpretações que se referem a um tema de natividade não se enquadrarão de modo nenhum no complexo psicológico coerente que resultará de todo o trabalho interpretativo, depois da seleção e coordenação da maioria dos motivos e elementos; estes fatores por assim dizer inverossímeis poderão sempre ser eliminados sem prejudicar a orgânica da visão de vida que não deixará de aparecer com clareza perante os olhos do indagador.

Em suma, a abordagem é simultaneamente «estatística» e hierárquica. Dá-se desconto aos contrastes e incoerências na massa dos enunciados significativos; sabe-se que, se um planeta atribui saúde, haverá uma casa que preveja doença, se uma conjunção aconselha o amor, uma relação planeta-signo fala de dureza de coração, a autoridade é desprezada e respeitada, viaja-se e está-se sempre no mesmo lugar, ama-se a família e foge-se dela, tem-se filhos e não se casa... Perante esta confusão total, o astrólogo é convidado a hierarquizar, considerando certos itens (não por acaso, os mais genéricos: Ascendente, Sol, etc.) mais importantes do que outros, trabalhando a partir da configuração geral para pôr em relevo os pontos dominantes do horóscopo (por exemplo, aqueles em que se junta um número elevado de planetas), considerando os dados mais individuais (as configurações astrológicas mais fugazes), em vez das mais coletivas (as mais lentas). Ao mesmo tempo é convidado a mover-se em sentido oposto, isto é, a considerar de forma quase «estatística» as indicações das adivinhações elementares. Há umas que falam de boa sorte econômica e outras de ruína? É necessário contá-las para ver quais as que prevalecerão. O carácter é aberto ou fechado? Depende do número de votos expressos pelos astros num sentido ou noutro.

E finalmente há uma terceira estratégia para o astrólogo. As contradições que se encontram no fruto dos seus esquemas e dos seus dicionários não constituem problema para ele, não refletem uma imperfeição dos seus instrumentos. Referem-se *efetivamente* ao seu objeto. Contradições textuais aludem a contrastes de vida. Se de uma parte se extrair boa sorte e de outra desgraça no trabalho, o sujeito terá uma vida *alternada*; se uma estrela proporcionar uma alma sensível de artista e outra aconselhar uma vida de trabalho manual por ausência de dotes intelectuais e sensibilidade, pois bem, o sujeito terá sentido artístico *mas* não saberá cultivá-lo, e assim por diante.

A persuasão

O fato é que estes textos astrológicos não captam, nem podem captar, a operação fundamental que o astrólogo executa nesta fase, pois partem do pressuposto necessário de que a astrologia é «científica» (embora «artística»), ou pelo menos «verdadeira».

Na realidade o problema que se depara ao astrólogo como a qualquer outro adivinho na fase final do seu trabalho é o de como produzir uma mensagem convincente, com a qual nos possamos identificar.

Em suma, o fato de a semântica da astrologia produzir textos espantosos e, o que é mais, contraditórios não é realmente um defeito do sistema; pelo contrário, constitui o seu âmago, a sua articulação fundamental. As estrelas falam; a sintaxe é rigorosa e muito matemática; a semântica é explícita e além disso concreta, figurativa, mitológica, por isso fascinante. Porém, se o discurso resultante fosse simples, unívoco, coerente, em resumo, verificável ou refutável; se falasse de coisas concretas e identificáveis sem perplexidades; se depois se pudesse estudar facilmente experiências cruciais, para demonstrar a veracidade ou a falsidade das hipóteses particulares e também da astrologia em geral, então há muito tempo que esta teria deixado de existir, liberta das suas falsificações (o que é o mais provável) ou transformada numa espécie de física dos influxos estelares (se estes tivessem sido efetivamente encontrados). Num caso e noutro não haveria a mínima necessidade de astrólogos «artistas», ricos de «faro psicológico», mas tão-só de honestos investigadores.

Como, pelo contrário, o discurso das estrelas é confuso, balbuciante, circular, suspenso, eis que pode ser interpretado «artisticamente», ou «psicologicamente», com todas as «cautelas» inerentes. Sobretudo neste âmbito o astrólogo pode operar de tal maneira que produza uma mensagem persuasiva, que pareça dizer ao cliente algo deste e dos seus problemas, indicar-lhe soluções, identificar tendências. No fundo toda a complexa máquina da astrologia serve para dar uma base (ou um alibi) a esta operação fundamental: dar a uma pessoa um texto que lhe diga respeito, de tal modo que ela tenda a aceitá-lo como verdadeiro e significativo. Em suma, construir uma espécie de espelho textual, em que quem quer que nele se reflita encontre a sua própria imagem e sorria.

Como faz a astrologia para obter este efeito persuasivo? É claro que a existência de um texto base tão complexo e legível aos mais diversos níveis é importante, permite que o astrólogo dele extraia, sem demasiados problemas, o material que lhe sirva. Todavia, as técnicas persuasivas do discurso astrológico são diversas e sobretudo diferenciadas por níveis. Da frase genérica do horóscopo coletivo por signos emanado à meia-noite por uma TV privada ou publicado no jornal da tarde, às previsões mais complexas publicadas mês a mês nas revistas especializadas ou contidas em volumezinhos vendidos nos quiosques, aos horóscopos pessoais computadorizados, até ao diagnóstico «progressivo», feito continuamente, tendo em conta não só os astros na altura do nascimento mas também o seu aspecto no momento e as relações entre eles, para terminar com a visita pessoal em que o astrólogo interpreta o horóscopo dialogando com o cliente, há uma escala contínua de formas

divinatórias baseadas na astrologia e que têm técnicas características do seu nível. Contudo, todas se baseiam no fascínio, no halo de mistério, na fama de exatidão e ao mesmo tempo na riqueza analógica da astrologia.

Assim, por exemplo ao nível dos horóscopos nos jornais, os mecanismos são essencialmente dois. Em primeiro lugar destaca-se a identificação com um totem fascinante e ressonante como são os signos zodiacais. Esta identificação baseia-se num conhecimento que é evidente não superar o nível das análises contidas nas adjetivações a que nos referimos no capítulo precedente. E, se os retermos com atenção, é fácil ver que a identificação revela com bastante facilidade, contra a vontade ou encamisadamente, o nível dos desejos ou dos remorsos, no plano físico ou no moral. Escolhendo ao acaso neste elenco, quem se recusaria a considerar-se ao menos um pouco «ambicioso, inteligente, generoso, vaidoso» (Leão) ou então detentor de «disponibilidade, renovação, idealismo», apesar de sujeito ao risco de «excentricidade, individualismo, visionarismo» (Aquário, no pólo oposto do zodíaco)? Quem se sente completamente privado de «lógica, vontade, resistência/crueldade, ciúmes, intransigência» (Escorpião) ou de «amabilidade, ternura, fidelidade/apatia, indolência e preguiça» (Balança)? É provável que um aparato experimental oportuno esclarecesse a disponibilidade da maior parte das pessoas para se reconhecer em qualquer retrato psicológico suficientemente ambíguo e/ou contraditório.

Um segundo nível é no entanto determinante no funcionamento da astrologia popular dos jornais. As frasezinhas que exprimem a adivinhação proposta para cada signo são de um consolador e inofensivo vazio. Espalham-se conselhos de prudência, anunciam-se boas oportunidades genéricas neste ou naquele campo, adverte-se para a importância do espírito de iniciativa, superior ao sangue-frio, e sobretudo propõe-se que as pessoas não se precipitem. E tudo, podemos ter a certeza, acabará bem.

Não é preciso ter informações específicas para perceber que quase sempre estes textos são preparados um pouco ao acaso e um pouco por divertimento, como certas cartas ao diretor. Então porque são lidas e publicadas (isto é, servem para vender exemplares) estas rubricas? Trata-se evidentemente de fenômenos análogos às superstições mais banais, que podemos interpretar como sintomas de segurança. As pessoas a quem é aconselhada prudência ou anunciada uma boa notícia sentem a segurança de um rito, mesmo que não das previsões em si. E se depois estas não se realizarem (mas costumam ser escritas com tautologias cuidadas ou conselhos privados de conteúdo, de modo a *não poderem não se realizar*), o valor do rito não é de fato abalado.

A um segundo nível de profundidade, o dos livrinhos de astrologia ou das revistas especializadas, isto é, em presença de maior riqueza de

conteúdo mas ainda numa categoria coletiva (Signo, Ascendente) e não num horóscopo individual, joga sobretudo o reflexo de auto-identificação. Aqui destacam-se eminentemente as ambigüidades estruturais da semântica astrológica, a multiplicidade dos «tipos superiores» e «tipos inferiores», a indicação de «tendências» e «predisposições», de preferência a fatos precisos, a característica duplicidade de todos os símbolos astrológicos. A situação é pois caracterizada por uma espécie de dialética da diferença, em que todas as possibilidades são exploradas e o êxito da previsão é assegurado não pela tautologia por subtração de sentido característica do nível inferior, mas sim por uma espécie de tautologia por acrescentamento, por multiplicação dos termos.

Consideremos como exemplo típico o mais importante periódico de astrologia publicado em Itália, entre outros aspectos sob a marca prestigiosa do *Corriere della Sera*, *Astra*. Todos os meses *Astra* publica «O céu deste mês», que é um mapa dos acontecimentos astrais em curso (conjunções, trânsitos de planetas em signos, etc.), com adivinhações gerais, um horóscopo financeiro, um «horóscopo do mês, signo a signo», um calendário do mês com «os dias 'sim' para todos», ascendente por ascendente, uma «tabela dos encontros», que indica as compatibilidades entre os signos nos diversos dias, um horóscopo «astrobiorrítmico» e uma análise particularizada do horóscopo referente ao signo dominante nesse mês, para além de artigos vários de grafologia, espiritismo, psicanálise, horóscopos de personalidades, tudo na mais completa esordem. Além disso, de vez em quando são propostos horóscopos suplementares, «para o ano novo» ou «para o Verão». Em suma, os horóscopos são cinco ou seis para cada signo, e as contradições inúmeras. Porém, trata-se de uma vantagem e não de uma fraqueza do sistema. Se uma previsão, ou um complexo de previsões, for contraditória, resulta inevitável que alguns aspectos se realizem...

Aos níveis superiores esta contradição retoricamente frutuosa passa de extensiva a intensiva, o leque é, por assim dizer, em profundidade e não em amplitude. A estrutura do discurso toma-se pois a do elenco de qualidades ou disposições, por mais afastadas que estejam entre si; uma modalidade de discursos que se poderia caracterizar por: «sim, mas...». A ambigüidade necessária a todas as adivinhações, que aos níveis inferiores é assegurada pela banalidade do discurso, passa a ficar a cargo da contradição, do labirinto das precisões, da individualização de tendências contrastantes destinadas a combaterem-se com resultados incertos, da substituição dos fatos por possibilidades e das qualidades por tendências. Não existe um estudo dos horóscopos individuais, e por outro lado os materiais que se lhes referem são públicos; todavia, pelos poucos exemplos que podemos ver publicados ou a que tenhamos acesso em privado, não restam dúvidas de que o mecanismo retórico fundamental é este carácter de acumulação de características díspares e contraditórias.

Uma única destas que se aplique com êxito ao seu sujeito convencê-lo-á a considerar plausível toda a construção horoscópica, ou pelo menos deixá-lo-á na dúvida quanto a que também as partes que não parecem «adivinhas» lhe digam respeito num sentido mais ou menos obscuro. Para obter este resultado, o horóscopo individual não descreve um homem genérico, privado de características. Pelo contrário, o retrato é o mais rico possível em particularizações e em características, não importando mesmo que estas sejam contrastantes e incompatíveis. Os mecanismos psicológicos a que fizemos referência põem a máquina em funcionamento.

Ainda diferente é o caso em que astrólogo e cliente se conhecem, seja por viverem no mesmo ambiente, seja porque a consulta é feita pessoalmente, seja enfim por o cliente revelar, de um modo ou de outro, mais dados sobre si próprio do que os astrológicos. Neste caso a riqueza do texto divinatório já não é simplesmente fonte de rumores semânticos casuais, contradições, particularismos confusos. Nada mais fácil do que extrair de uma massa do gênero aquilo que já se sabe ou se vê graças à habitual «intuição psicológica». Numa das circunvoluções simbólicas do signo, ou na relação mais ou menos feliz entre um planeta e um signo, ou na sorte de uma casa, não pode deixar de estar aninhada a característica oportuna para o sujeito em questão, e a partir daí é fácil garantir a colaboração desse mesmo sujeito e estudar as suas reações com a técnica bem conhecida dos quiromantes e cartomantes: tentar algumas «provocações» em direções diversas e aprofundar aquelas a que o cliente reaja.

Retórica e probabilidade

A astrologia é pois uma máquina retórica. Toda a acumulação de símbolos e de cálculos matemáticos, de mitos e de categorias astronômicas, de nomes fantasiosos e de décimos de grau serve apenas de cornija fantástica para um mecanismo de soma casual de características semânticos a montar segundo oportunidade de persuasão. A distância a que se encontra, deste ponto de vista, de qualquer procedimento científico ou técnico é insuperável: a astrologia não só não acumula informações gerais a partir dos casos particulares como também nem sequer produz realmente resultados a partir dos fatos concretos a que se aplica; limita-se a fingir fazê-lo, a partir de uma fonte casual.

Na realidade, os princípios da astrologia não são leis científicas não só nem sobretudo pela sua origem, que nada nos autoriza a supor empírica, mas sobretudo pela sua estrutura lingüística. A astrologia não conhece meio termo entre a banalidade tautológica da «boa estrela» e das «dificuldades que se perfilam» e os textos intermináveis dos

horóscopos particulares, riquíssimos em exceções, filões diversos, contradições.

Os astrólogos vangloriam-se muitas vezes de uma base científica para as suas asserções gerais; mas efetivamente não existe nem pode existir material a que dar atenção sob este ponto de vista: as formulações da astrologia são demasiado vagas ou demasiado contraditórias e condicionais para poderem ser sujeitas a um teste empírico que os astrólogos não estão, por sua vez, dispostos a desautorizar devido à sua «superficialidade». De resto encontramos-los com frequência a citar os resultados mirabolantes de certas investigações que estudam a influência dos astros na vida quotidiana, com categorias muito diversas e mais simples do que as propriamente astrológicas. São então mencionadas as probabilidades altíssimas contra o acontecimento estatístico descrito nesses estudos, revelando habitualmente a mais total ignorância das leis da probabilidade. O que conta não é de fato a improbabilidade de um acontecimento estatístico (afinal de contas, todos os domingos «sai» um boletim de totobola contra uma probabilidade de 1/1 594 323), mas sim a significação do afastamento relativamente a uma distribuição de probabilidades iguais. Jung deve ter reparado nisto quando no seu estudo «Sobre a simultaneidade» utilizou materiais astrológicos; mas os astrólogos e os seus estatísticos não parecem querer aperceber-se. Então se vamos refazer as contas, por exemplo, do mais ilustre dentre eles, Michel Gauquelin, estas aparecem verdadeiramente muito pouco claras⁵.

O discurso astrológico em geral não é verificável, nem numa dimensão estatística nem a nível individual. É demasiado genérico, ou então demasiado sujeito a exceções, complicações, contradições. A sua função é de persuadir, não de informar, o que constitui a sua característica retórica fundamental.

⁵ Gauquelin 1975: 209, fala da predisposição para campeões desportivos se Marte se encontrar entre ASC e MC, cientistas se aí estiver Mercúrio, guerreiros se se tratar de Júpiter. À parte o afastamento significativo Marte/Júpiter relativamente à tradição astrológica, as suas contas, pelo que delas se compreende, parecem ter um enquadramento deficiente. Para Marte os sujeitos analisados eram 2088, e Marte estava, para Gauquelin, «452 vezes, em vez de 358, entre o momento em que nasceu e a sua culminação superior, fato que não deixa para o caso mais do que uma possibilidade em cinco milhões de ser o motivo de tal excesso de casos». À parte o fato de quem entende de estatística saber que um dado não trabalhado deste tipo não quer dizer muito, não se compreende como Gauquelin extraiu os seus dados. Entre horizonte oriental e culminação fica um quarto do arco celeste, logo os casos deveriam ser 2088/4, ou seja, 522, o que levaria a cifra observada a um afastamento negativo em relação à média. De qualquer modo, o dado de 1/5 000 000 não deriva do afastamento de 452, nem do de 358 ou de 522. Podem ser feitas observações análogas quanto aos outros dados de Gauquelin. O mínimo que se pode deduzir é uma certa confusão e inutilidade de os ter em conta. Como base estatística para a astrologia é um pouco fraco.

Retórica e primado do significante

Mas há ainda um sentido mais fundamental para se considerar a astrologia retórica, na sua estrutura básica, ainda antes de qualquer aplicação. Os princípios que temos estado a enumerar e a analisar nos capítulos sobre a sintaxe e sobre a semântica são na realidade característicos, em medida maior ou menor, de uma série de outros sistemas que podem bem ser definidos como retóricos.

Os bestiários medievais, o universo analógico de Escoto Erígena, Dionísio, o *Areopagita*, Hugo de S. Vítor, a Ciência Nova de Vico, podem disso ser considerados exemplos na história do pensamento. Trata-se, se quisermos, de lógicas «abertas» e «concretas», que permitem variados e intrincadíssimos itinerários de sentido, segundo critérios essencialmente qualitativos. Nem vale a pena dizer que muita da produção artística funciona essencialmente segundo esta lógica, que é a do *visual thinking* e da metáfora: jogo livre sobre o teclado dos significados, segundo critérios arbitrários, primado dos nomes sobre as coisas, das imagens sobre os conteúdos, do processo sobre o produto.

O problema é obviamente o da lei interna, ou o critério de seleção, a que se sobre põe uma lógica tão livre e móvel. Em geral não existe uma resposta válida com rigidez. O que decide é o contexto e o uso prático a que são destinados tais discursos. Para a astrologia, no melhor dos casos, o filão interpretativo é dado por uma certa «intuição» do objeto da adivinhação; de outra forma, por uma dialética entre coerência exterior e contradições internas.

Neste sentido pode defender-se que a astrologia é uma arte, com mais fundamento do que fazem os astrólogos para exaltarem o seu papel. A astrologia pode pois ser um bom modelo para o uso estético-retórico, não comunicativo mas sim expressivo da linguagem, em que o que conta é o livre fluir do significante, ou, se quisermos, o seu trabalho produtivo e a hierarquia dos significados é substituída por uma rede labiríntica de percursos todos igualmente praticáveis.

Houve em tempos recentes quem defendesse concepções do gênero para todo o funcionamento da linguagem ou pelo menos para toda a linguagem literária ⁶. Toda a teoria do primado do significante ou da textualidade produtiva, que só com dificuldade se aplica à literatura,

⁶ A alusão é ao grupo reunido em tomo de *Tel Quel*: Philippe Sollers e Julia Kristeva, principalmente, mas também algumas das suas fontes teóricas, de Jacques Derrida a Jacques Lacan, a Deleuze e a Guattari. Nesta altura pode avançar-se com algumas interrogações provocatórias. Será que o verdadeiro modelo das teorias do «primado do significante» e do «rizoma» é a semântica da astrologia? Será que o verdadeiro «texto produtivo» em sentido kristeviano é um horóscopo? Estará aqui verdadeiramente a origem do «*pià ir du teste*», de Roland Barthes?

encontra porém, como já tivemos por vezes ocasião de sublinhar, um modelo excelente no mecanismo da astrologia. E este pode dar oportunidade a meditações úteis.

Uma retórica cognitiva?

Esta solidariedade da estrutura astrológica com a retórica completa o discurso que por diversas vezes abordamos acerca das razões do seu êxito, da sua longevidade, resistência, capacidade de convencer.

O mecanismo da astrologia tem partes de grande precisão, que são todavia substancialmente inúteis, exceto como aparato produtor de casualidades e como pretexto científico; pelo contrário, o seu centro é uma organização semântica que já está por si construída de modo retórico, móvel, rico de possibilidades de intercâmbio, jogo, contágio. No centro desta constelação encontram-se símbolos fascinantes e complexos, como os signos zodiacais e os planetas, que consentem um fácil mecanismo de identificação totêmica. Vê-se facilmente como uma máquina assim equilibrada e perfeita, matemática quanto baste para ter autoridade, retórica na substância do funcionamento, mitológica nos seus núcleos temáticos, capaz de vários níveis de funcionamento, conseguiu sobreviver muito mais do que outras formas de adivinhação mais imediatas e mais evidentemente arbitrárias, como a leitura da mão ou das cartas. Não existe literalmente na nossa cultura nenhum outro aparato cultural tão rico de defesas: à religião falta a cobertura científica; a literatura não fornece consolações nem segurança; à ciência falta um aparato retórico com tal fascínio... É provável que noutras culturas possam ser encontrados fenômenos de crença e prática divinatória igualmente complexos e articulados. Pense-se por exemplo nos I Ching chineses, tão diferentes na forma, na técnica divinatória, na fonte casual, e ao mesmo tempo tão semelhantes do ponto de vista da máquina retórica, do primado do signficante, do jogo ambigüidade-contradição.

Contudo, neste ponto insere-se um outro problema. Que tipo de retórica é a da astrologia? Ou melhor, qual é, dentro da nossa cultura, a função de uma máquina retórica como a astrológica? A resposta imediata fala de tranqüilidade, de redução das inseguranças, da necessidade de dominar, pelo menos de forma fantasiosa, as ameaças e as incertezas do desconhecido. São estas as respostas que a antropologia tem tradicionalmente fornecido para o êxito das práticas mágicas e divinatórias, para a sua extraordinária difusão intercultural.

É no entanto evidente que uma resposta do gênero não basta. Refere-se ao campo de funções em que a astrologia se move, não à sua especificidade, não, em particular, à sua riqueza retórica. Na realidade esta tem muitas vezes uma função cultural bastante precisa e importante, um

valor cognoscitivo que estamos habituados a negar-lhe, confundindo-a com simples palavreado de efeito mais ou menos caviloso. Vico foi provavelmente o primeiro a compreender como a estrutura da língua está entretecida de retórica e como por isso a retórica é modalidade fundamental na evolução da linguagem e do conhecimento. Todas as teorias dos modelos da ciência contemporânea, da Física à Lógica e à Psicologia, confirmam esta importante função cognitiva dos modelos da analogia, da metáfora; numa palavra, da retórica.

Observações análogas são comuns em lingüística. Se escrevo como Apollinaire «a porta da pousada sorri terrivelmente», afirmo de fato qualquer coisa, forneço uma informação original referente à minha pousada, à minha relação com ela. Se, por outro lado, se tratar das «rosas das faces» de uma jovem, a informação é bastante mais reduzida; e «o arco de uma ponte» perdeu alguma carga retórica, *logo* informativa.

Sob este ponto de vista, é importante interrogarmo-nos sobre a qualidade da retórica astrológica. «Ser de Câncer» é como o sorriso da pousada ou como o arco da ponte? Consideremos como mais provável a segunda hipótese. Não há descoberta, não há invenção, não são evidentes nexos reais na retórica astrológica. Embora a sua possível contextualização semântica seja indefinidamente rica, os símbolos astrológicos não deixam de ser sempre os mesmos. Não se trata pois de uma linguagem que se refira realmente ao mundo da nossa experiência, a não ser para nele procurar características casuais. Objetos concretos como a Balança, animais raros como o Leão ou míticos como o Sagitário não se diferenciam do ponto de vista astrológico. Trata-se enfim de um sistema complexo de metáforas congeladas há séculos. Mas não se pode negar tranquilamente todo o carácter cognitivo à retórica astrológica. Dizendo a alguém que é Leão decerto descobrimos muito pouco dessa pessoa em termos de nexos reais, menos do que se disséssemos, por qualquer razão, que é, por exemplo, como um avião *DC 10*. Porém, ao mesmo tempo dizemos mais do que se anunciássemos tratar-se de um leão (com letra minúscula), o que seria metáfora verdadeiramente consumada. Não falamos só de coragem, com o signo zodiacal, mas também de outras características (desinteresse, lealdade, etc.) que atualmente têm aos nossos olhos muito pouco a ver com o animal, apesar de talvez no passado lhe terem estado ligadas.

A tipologia dos signos, portanto, embora não seja exclusiva ou realmente classificatória, porque, como dissemos, na prática qualquer pessoa se pode identificar com qualquer signo, está em condições de funcionar de maneira metaforicamente rica e cognitiva. Logo, a partir daqui é possível sustentar, como faz Aurigemma, que os signos são intuições profundas do nosso inconsciente mais ou menos coletivo ou cultural: uma tese tão difícil de rebater como de falsificar. Mais do que uma grelha efetiva de classificações, em qualquer caso, tratar-se-ia de uma

galeria de tipos ideais. A astrologia então não é ciência, não é retórica em sentido rico, mas não deixa de ter uma função cultural de certo modo cognitiva, que justifica o seu rico aparato para além do valor consolador. Trata-se precisamente do seu mecanismo lingüístico, que forneceu durante séculos os termos para falar dos homens do ponto de vista caracterológico e tipológico. Ainda hoje muitos modelos teóricos da Psicologia (desde as classificações em tipos psicológicos ao modelo energético da mente como teatro de forças) derivam desta imagem astrológica; e ainda hoje parece mais interessante falar de um «típico nativo de Balança» do que de um «introvertido».

O discurso que podemos fazer acerca dos nossos semelhantes, a forma de os classificar, a nossa própria autoconsciência, constituem o objeto sobre o qual a astrologia faz desde sempre retórica. E isto reserva-lhe na nossa cultura um lugar que não é indiferente.

Há já muito tempo, porém, que também estas funções se degradaram e delas não resta mais do que um fantasma ou a exploração mais banal. Se a astrologia foi em tempos «científica» ou cognitiva, tanto no plano astronômico como no psicológico; se teve um lugar na vida cultural da Antiguidade e do Renascimento, já há muito perdeu esse papel, que é irrecuperável.

DICIONÁRIO DOS SÍMBOLOS ASTROLÓGICOS

Os signos do zodíaco e os seus hieróglifos

Balança



Escorpião



Sagitário



Capricórnio



Aquário



Peixes



Áries



Touro



Gêmeos



Câncer



Leão



Virgem



Os hieróglifos dos planetas

Sol



Lua



Mercúrio



Vénus



Marte



Júpiter



Saturno



Urano



Netuno



Plutão



BIBLIOGRAFIA

- Alberti, Lucia
1970 *I segni e l'amore*, Rizzoli, Milão.
1971 *Astrologia e vita quotidiana*, Sugarço, Milão.
- Angela, Piem
1978 *Viaggio nel mondo del paranormale*, Garzanti, Milão.
- Anonimo
1970 *Antico manuale per fare carte e leggere la mano*, Il Gattopardo, Roma.
- Aurigemma, Luigi
1976 *Il segno zodiacale dello Scorpione*, Einaudi, Turim.
- Barbault, André
1972 *Trattato pratico di astrologia*, Morin, Siena.
- Bastide, François-Régis
19754 *Lo zodiaco, segreti e sortilegi*, Longanesi, Milão.
- Blakeley, John
1976 *La torre mística dei tarocchi*, Ubaldini, Roma.
- Blofeld, John
1965 *The Book of Change*, Allen and Unwin, Londres. Trad. it. *I Ching – il libro della mutazione*, Mondadori, Milão. Boll, Franz, Bezold, Franz e Gundel, Wilhelm
1977 *Storia dell'astrologia*, Laterza, Bari.
- Caminito, Claudia
1970 *La bibbia dei diavolo*, Il Gattopardo, Roma.
- Couderc, Paul
19744 *L'astrologie, P.U.F.*, Paris, Trad. it. *L'astrologia*, Garzanti, Milão, 1954.
- Cousté, Alberto
1971 *El Tarot o la maquina de imaginar*, Barral Editores, Barcelona Trad. it. *Il tarocco*, Bompiani, Milão.
- Dal Pra, Mario
1977a «Alchimia» in *Enciclopedia Einaudi*, vol. 1, Einaudi, Turim.

- 1977b «Astrologia» in *Enciclopedia Einaudi*, vol. 1, Einaudi, Turim. De Givry, Grillot
- 1968 *Il tesoro delle scienze occulte*, Sugarço, Milão.
- De Martino, Ernesto
- 1944 *Il mondo magico*, Boringhieri, Turim, 19735.
- 1959 *Sud e magia*, Feltrinelli, Milão, 19766.
- 1976 *Magia e civiltà*, Garzanti, Milão.
- Di Nola, Alfonso
- 1979 *Inchiesta sul diavolo*, Laterza, Bari.
- Durkheim, Emile, Hubert, Henry, Mauss, Marcel
- 1977 *Le origini dei poteri magici*, Boringhieri, Turim.
- Feyerabend, Paul
- 1973 *Contro il metodo*, Lampugnani Nigri, Milão.
- Foglia, Serena
- 1976 *L'alfabeto delle stelle*, Mondadori, Milão.
- Foglia, Serena (ed.)
- 1977 «I segni dello zodiaco», collana di volumetti, Armenia, Milão.
- Garin, Eugenio
- 1954 *Medioevo e Rinascimento*, Laterza, Bari.
- 1958 *Studi sul platonismo medievale*, Florença.
- 1961 *La cultura filosofica del Rinascimento italiano*, Florença. 1977 *Lo zodiaco della vita*, Laterza, Bari.
- Gauquelin, Michel
- 1975 *Dossier delle influenze cosmiche*, Astrolabio, Roma. Gibson, Walter e Gibson, Litzka
- 1970 *Il libro delle scienze psichiche*, Boldini, Milão.
- Innes, Brian
- 1976 *Astrologia e oroscopo*, De Agostini, Novara.
- Jacob, Max e Valence, Claude
- 1949 *Miroir d'astrologie*, Gallimard, Paris. Trad. it. Adelphi, Milão, 1978.
- Jung, Karl Gustav
- 1950 *Psicologia e Alchimia*, Astrolabio, Roma.
- Lucarelli, Antonella
- 1974 *Il bisogno di magia*, Guaraldi, Florença.
- Maitan, Maria
- 1968 *Fatevi il vostro oroscopo*, Feltrinelli, Milão.
- Martine
- 1978 *Astrologia sessuale*, Mondadori, Milão.
- Mauss, Marcel
- 1965 *Teoria generale della magia e altri saggi*, Einaudi, Turim. Morin, Edgar (ed.)
- 1971 *Le retour des Astrologues*, «Le Nouvel Observateur»,

Paris. Trad. it. Bompiani, Milão, 1972.

Morpurgo, Lisa,

1975 *Introduzione* all'astrologia, Longanesi, Milão, 1976. Oakley,

Gilbert

1974 *Astrologia e vita sessuale*, Longanesi, Milão.

Sementovski-Kurilo, Nicola

19776 *Astrologia – Trattato completo teóricoprático*, Hoepli, Milão.

Sicuteri, Roberto

1978 *Astrologia e mito*, Astrolabio, Roma.

Vasoli, Cesare (ed.)

1976 *Magia e scienza nella civiltà umanistica*, Il Mulino, Bolonha.

Ugo Volli, um professor de Filosofia da Linguagem da Universidade de Bolonha, faz neste livro um estudo da Astrologia abordando-a do ponto de vista semiótico, enquanto linguagem estruturada como sistema de conceitos distribuídos por vários níveis de discurso — em que os planetas indicam faculdades psicológicas, os signos dão colorido a esses aspectos psíquicos, as casas são áreas de atividade ou de interesse onde se jogam tais aspectos assim qualificados — e com uma apertada rede de oposições, analogias, traços distintivos e outras categorias estruturantes que irão produzir a narrativa mais abrangente que é o horóscopo individual. A máquina da Astrologia é aqui desmontada peça a peça, nos seus modos de funcionamento, nos seus jogos de linguagem, lançando-se uma nova e esclarecedora luz sobre a razão de ser deste antiquíssimo «saber e sobre a sua capacidade de persuadir e de explicar, que ao longo dos séculos tem suscitado o entusiasmo e a adesão de tanta gente.